

MESTRADO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE
MUZAMBINHO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
BRASILEIRA

WILIAN PERES LEMOS

Campinas
1999

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

WILIAN PERES LEMOS

**A ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE
MUZAMBINHO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA
BRASILEIRA**

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Wilian Peres Lemos e aprovada pela Comissão Julgadora em 15 de dezembro de 1999.



Prof. Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal
Orientador

Campinas – SP
1999

UNIDADE	80
Nº CHAMADA	UNICAMP L544e
V	EX
TOMBO BC/	54580
PROC.	16-124103
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	08/10/03
Nº CPD	

CM00186367-1

BIB ID 295001

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF UNICAMP

L544e Lemos, Wilian Peres
Escola Superior de Educação Física de Muzambinho no contexto da Educação Física Brasileira / Wilian Peres Lemos. - Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador: João Batista Andreotti Gomes Tojal
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Educação Física-Brasil. 2. Escola Superior de Educação Física de Muzambinho-História. 3. Formação profissional. I. Tojal, João Batista Andreotti Gomes. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

AGRADECIMENTOS

A João Batista Andreotti Gomes Tojal, por ter sido responsável pela realização de um sonho que já estava se tornando utópico.

Aos professores e funcionários da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho que, nesta longa jornada, soubemos conviver fraternalmente e perseguir o bem e a verdade.

Aos 1464 professores formados pela Escola Superior de Educação Física de Muzambinho, por propiciarem uma permanente aprendizagem e constante busca de aperfeiçoamento nas relações humanas.

Aos companheiros de diretoria da Fundação Educacional Muzambinho, pelo incansável apoio e permanente demonstração de espírito comunitário.

Ao Dr. Antero Veríssimo da Costa e ao Frei Rafael Zevenhoven pelo exemplo de como viver e lutar.

Ao Bráulio Araújo Júnior e Roberto Rodrigues Paes, pela inestimável ajuda dando forma e polimento a este trabalho.

A Osmar de Souza Magalhães pelo incansável trabalho de editar esta dissertação.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Educação Física da UNICAMP pelo prazer e generosidade do convívio e por propiciarem a oportunidade de repensar e transformar minha conduta profissional.

A todos os professores, das mais diversas Escolas de Educação Física do país, que nos visitaram e que se tornaram amigos inesquecíveis, sustentando com suas presenças toda nossa fragilidade.

A Muzambinho, que tão carinhosamente acolheu minha família e me fez "cidadão honorário".

RESUMO

A Escola Superior de Educação Física de Muzambinho, MG, está inserida na menor cidade (aproximadamente 20 mil habitantes) entre as mais de 150 outras Escolas da área no país. Nesta dissertação procurou-se contextualizar sua criação e desenvolvimento, indagando as causas de sua gênese em 1971, e a sua influência no processo histórico da região sudoeste de Minas Gerais e leste de São Paulo, ao mesmo tempo, relacionou-se os fatos com aqueles vividos pela comunidade da Educação Física Brasileira. Entre os pressupostos que sustentaram a criação da Escola destacam-se: a inexistência de professores habilitados, o amplo mercado de trabalho para aulas de Educação Física nas inúmeras escolas, a legislação que incentivava a abertura de escolas particulares, a existência de uma única escola de Educação Física no Estado de Minas Gerais e as condições culturais e sócio-econômicas propícias na época. Trata-se de uma pesquisa histórica na sua forma interpretativa que, além de descrever os fatos, analisa e explica porque aconteceram. Inicialmente, a partir de uma síntese sócio-econômico-político-educacional dos anos 60/70, procurou-se oferecer um panorama histórico para melhor entendimento da origem da Escola. A seguir destacou-se os resultados alcançados no desenvolvimento da sua existência, enfatizando não só o curso de graduação, mas também outras iniciativas como: pós-graduação "lato sensu", Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento, Centro de Pesquisa, Congresso Interno de Ciência do Movimento, Centro de Extensão e o projeto de Revistas de Educação Física, Esporte e Lazer On-line. Ao final apresentaram-se algumas considerações baseadas em duas formas de analisar os acontecimentos. Primeiro lançou-se um "olhar para trás", o que permitiu concluir que a criação da Escola tornou-se um marco referencial na região de sua abrangência, contribuindo para a melhoria dos serviços ofertados à sociedade, através de profissionais habilitados. Simultaneamente, ao lançar um "olhar para frente", ficou patenteada, a longa caminhada a ser empreendida, consubstanciada através de sugestões de prioridades para a melhoria da qualidade do processo de formação dos futuros professores.

Palavras-chave: Educação Física, História, Formação Profissional

ABSTRACT

The Physical Education Faculty of Muzambinho, MG, is located in the smallest city (about 20 thousand inhabitants) among more than 150 other Schools in that part of the country. It was tried, in this essay, to put in the context its creation and development, questioning the cause of its genesis in 1971, and its influence in the historical process of the southwest region of the State of Minas Gerais and the east of the State of São Paulo, at the same time, the facts were related to those experienced by the Brazilian Physical Education Community. Among the reasons that supported the creation of the School, stand out: the nonexistence of qualified teachers, the wide work market for Physical Education classes in the countless schools, the legislation which stimulated the opening of private schools, the existence of an only Physical Education School in the State of Minas Gerais and the cultural and social economical conditions propitious at that time. It is about an interpretative historical research, which besides describing the facts, analyses and explains why they have happened. At first beginning from a social economic political and education synthesis of the 60'/70', it was tried to offer a historical panorama for a better understanding of the School origin. Afterwards, it was stood out the reached results on the development of its existence, emphasizing not only the graduation course, but also other incentives as: post graduation "lato sensu", "Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento", Research Center, "Congresso Interno de Ciência do Movimento", Extension Center and the project of Physical Education, Sports and Leisure Magazines On-Line. At the end some considerations were presented, based on two ways of analyzing the occurrences. First of all, a "look to the past" was taken, what turned possible to conclude that the creation of the School became a landmark of reference in its comprehended region, contributing for the improvement of services offered to society by qualified teachers. Simultaneously, upon taking "a look to the future" the long walk to be undertaken was manifested, consubstantiated by suggestions of priorities for the improvement of the quality of future teachers' educational process.

Keywords: Physical Education, History, Professional Formation

SUMÁRIO

Capa	i
Página de Aprovação.....	iii
Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vii
Resumo.....	ix
Abstract.....	xi
Introdução.....	1
Capítulo I - O Contexto Sócio-Econômico-Político-Educacional nos anos 60 e 70.....	6
Capítulo II - O Movimento Político Militar de 1964.....	12
Capítulo III - A Educação Física nos anos 60/70.....	18
1. A Educação Física em Minas Gerais.....	20
Capítulo IV - A questão metodológica.....	23
1. A pesquisa histórica: conceitos e características.....	23
2. A pesquisa histórica no Brasil	28
3. A pesquisa histórica na Educação Física e Esporte.....	29
4. Problemas da pesquisa histórica em Educação Física e Esporte no Brasil.....	30
Capítulo V - Sinótese da história de Muzambinho.....	33
Capítulo VI - A história da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho.....	37
Capítulo VII - O desenvolvimento da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho.....	60
1. Alguns resultados alcançados.....	60
1.1. A pós-graduação "lato sensu".....	64
1.2. O Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento.....	79
1.3. O Centro de Pesquisa – CENPES.....	98
1.4. O Congresso Interno de Ciência do Movimento.....	103
1.5. O Centro de Extensão – CENEX.....	104
1.6. Revistas de Educação Física Esporte e Lazer On-line- REFELNET.....	106
1.7. Cursos de Extensão.....	110
Capítulo VIII - Considerações finais.....	111
1. Um "olhar para trás".....	112
2. Um "olhar para frente".....	115
Referências bibliográficas.....	117
ANEXO I - Escolas e Cursos de Educação Física do Brasil.....	123
ANEXO II - Professores que lecionaram/lecionam na ESEFM.....	148
ANEXO III - Formandos da ESEFM de 1974 até 1998.....	153
ANEXO IV - Alunos dos cursos de Pós-graduação "lato sensu".....	179

INTRODUÇÃO

Como participante de todo o processo da gênese da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho - ESEFM, não raras vezes, percebo-me quieto, indagando sobre as causas que deram origem a sua criação, no ano de 1971, período onde inexistia uma política de Educação Física e Esportes na região de sua abrangência, ou seja, sudoeste de Minas Gerais e leste de São Paulo.

Essa questão inquietante tem me conduzido para buscar reviver a História e agora, como integrante de um programa de mestrado da UNICAMP, surgiu a real oportunidade para desenvolver um estudo criterioso, metódico, que permita encontrar a questão motivante para a existência da ESEFM, sem que, contudo, os pressupostos acabem parecendo fantasias de uma história que um dia vivenciei.

A Educação Física nos anos 60/70 era essencialmente relacionada com a área escolar, sendo este o segmento do mercado de trabalho almejado pelos formandos nas poucas Escolas existentes. Na região sudoeste de Minas Gerais e leste de São Paulo, existiam muitas escolas de ensino fundamental e médio e, portanto, uma enorme clientela para as aulas de Educação Física, ministradas principalmente por professores leigos.

Nestas circunstâncias, embora alguns leigos, auto-didatas, conseguissem desempenhar a contento sua missão nos colégios, a grande maioria era totalmente despreparada para o entendimento do real significado e valor da Educação Física para a vida das pessoas. A Educação Física Escolar, neste contexto, estereotipou a conduta dos professores, na verdade disciplinadores, o que projetou na sociedade uma imagem totalmente deformada, pois bastava ser habilidoso e bastante enérgico para preencher os quesitos necessários e assegurar uma vaga como professor de Educação Física nas escolas.

Nesta época existia apenas a Escola de Educação Física de Minas Gerais, localizada em Belo Horizonte. Havia enorme dificuldade para preenchimento das vagas, sendo a presença de alunos do sexo masculino muito reduzida (na minha turma de 1965, éramos apenas oito). Lembro-me bem que tínhamos, como alunos do curso de graduação em Educação Física, um sentimento de inferioridade em relação às outras áreas acadêmicas.

Devido aos fatos citados da atuação dos leigos e da visão distorcida que a sociedade possuía, ficava mesmo difícil justificar a necessidade de um curso superior para “estudar” Educação Física principalmente no seio das famílias. Os pais, sonhando com um filho médico, advogado ou engenheiro, não se conformavam com esta alternativa, incompreensível para eles. Não me recordo ter visto algum colega de agasalho (uniforme obrigatório) fora da Escola, andando pelas ruas de Belo Horizonte (no entanto, atualmente, usar agasalho significa ser esportista e dá status). Estas talvez sejam algumas das razões para tão poucos interessados no vestibular naquela época.

A solução para o problema seria, no meu entendimento, a criação de uma Escola de Educação Física no interior, capaz de suprir melhor a demanda existente. A Escola de Educação Física de Minas Gerais, até 1969, havia diplomado apenas 431 professores, dos quais apenas a metade estava registrada no Ministério da Educação e Cultura - MEC, indicando que não estavam exercendo a profissão. Nesta época constatou-se a existência de 3.000 professores leigos lecionando com autorização da Inspeção Seccional de Educação Física do MEC em Belo Horizonte (Souza, 1996).

O momento vivido no país com o Movimento de 64, era propício para a criação da ESEFM, pois a reforma empreendida no ensino superior incentivava a privatização das escolas, principalmente na forma de Instituições de Ensino Superior - IES. Sabe-se bem da notória influência dos militares na Educação Física brasileira e, assim sendo, a legislação elaborada neste período tornava obrigatória a Educação Física em todos os níveis de ensino. Esta decisão, simultânea à expansão das escolas de ensino fundamental e médio, estimulou o aumento do número de vestibulandos nos cursos de Educação Física. Evidentemente que, neste momento, não nos interessa discutir a intenção com que a obrigatoriedade foi utilizada pelo sistema pois, conforme a opinião de alguns autores como Castelani Filho (1988) e Ghiraldelli (1992), a Educação Física e os Esportes foram utilizados no sentido de assegurar a doutrina de Desenvolvimento e Segurança, pelas suas capacidades de canalizar fortes emoções. Ainda, segundo Castelani Filho, buscava-se com o incentivo às atividades físicas, contribuir na formação de consciências dóceis além de, especialmente no ensino superior, colaborar no esvaziamento de rearticulação política dos estudantes.

Aliado a este novo panorama político e sócio-econômico, generalizava-se nas cidades interioranas, o conceito de que o progresso estaria ligado a implantação de um curso superior.

Muzambinho, embora uma cidade pequena com 20 mil habitantes, sempre desfrutou de grande prestígio cultural na região em virtude da existência, desde 1901, do Lyceu de Muzambinho, colégio por onde passaram notáveis personalidades, em vários campos do conhecimento. A cidade era um grande centro cultural. O Lyceu teve como sucessor o Colégio Estadual de Muzambinho, também famoso pela excelência do corpo docente, e pelo número de cursos que oferecia.

A economia da região era, e é, essencialmente baseada na agropecuária - café e leite - e na ocasião vivia momento de euforia pela boa cotação que o café estava obtendo.

É possível que estes 4 itens abaixo tenham motivado a comunidade a apoiar o projeto que visava criar a ESEFM:

- mercado amplo nas escolas de toda região para professores habilitados em Educação Física, já que os existentes eram, na sua grande maioria, leigos,
- legislação que incentivava a abertura de instituições de ensino superior particulares,
- somente uma escola de Educação Física em todo estado de Minas Gerais,
- condições culturais e sócio-econômicas propícias em Muzambinho e região.

Sendo estes os pressupostos que direcionaram a história da criação da Escola, creio que este trabalho pode dar conta de atender ao objetivo principal de contextualizar os momentos vividos pela ESEFM, sua influência no processo histórico da região sudoeste mineira e leste paulista, relacionando-os com aqueles vividos pela comunidade da Educação Física Brasileira.

Assim, em complementação a este objetivo principal, o estudo aqui desenvolvido pretende dar conta de analisar o momento histórico vivido, a partir da existência da ESEFM, centrando-se na intenção de responder, prioritariamente, a questão: o que representou a sua criação no contexto social da região sudoeste de Minas Gerais e leste de São Paulo?

Desde a implantação do primeiro curso de Educação Física no Brasil em 1939, houve um significativo crescimento até chegarmos nos dias de hoje a aproximadamente 160 cursos superiores (anexo I). Inicialmente

vinculados a estrutura administrativa federal, a expansão do número de cursos/escolas recebeu uma notável contribuição de outras esferas, notadamente as escolas particulares, na “explosão” da década de 70 e 80, contexto em que se insere a criação da ESEFM.

Visando atender sua região de abrangência, a ESEFM tem desenvolvido um trabalho para a formação de professores de Educação Física que, no decorrer da sua história, tem resolvido alguns problemas relevantes como a mudança de postura do professor, no sentido de sua maior competência e compromisso com a formação dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar, no incentivo para a prática de atividade esportiva e conseqüente aumento da participação em eventos regionais.

Além do que, no decorrer do tempo, a ESEFM idealizou, organizou e desenvolveu eventos que contribuíram para a sua difusão no contexto da Educação Física Brasileira, num permanente esforço em manter intensa integração dos profissionais da área, notadamente através da realização do Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento, criado em 1981 e já na sua 6ª edição. Como parte deste esforço merece ser destacada a implantação dos cursos de pós-graduação “lato sensu”, em 1979, sendo atualmente realizado o décimo curso. É preciso ressaltar que a Escola foi a pioneira no Estado de Minas Gerais, a implantar este sistema de oferta de aprimoramento profissional.

Baseado no pressuposto de que o equacionamento dos problemas regionais, relacionados à Educação Física, ocorreu devido à ESEFM, e não existindo nenhuma matéria copilada sobre os seus 27 anos de existência, torna-se necessário divulgar as modificações que ela provocou, em especial para seus professores (anexo II) e alunos, e assim poder estar respondendo à questão de estudo indicada anteriormente.

Com este intuito, alguns procedimentos metodológicos serão desenvolvidos visando levantar, através de análise documental e bibliográfica, qual o contexto sócio-econômico-político-educacional que existia no país nas décadas de 60 e 70. Para tanto, a base será a pesquisa histórica, na sua forma interpretativa (Thomas e Nelson, 1985), cuidando-se de contextualizar os fatos estudados.

Assim sendo, no Capítulo I realizou-se uma sinópsese do contexto sócio-econômico-político-educacional nos anos 60 e 70, ocasião em que foi criada a Escola Superior de Educação Física de Muzambinho, na tentativa de

dar o significado desta iniciativa. No Capítulo II relatou-se alguns acontecimentos relevantes para este trabalho durante o movimento político militar instalado em 1964. No Capítulo III descreveram-se aspectos específicos da Educação Física no Brasil e em Minas Gerais neste período. O capítulo IV traz a metodologia utilizada, que foi a pesquisa histórica, através de seus conceitos e características gerais até suas particularidades em relação à Educação Física e ao Esporte. O Capítulo V relata uma breve história da cidade de Muzambinho para melhor localização e entendimento do ambiente onde se insere a Escola Superior de Educação Física. No Capítulo VI registra-se a história da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho resgatando os atores principais, os acontecimentos, as dificuldades e os tropeços, no sentido de ajudar a entender a intencionalidade de sua criação e seu significado na região onde está inserida. No Capítulo VII apresentamos o desenvolvimento da Escola, nos seus 28 anos de existência, com a descrição de alguns resultados alcançados neste período. No Capítulo VIII, relacionado com as considerações finais, lança-se um "olhar para trás", desvendando os acontecimentos ocorridos e estabelecendo 3 períodos distintos da trajetória da Escola, além de um "olhar para frente", na tentativa de realizar algumas previsões e indicar determinadas prioridades. Concluiu-se que a presença da ESEFM propiciou uma nova era para a Educação Física na região, com profundas transformações na maneira de entender seu significado social, mercê da formação de profissionais com curso superior; com reflexo na implantação, nas cidades de sua vasta região de abrangência, de uma política de Educação Física e Esportes.

CAPÍTULO I - O CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO-POLÍTICO-EDUCACIONAL NOS ANOS 60 E 70

A década que antecedeu os anos 60, embora traumatizada pela violência das atrocidades da II Guerra Mundial, prometia novos tempos de paz, prosperidade e bem estar para humanidade. Iniciava-se um período de transformações comportamentais e de valores que iriam influenciar o modo de vida futuro, entre elas: emancipação sexual da mulher com a pílula anticoncepcional; a aceleração da produção padronizada, capaz de tornar obsoletos diversos bens em curto espaço de tempo; o incentivo do consumo através da propaganda e do crediário principalmente de eletrodomésticos e automóveis e a gradativa ascensão da TV; com o sucesso das viagens espaciais e dos satélites. Deve-se salientar ainda que, simultaneamente, as inovações técnicas e artísticas no cinema, produzindo mitos como Marilyn Monroe, Marlon Brando e James Dean, e surgimento, na música, do "rock and roll" e seu ídolo máximo Elvis Presley, compuseram um novo cenário no modo de agir da juventude (Rodrigues, 1994).

No Brasil, a década de 50 foi marcada pela intensa movimentação política e social, fruto dos conflitos gerados pela instalação de um processo de modernização.

Sucedendo Getúlio Vargas, tomava posse em 31 de janeiro de 1956 o presidente Juscelino Kubitschek, eleito com 36% dos votos. O seu discurso era desenvolvimentista visando despertar à esperança do povo para construir uma grande Nação. Da mesma forma, como Getúlio Vargas, também foi classificado como populista e fenômeno semelhante a outros processos políticos na América Latina. Na sua oratória, JK eliminava as diferenças de interesses e necessidades das classes sociais, apregoando um país com objetivos nacionais, com todos unidos em torno do seu projeto de desenvolvimento, o qual tornava-se a síntese da "vontade coletiva". Os litígios entre empregador e empregado deveriam buscar o consenso de forma pacífica. Caberia ao governo "sintetizar, expressar e atualizar" a "vontade coletiva", levando-se em conta a relação do Executivo com os partidos políticos e o Legislativo e a posição da Nação nas suas relações com outros países (Rodrigues, 1994).

A atuação de JK abriu as comportas para a internacionalização da economia, patenteando que o desenvolvimento econômico só seria possível através de uma efetiva participação do Estado (Noronha, 1994).

Nesta época uma série de acontecimentos demonstrava e estimulava a euforia reinante, entre eles: o Brasil campeão mundial de futebol, o surgimento da bossa-nova, o cinema novo, a construção de Brasília e a abertura de rodovias.

Durante este período, com a instituição do Plano de Metas (1956/60), dobrou-se a produção industrial, foi criada a indústria automobilística, construíram-se 20.000 km de rodovias e mudou-se a capital do país com a construção de Brasília, entretanto também os problemas se avolumaram. A inflação aproximava-se dos 40%, com enorme déficit público. A agricultura não recebia a atenção devida, o que refletia não só nos altos preços dos produtos alimentícios como na sua escassez. A migração rural, rumo às grandes cidades, contribuía para o aumento das tensões sociais (Paes, 1995).

Com o mundo mergulhado na tensão da "guerra fria" e em virtude das mudanças acontecidas no país, a prosperidade e euforia reinantes no período JK estava comprometida, bem como a política do populismo. O processo de desenvolvimento, antes impregnado pelo nacionalismo, sofre mudanças pela internacionalização da economia, através da instalação das multinacionais.

Neste cenário adentramos na década de 60, cujo início foi muito conturbado pela renúncia do presidente Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, sete meses depois de ter tomado posse. O programa de governo de Jânio, cuja campanha eleitoral tinha como símbolo a vassoura (acabar com a corrupção) baseava-se, prioritariamente, na moralização e busca da austeridade na vida pública, ao lado de um desenvolvimento econômico equilibrado e conseqüente aperfeiçoamento da democracia (Noronha, 1994).

O presidente Jânio Quadros criou um modo de governar que se tornou folclórico, utilizando-se de bilhetinhos para dar suas ordens, além de proibir brigas de galo, maiôs decotados nos desfiles de moda e lança-perfume no carnaval. Concedeu amplo espaço às Forças Armadas e apoiou o capital multinacional. Ao condecorar Che Guevara, ministro de Fidel Castro, irritou os militares e a igreja. Sua renúncia estava ligada à tentativa frustrada de obter maiores poderes (Paes, 1995).

Com o acirramento dos ânimos os militares e os setores burgueses tentaram impedir a posse do Vice-presidente João Goulart, alegando a eminência da infiltração comunista. A única solução encontrada para

solucionar a crise foi à adoção da forma de governo parlamentarista, e, em consequência, diminuir os poderes do Presidente. Durante todo o governo de Jango o clima era de agitação constante dos movimentos sociais e ameaça de golpe de estado.

Na área econômica o governo tentava mesclar a expansão industrial com uma nova política agrária, visando a produção de bens básicos de consumo.

Em 1963 realizou-se um plebiscito cujo resultado foi favorável à restauração do regime presidencialista.

O debate que se seguiu visava buscar uma alternativa para que o país pudesse entrar numa nova fase de expansão econômica. Elaborou-se então o Plano Trienal, para ser executado até 1965. De autoria do economista Celso Furtado, diagnosticava as condições responsáveis pelos desequilíbrios e traçava perspectivas para a economia do país.

Estabelecia o plano a necessidade de reformas de base - bancária, fiscal, eleitoral e agrária - além do controle da inflação e redução das desigualdades regionais. Apesar das pressões constantes de setores da direita, e sem uma sustentação política adequada, ainda sim, o governo conseguiu efetivar algumas medidas importantes, entre outras: a Lei de Remessas de Lucros (impedir a saída maciça de capital) e o Estatuto do Trabalhador Rural (previdência, férias, salário mínimo e sindicalização). A proposta de reforma agrária não passou no Congresso, como também a reforma eleitoral, que previa voto dos analfabetos e dos soldados, além do direito dos sargentos se candidatarem às eleições para o legislativo (Paes, 1995).

As reformas de base deram origem a um novo tipo de comportamento através da mobilização de diferentes setores da sociedade, ainda que sem a necessária organização, como trabalhadores urbanos e rurais, setores subalternos das Forças Armadas, estudantes, intelectuais e artistas. Com isto, foi crescente a politização desses movimentos reivindicatórios dos direitos do cidadão.

A expansão das multinacionais, operacionalizada com o processo de internacionalização da economia do país, provocou a associação da burguesia internacional com a brasileira, as quais aliadas aos militares, opôs-se ao crescimento do nacionalismo-reformista. Assim as classes dominantes reagiram contra o populismo, com seu característico apelo às massas, considerando-o demagógico. O capital internacional e nacional, para continuar

se expandindo, necessitava impedir o avanço dos movimentos sociais e políticos. Desta forma, aliou-se aos militares que dispunham da Doutrina de Segurança Nacional (1950), através da Escola Superior de Guerra (criadas em 1948), sintetizada na negação da existência de interesses conflitantes entre as diferentes classes sociais e necessidade de manutenção da ordem e das instituições ameaçadas pelo comunismo. Como estratégia tramou-se o acirramento da polarização entre esquerda e direita, e estava montado o cenário para derrubar os governos populistas (Paes, 1995; Habert, 1994).

A década de 60, além de ter sido um período de realizações políticas e econômicas com destacada participação da sociedade, também propiciou a intensificação da vida cultural do país e estabeleceu um amplo debate educacional, com destaque para o questionamento da universidade.

Em relação ao problema educacional nos anos 60 e 70, destacava-se desde o período JK a sua adequação às novas necessidades do desenvolvimento, com o direcionamento dos objetivos, a partir da escola elementar, no sentido de preparar os alunos para o aumento de produtividade requerida pela moderna sociedade. Esta concepção educacional desenvolvimentista desembocou no fortalecimento da escola privada, cuja proposta inseriu-se na lei 4.024, decepcionando os educadores que, através do Manifesto dos Educadores, redigido por Fernando de Azevedo em 1959, lutavam pelo ensino público com o Estado assumindo seu papel democratizador, estendendo a educação a todos indistintamente (Fazenda, 1998 e Ribeiro, 1994).

Em seguida, já no governo Jânio Quadros, a educação foi priorizada, apresentando-se como a alternativa para o desenvolvimento do país, na expectativa de que pudesse padronizar a mão-de-obra oriunda do êxodo rural, principalmente do Nordeste, que não possuía capacidade para atender as novas exigências do trabalho industrial (Noronha, 1994).

Desta forma, a Escola necessitava adequar-se aos novos tempos oriundos da modernização econômica, sob a pena do projeto desenvolvimentista não ser implementado.

Nas mensagens de Jânio Quadros ficava patente:

1. *a intenção de levar os benefícios da cultura a todos indistintamente,*
2. *o estabelecimento de um processo escolar capaz de oportunizar a todos a chance de ascender aos níveis mais altos da escolaridade,*

3. *que a Educação, como movimento de abrangências nacional, deveria combater o analfabetismo,*
4. *o ensino técnico-profissional deveria merecer atenção especial em razão do desenvolvimento cultural e tecnológico do país, cujos programas, articulados no programa geral da educação, deveriam ser coordenados com a indústria (Cardoso, 1978 citado por Noronha, 1994).*

Entretanto, estas propostas educacionais não se concretizaram, mesmo porque só governou sete meses.

Ao assumir o governo, João Goulart mostrou seu interesse pela Educação e Cultura criando o Conselho Federal de Educação (CFE), que substituiu o Conselho Nacional de Educação, órgão de assessoramento do MEC, o que permitiu a centralização das decisões educacionais possibilitando seu planejamento global. Foi o próprio CFE que aprovou o Plano Nacional de Educação, o qual, basicamente, visava eliminar o analfabetismo e escolarizar 100% da população, na faixa etária de 7 a 14 anos. Para o ensino superior almejava-se uma grande expansão a fim de que a metade dos que terminassem o colegial pudessem nele ingressar. Com exceção desta última meta, o plano fracassou, mas conseguiu centralizar as decisões educacionais via CFE.

Digno de registro foi a lei 4.024 de 20/12/61, que fixava as diretrizes e bases da educação nacional, após 13 anos de debates. Aprovada, causou decepção, principalmente entre os professores, com o seu conteúdo mais favorável à iniciativa privada do que à organização pública da educação escolar (Xavier, 1994).

O inconformismo com o teor da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN deu origem a vários movimentos de educação não-escolar, através de grupos nela interessados politicamente (setores progressistas da Igreja, artistas, intelectuais e estudantes). Destacou-se o Movimento de Cultura da União Nacional dos Estudantes - UNE e o Movimento de Educação de Base da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB (Paulo Freire se destacou através destas experiências de Educação Popular), todos concebendo a educação como prática da liberdade.

Com a nova lei incentivando o ensino particular favoreceu-se a expansão dos cursos profissionalizantes de nível médio oferecidos, quase sempre, no período noturno. Assinale-se que neste período criou-se, pelo empresariado, o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, cujos trabalhos ressaltaram o caráter econômico da Educação, objetivando formar produtores,

consumidores e mão-de-obra necessária à modernização da indústria, vigorando o paradigma do “saber fazer”.

CAPÍTULO II - O MOVIMENTO POLÍTICO-MILITAR DE 1964

A planificação política de João Goulart que norteava para a redução das desigualdades regionais, diagnosticando os fatores responsáveis pelos desequilíbrios, sofreu fortes reações e uma ampla campanha política e ideológica, até se chegar ao golpe de Estado em 31 de março de 1964, através de uma revolução civil-militar. Assim, pode-se impedir a implantação das reformas de base e inviabilizar a política das massas, as quais seriam incorporadas ao processo político, interagindo com limitações e com amplo controle de sua autonomia. O Estado,

“Assumindo o papel de realizador do projeto, fez concentrar-se nele o ideal e o real, o imaginário e o concreto. Enquanto expressão dos interesses da nação, não haveria mais classes, não haveria mais oposição entre capital e trabalho, não haveria mais interesses de grupos. Não haveria diferença entre capital estrangeiro e capital nacional, capital monopolista e capital concorrencial, cidade e campo, setor agrário e setor industrial, trabalhadores e dirigentes. Tudo foi absorvido e dissolvido. O Estado se tornou onipresente: tornou-se o início e o fim, o projeto e os meios, o produtor e o distribuidor de todos os meios, de todos os atos” (Rodrigues, 1986).

Os setores da esquerda foram punidos e os trabalhadores vigiados através de rígido controle dos sindicatos e salários. Criou-se a doutrina de Segurança Nacional para difundir os objetivos das elites envolvidas no processo de internacionalização da economia, como se fossem eles de toda a Nação. Os partidos políticos foram extintos e criados dois novos, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), da situação, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de oposição (permitida), passando-se a governar o país com Atos Institucionais e complementares e Leis de Segurança Nacional.

Nos anos seguintes, o Estado, através do Poder Absoluto do Executivo e do aparelho repressivo, passa a intervir de modo mais profundo na economia, nas relações internas e externas, produzindo um ciclo expansionista, mais tarde denominado Milagre Brasileiro.

Este panorama de endurecimento do regime continua na justificativa de preservar a democracia e a ordem, necessárias ao desenvolvimento do país.

Com o conjunto de medidas adotadas, programas e planos de ação econômica e social, o que se obteve foi à modernização da administração do Estado, com o surgimento, segundo Noronha (1994), das “burocracias estatais”.

O controle da inflação se fez através do arrocho salarial, com a eliminação da negociação entre trabalhadores e patrões.

Com o objetivo de manter a paz social proibiram-se as greves pois atentavam contra a segurança nacional e os sindicatos perderam a sua função prioritária como órgãos de reivindicação salarial, passando a desenvolver atividades assistenciais e recreativas apolíticas, vinculando-se à política de ação social, conseqüentemente, ao aparelho estatal (Fazenda, 1994).

Com a criação do Serviço Nacional de Informação garantiu-se, ainda mais, o controle e manutenção da ordem. A legislação trabalhista passou a contar com o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), cuidando de pensões e aposentadorias e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), que trouxe instabilidade e rotatividade dos empregos.

Uma nova Constituição foi elaborada em 1967, consolidando todos os atos do governo ditatorial, mantendo ilimitados poderes ao Executivo.

Neste período, em relação à Educação, o objetivo a ser alcançado era o de formar o trabalhador competente e disciplinado e o homem integrado ao projeto de desenvolvimento, de inteira responsabilidade do Estado, em todas as suas etapas. O Brasil-potência necessitava da educação prioritariamente.

A arrancada para o desenvolvimento utilizaria um modelo econômico consagrando a internacionalização da economia com o crescimento da demanda pela educação, havendo o aprofundamento da crise do sistema educacional, o que conduziu ao estabelecimento de uma série de acordos para assistência técnica e cooperação financeira entre o Ministério da Educação e Cultura - MEC, e a Agency for International Development - AID, conhecidos como acordos MEC-USAID. Os convênios advindos destes acordos visavam reorganizar o sistema educacional brasileiro. De fato a USAID atingiu por inteiro, não só todo o sistema de ensino, como também o controle da publicação e divulgação de livros didáticos. Com todo o sistema atrelado ao modelo imposto pela AID ficou clara a submissão do país, denominada por alguns de “Colonialismo Científico”, processo através do qual o centro de decisão da nação não se situa nela, mas naquela que se torna sua colonizadora (Fazenda, 1994).

O grave problema destes modelos é que, utilizando a “tecnologia pela tecnologia”, descontextualizaram a educação, enfraquecendo todo o sistema educacional já dilapidado pelos gastos gerados na implantação dos acordos.

“A montagem a que foi submetida a educação, pelo que se pode observar, transformou-a em verdadeiro simulacro da educação para o desenvolvimento — na verdade, ficamos com essa escolarização que bloqueia o potencial dos alunos (desanimando-os, um desprovento de seu tempo, do esforço dos professores e dos recursos investidos); frustra a atuação docente (desviando o professor de suas iniciativas mais fecundas, em troca de ilusórios planejamentos e retreinamentos estéreis), e dilapida recursos orçamentários”. (Fazenda, 1994, p.63)

O movimento estudantil fazia oposição constante ao governo, através da UNE, na busca de soluções para a educação brasileira por brasileiros, acabando por ser o canal ressonante, não só da política, como também das contradições de classes reinante no país.

O governo reagiu reestruturando a representação estudantil e eliminando a UNE, que foi invadida, incendiada e posta na ilegalidade, limitando a representação em cada universidade ou escola, além de proibir a ação destes órgãos representativos de toda e qualquer manifestação político-partidária, bem como apoiar qualquer movimento grevista.

As universidades sofreram intervenção, com destaque para a Universidade de Brasília - UNB, Universidade de São Paulo - USP e Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, com professores sendo perseguidos e cassados. Mesmo assim o movimento estudantil continuou a existir na clandestinidade. Os estudantes reorganizavam-se denunciando o acordo MEC-USAID, exigindo mais verba para educação e melhores condições de ensino. As manifestações de protesto, violentamente reprimidas, começaram a provocar o repúdio e a reação de outros setores sociais. Sucediavam-se as greves, ocupações e passeatas. A oposição, via MDB, tentava, através de Comissões Parlamentares de Inquérito, averiguar entre outras, a violência policial e a evasão de cientistas (Paes, 1995). Para sufocar a crise o governo baixou o Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, que tirava do cidadão brasileiro as garantias individuais, públicas ou privadas, e

concedia plenos poderes ao Presidente da República, para atuar como Legislativo e Executivo. Um outro decreto lei, o de nº 477/69, impedia o corpo docente, discente e administrativo das escolas de qualquer manifestação política.

“A população, vendo excluídas as possibilidades de participação nos processos decisórios e de definição das políticas do Estado brasileiro pelo fechamento dos canais institucionais tradicionais, teve cada vez mais aumentado o seu sentimento de desesperança em relação ao seu destino, enquanto expectativa de melhoria das suas condições de vida. As necessidades básicas da população não se identificavam com as necessidades básicas da política do Estado. Enquanto a nível do aparelho do Estado a ocupação básica se dava com os problemas do desenvolvimento nacional, crescimento do produto interno bruto, com a política monetária, com o equilíbrio do balanço de pagamentos da balança comercial, o sentimento básico da população se dirigia para os problemas vitais e existenciais - a população estava preocupada com a alimentação, com a saúde, com a educação de seus filhos, com a habitação, com o bem-estar social. Não encontrando respostas nos canais institucionais do Estado, surgiram, no âmbito da própria população, iniciativas capazes de estabelecer um nível de organização que representasse, de um lado, iniciativas para a solução dos seu problemas vitais e, de outro lado, resistência à política oficial pública”. (Rodrigues, 1995)

A ênfase do sistema de ensino, fruto dos convênios MEC - USAID, passa a englobar uma visão tecnicista (planejamento educacional), associado agora ao problema da qualificação profissional, visando o treinamento e a especialização, no intuito de adequá-lo ao modelo de desenvolvimento econômico pretendido.

No espaço de tempo compreendido entre a aprovação da lei 4.024/61 e, posteriormente, a lei 5.692/71, ambas fixando as diretrizes e bases da educação nacional, pode-se ressaltar alguns avanços normativos quanto à democratização de oportunidades, refletidas na proposta de universalização escolar (conteúdo comum obrigatório). Mas o processo de democratização escolar fracassou, em virtude da insuficiência da rede escolar ou de sua existência, com precário atendimento. O problema agravava-se na zona rural, na periferia das metrópoles e nas regiões mais pobres do país.

A universalização pretendida não levou em conta a organização social constituída em bases desiguais. Quase sempre as reformas levaram em conta o que se passava dentro da escola, menosprezando o contexto externo onde está inserida, interagindo e dando origem aos problemas mais graves a serem enfrentados. A agravar ainda mais a situação educacional, ressalte-se os altos índices de reprovação e evasão escolar.

Anteriormente, até o início dos anos 60, a rede pública urbana absorvia a maior parte da população, neste faixa etária. Apesar da presença de algumas escolas particulares, o consenso da classe média era pela supremacia da escola pública. Em consequência da política que se seguiu, a partir da década de 60, a rede pública foi desestruturada, com conseqüente favorecimento e expansão do ensino particular (Paes, 1955).

Em relação ao ensino superior cabe ressaltar que a gênese da Universidade no Brasil aconteceu pela simples agregação de faculdades isoladas, ligadas a uma Reitoria, mas conservadoras de suas personalidades administrativas e psicológicas próprias, tão arraigadas que até hoje, o sistema de ensino superior ressent-se desta influência (Trevisan, 1977). Em 20 anos (1950/70) foram criadas pelo menos uma Universidade Federal em cada estado, havendo alguns, como Minas Gerais, com mais de uma, além das estaduais e particulares. Segundo Souza (1997) no modelo brasileiro existem Universidades porque existem reitorias.

Até 1964, no arcaico sistema universitário, predominavam as Universidades públicas, absorvendo até 75% do total de alunos matriculados no ensino superior, com pouco mais de 100 mil alunos matriculados. Em 1968, através da lei 5.540, fixaram-se às normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média. Definindo a atual estrutura das universidades brasileiras esta lei foi denominada de Lei de Reforma Universitária.

A estratégia adotada neste período, com a reestruturação do ensino superior, de forma a ajustá-lo aos campos político e econômico, procurava atender as propostas de professores e alunos, cuidando, entretanto, de se eliminar as influências políticas e ideológicas nelas inseridas. Os movimentos reivindicatórios e as pressões por mudanças na universidade representavam a somatória de lutas anteriores pelas reformas, geradas pelo desenvolvimento do país. Objetivava-se a expansão do ensino superior (problemas dos excedentes), a busca de uma universidade mais crítica de sua própria existência, enfim uma reestruturação capaz de atender as novas expectativas

do processo social vigente. Tudo isto revelava uma tomada de consciência, uma nova postura da sociedade, mais amadurecida e mais consciente de seus direitos.

"A denominação "lei de reforma" não é gratuita, pois com esse nome se procurava apresentar essa legislação como se ela fosse decorrência dos movimentos de reformas sociais que surgiram no final dos anos 50 e se estenderam pelos 60, conhecidos como Movimentos por Reformas de Base... Independente dos erros e acertos dos movimentos de Reforma Universitária, as suas ações eram muito ricas em termos de um processo de revisão, de crítica e transformação, onde a participação tinha um caráter de mobilização social na qual se conquistava (com muita dificuldade) espaços para expressão de discordâncias, conflitos, contradições e disputas pela definição do que deveria ser um modelo ideal para estrutura universitária brasileira". (Martins, 1989).

A reforma racionalizadora empreendida, com ajuda de técnicos americanos, visava adequar o sistema universitário brasileiro ao modelo norte-americano, estabelecendo-se a criação dos departamentos, o ciclo básico, a matrícula por disciplina e conseqüente sistema de créditos, o que contrariou, não só as propostas e anseios dos estudantes pela autonomia da universidade, bem como o isolamento dos professores (criação dos departamentos) e dos alunos (inexistência de turmas que iam unidas até a formatura), dificultando as reuniões, debates e a coesão política (Noronha, 1994).

Iniciou-se um processo de sucateamento da universidade pública, com redução dos investimentos e incentivando a criação de Instituições de Ensino Superior - IES -, acontecendo a expansão descontrolada das escolas particulares.

CAPÍTULO III - A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS 60/70

Especificamente relacionado com a Educação Física, a Lei 4.024 de 20/12/61, se não conseguiu apresentar as inovações esperadas para colocar a educação na vanguarda do desenvolvimento do país, no seu artigo 22 contemplou a Educação Física (artigo este modificado pelo Decreto-lei nº 705 de 25/07/69): "será obrigatória a prática da Educação Física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância esportiva no ensino superior".

Neste período predomina a tendência, originária dos anos pós 45, da Educação Física considerada como prática educativa e denominada por Ghiraldelli (1992) de Educação Física Pedagógica, sustentada no pensamento liberal, com uma concepção que visava relacioná-la intimamente a educação. O seu objetivo passa a ser a formação integral do educando, visto na sua totalidade, englobando desenvolvimento cognitivo, afetivo-social e motor.

Assim sua difusão se dá amparada pela legislação, principalmente pós 64 e com o crescimento das escolas públicas a partir dos anos 50. No período de JK, a crescente urbanização e o desenvolvimento social aumentam a pressão das camadas populares que buscavam criar oportunidades para a sua ascensão. Ampliou-se então, a rede de escolas públicas para receber este novo contingente de alunos urbanos, que precisavam converter-se em mão-de-obra qualificada, no atendimento da modernização da sociedade, objetivo maior da política nacionalista e desenvolvimentista existente.

A Educação Física, incluída como disciplina na escola pública, passou a atender uma nova clientela, ou seja, os alunos oriundos das famílias assalariadas das cidades.

Com o golpe de estado de 64 passa-se a incentivar o desporto, trazendo-o para dentro da escola. As competições esportivas passam a ser a preocupação maior dos professores. Estudos têm mostrado a intencionalidade deste procedimento de acordo com a nova ideologia dominante pós 64 (Castelani, 1988; Ghiraldelli, 1992). Caminhava-se para o uso da Educação Física e do Esporte como metas prioritárias, enfatizando a massificação esportiva direcionando-se para que, como numa pirâmide, a hierarquização conseguisse produzir os atletas de elite necessários a propaganda de uma futura nação olímpica. Isto poderá inclusive, agravar uma situação futura para

a Educação Física, tornando-a um meio para o esporte de alto rendimento (Tubino, 1977).

No ensino superior, além da abertura para sua expansão, principalmente da rede particular, em 25 de Julho de 1969, através do Decreto-lei 705, o então presidente Costa e Silva modificava o artigo 22 da lei 4.024/61 e tornava a Educação Física obrigatória no ensino superior. No mês de Dezembro do mesmo ano, a Resolução 69/69 do CFE fixava os mínimos de conteúdo e duração a serem observados na organização dos cursos de graduação em Educação Física. Um novo currículo foi construído para obtenção do título em licenciado em Educação Física e de Técnico Esportivo, constituído de matérias básicas (biologia, anatomia, fisiologia, cinesiologia, biometria e higiene), matérias profissionais (socorros urgentes, ginástica, rítmica, natação, atletismo e recreação), além das matérias pedagógicas constantes do parecer 672/69.

A este elenco de matérias, duas poderiam ser acrescentadas, de escolha do aluno, de uma lista dos desportos a serem ofertados pela escola para obtenção do título de Técnico Desportivo. Saliente-se que o sistema anterior, parecer 298/62 do CFE, os cursos de formação do professor de Educação Física e do Técnico Desportivo eram paralelos. Entretanto as escolas, na sua maioria, ofereceram apenas a licenciatura, sendo que o aluno também poderia optar somente por ela, mesmo que ambos fossem oferecidos. Desta forma, a demanda existente no mercado de trabalho para atuação do Técnico Desportivo, não pôde ser atendida. O Conselho Nacional de Desporto registrava 16.000 associações desportivas em funcionamento e apenas, aproximadamente, 300 técnicos desportivos registrados no órgão conforme o parecer CFE 849/69.

Estas modificações curriculares tiveram a colaboração do grupo de trabalho, constituído, a pedido, pelo diretor da Divisão de Educação Física do MEC, sob a presidência da professora Maria Lenck, então diretora da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fazendo ainda parte do mesmo as escolas de Educação Física de Goiás, São Paulo, São Carlos, Espírito Santo, Minas Gerais e Escola de Educação Física do Exército.

Entre as décadas de 65 e 75 tem-se uma enorme expansão de IES, inclusive com a Educação Física, a tal ponto que em 29/05/73, através da portaria 29, o CFE proibiu a criação de novas escolas com base em convênios, ou seja, as entidades mantenedoras deveriam provar que possuíam o complexo

esportivo necessário (pista de atletismo, ginásios, piscina, áreas cobertas) além de biblioteca com acervo especializado e laboratórios, o que, infelizmente, não produziu os efeitos desejados e a expansão continuou.

1. A EDUCAÇÃO FÍSICA EM MINAS GERAIS NESTE PERÍODO

Nos anos 60 em todo estado de Minas Gerais, existia apenas um curso de graduação em Educação Física, na Escola Superior de Educação Física de Minas Gerais, em Belo Horizonte, criada em 1953. Segundo Souza (1996) ela surgiu da fusão de duas outras escolas existentes, criadas em 1952, a Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais e a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais, ambas com currículos semelhantes e que mantinham os cursos superiores de Educação Física, Educação Física Infantil, Técnica Desportiva, Medicina Especializada em Educação Física e Massagem Especializada em Educação Física. A existência dessas duas escolas,

“... como qualquer fato histórico, não ocorreu por acaso. Ao governo interessava formar uma juventude forte e ordeira para atender as exigências do Estado e de uma sociedade em processo de industrialização. À igreja competia resgatar através da Educação Física e dos Esportes, os valores cristãos dos quais o Estado e os jovens haviam se distanciado nas últimas décadas. Para isto, fazia-se necessário fortalecer o corpo para vencer os instintos, sem divinizá-lo, mas resgatando-o como “templo de Deus e da alma”, parte vista como a mais importante do homem. Fazia-se também necessário controlar a prática dos esportes, para que se colocassem, num segundo plano, em relação aos deveres dominicais para com a Igreja e com as obrigações familiares e profissionais”. (Souza, 1996).

Em ambas as escolas predominavam os militares e os médicos o que, de uma forma geral, acontecia com as demais escolas de Educação Física no país. Quando ingressei na Escola Superior de Educação Física de Minas Gerais em 1965, o corpo docente ainda era constituído por muitos militares e médicos.

Na região sudoeste de Minas Gerais, onde se localiza Muzambinho, as aulas de Educação Física nas escolas públicas revestiam-se de uma mistura da tendência militarista, pedagogicista e competitivista, conforme delimitação de Ghiraldelli (1992), abrangendo um conteúdo recheado de resquissos do Método Francês, de exercícios calistênicos e do Método Desportiva Generalizada. O estilo comando com o professor determinando a forma e o ritmo com que as tarefas deveriam ser feitas, restando ao aluno ouvir e obedecer. A "ordem unida" oriunda do Método Francês, ainda em voga, dava conta da organização das turmas para que os exercícios e suas variações transcorressem de forma cadenciada e sem nenhum tumulto. Os exercícios calistênicos ocupavam a maior parte das aulas. Qualquer atitude do aluno que não agradasse o professor era punida com a execução de numerosos abdominais, flexões e extensões de braços, polichinelos e outros mais de um vasto repertório conhecido por todos aqueles que estudaram naquela época. A ginástica acabou sendo sinônima de castigo e era detestada pelos alunos. Uma parte da aula reservada aos jogos, com predominância para o futebol de salão, era um verdadeiro duelo de vida ou morte, com o professor, não raras vezes, sentado na arquibancada divertindo-se com os menos habilidosos.

Durante todo o ano os alunos "ensaiavam" para os diversos desfiles existentes, culminando com o do dia Sete de Setembro. Além de "marcharem" pelas ruas principais sob um sol causticante, durante um longo tempo permaneciam enfileirados a escutar os inflamados discursos de autoridades, pregando a conscientização patriótica dos jovens.

Enquanto aluno da Escola Superior de Educação Física de Minas Gerais, lembro-me do esforço que era realizado por alguns professores, inconformados com o emprego de metodologias importadas, oriundos de condições sócio-econômicas, político e educacionais bem diversas daquelas que vivíamos, no sentido de buscar uma solução nativa que pudesse ser aplicada com sucesso, com nossas crianças. Chegou-se ao consenso que a aula deveria conter 3 partes (inicial, principal e final) ao invés de divisões mais amplas e complexas das metodologias importadas, nas quais cada parte da aula tinha um objetivo e um tempo determinado para sua execução, que na maior parte das vezes, era seguido fielmente pelo professor. Assim uma determinada tarefa estava agradando as crianças, mas era abruptamente encerrada, em vista do que determinava a norma de execução daquela parte da aula. O contrário também era verdadeiro. Deste modo as crianças, como as principais interessadas, não eram atendidas nas suas necessidades. Esta nova

postura apregoava que a aula deveria se realizar ao redor de um tema, do início ao fim, como numa sinfonia. Isto já era um grande avanço porque o desempenho do professor, nas condições reais de trabalho, era frustrador, com a anterior superficial divisão de uma aula, como se a motivação dos alunos pudesse ser mecanicamente cronometrada.

Após 64 ampliou-se a adoção do esporte com características de alto rendimento na Educação Física Escolar. O processo de iniciação esportiva nas escolas de todos os níveis passou a objetivar a formação de equipes para a valorização da escola, nas inúmeras competições existentes neste nível e também para abrir espaço na tentativa de descobrir e incentivar os possíveis talentos esportivos.

Apesar de se considerar a Educação Física como educação, entendida como um processo onde todos podem participar e desenvolver suas potencialidades, o uso indiscriminado da competição levava a adoção de um processo terrivelmente elitizante. Quase sempre um pequeno grupo de alunos, privilegiados pela habilidade e talento, participavam de todas as equipes representativas das escolas.

CAPITULO IV - A QUESTÃO METODOLÓGICA

1. A PESQUISA HISTÓRICA: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

A história caminhava, segundo Carr (1996) no final do século XIX no sentido de que fosse possível produzir a "história definitiva". Nesta época os fatos eram enfatizados e a tarefa do historiador era mostrar o que realmente aconteceu. O positivismo de Augusto Conte doutrina filosófica e científica que consistia em considerar todo fenômeno como sujeito às invariáveis leis naturais, que dominava o pensamento nesta época, contribuía para este culto aos fatos, na sustentação de história como ciência.

A preocupação central desta visão é enfocar a história a partir da reconstrução dos eventos do passado, e, para tal, na tentativa de buscar a verdade nos documentos, o historiador devia assumir uma posição de neutralidade, distanciando-se dos fatos. Não havendo envolvimento, interação com o processo histórico, restava-lhe buscar a causalidade e a ordenação dos mesmos. A essência do trabalho tornava-se uma busca de cronologia e racionalidade; e, com as relações de causa, um evento torna-se causa de outro, e assim sucessivamente. Com este enfoque a pesquisa histórica produziu uma história de homens notáveis, cheios de poder, em diferentes áreas, sendo essencialmente política, através da valorização dos acontecimentos e dos vencedores (Pilatti, 1996).

Simultaneamente, esta forma de ver a história, de acordo com Carr, estava em perfeita harmonia com os empiristas, ao separar o sujeito do objeto. Os fatos, resultantes que são das informações sensoriais, originam-se do ambiente, de fora do observador e portanto, são independentes de sua consciência, com o indivíduo tornando-se então, um receptor passivo. O senso comum da história, juntamente com o empirismo, apregoava: primeiro acerte os fatos (eles são sagrados) depois tente interpretá-los, o que nada mais é do que caminhar sobre um fio de arame no alto de um abismo. Daí sua afirmação, com ironia:

"A história consiste num corpo de fatos verificados. Os fatos estão disponíveis para os historiadores no documentos, nas inscrições, e assim por diante, como os peixes na tábua do peixeiro. O historiador deve reuni-los, depois levá-los para casa cozinhá-los, e então servi-los da maneira que o atrai mais."

Entretanto, continuando seu raciocínio, Carr sugere a pergunta: mas o que é um fato histórico?

Existem certos fatos que na visão do senso comum são básicos e, portanto, são os mesmos para todos os historiadores. É evidente que um determinado acontecimento e sua respectiva data não podem ser modificados. A exatidão, sempre imprescindível, deve ser uma obrigação inerente ao historiador e não uma qualidade especial, porém não se constitui na essência do seu trabalho.

Esta maneira de ver as coisas no século XIX, difícil de ser erradicada, tomava o fato com fetichismo, o que era extensivo ao modo de se olhar um documento. O documento deveria ser sempre referenciado, e tudo que continha era expressão da verdade.

Entretanto os fatos não falam por si mesmos, a não ser quando são distinguidos pelo historiador, cabendo a ele decidir o que vai fazer parte do contexto. O historiador deve ser um arguto selecionador. Cabe ao historiador descobrir os fatos importantes e transformá-los em fatos históricos.

Ao defender uma filosofia da história o mesmo autor, cita Croce, um pioneiro desta visão, o qual afirmou que toda história é "história contemporânea", considerada em olhar o passado com os olhos do presente e a luz dos seus problemas. O trabalho do historiador torna-se a avaliação que faz e não apenas o registro (só se pode registrar aquilo que mereceu criteriosa avaliação). O passado não deve ser venerado e tampouco ignorado, mas entendido para ser usado como ferramenta útil para a compreensão do presente.

Desta forma, o fato histórico não pode ser separado do todo, devendo estar atrelado a sua significação. O evento acontecido necessita referenciar-se a uma consequência. Assim o particular e o geral, juntos, se explicam. Comparando as semelhanças entre o método da história e das ciências naturais, Carr destacou que ambos buscam a interação entre o único e

o geral, afirmando que "o historiador está comprometido com a generalização, não está realmente interessado no único, mas no que é geral no único".

Adverte ainda do perigo que ronda o historiador, colocando-o entre a cruz e a espada, quando de um lado faz prevalecer o fato sobre a interpretação e de outro a história como resultado subjetivo da mente. Entre ambos os posicionamentos, insustentáveis, aflora a visão do historiador que não é cativo nem tirano dos seus fatos, mas mantém com eles uma permanente reciprocidade ao afirmar que "o historiador entra num processo contínuo de moldar seus fatos segundo sua interpretação e sua interpretação segundo os seus fatos".

Finalmente Carr afirma que "história constitui-se num processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e o passado".

Ao retornar a origem do acontecimento, e isto significa retornar ao contexto onde tudo ocorreu, procura-se estudar a sucessão de eventos (desenvolvimento) para entender o seu significado atual, através de uma melhor compreensão do papel que desempenha na sociedade. O que a pesquisa histórica tenta é assegurar a continuidade, a interdependência, o entrelaçamento, nesta sucessão de eventos, baseando-se em fatos e acontecimentos surgidos.

O fato histórico é o fato humano que apresentando relação de causa-e-efeito, tem um antecedente, um conseqüente e uma repercussão na sociedade, ultrapassando limites, e invadindo com sua ação amplos espaços (Marinho 1980). Ele tem uma característica interessante: ele deve "estar" ao invés de "ser", ou seja, mostrar sua forma inacabada e inacabável. O seu significado pode/deve ser sempre modificado e aperfeiçoado, pois nele os conflitos predominam, mostrando a realidade sempre em contínuo processo de fermentação (Demo, 1983). A identidade das realidades históricas tem na instabilidade a característica mais constante.

Não é difícil asseverar que as suas manifestações são predominantemente qualitativas, o que, no entanto, não deve ser visto como ausência de rigor analítico. A falta de mensuração não torna a pesquisa histórica menos relevante: impossível dizer o tamanho do fato histórico como se pode fazer com uma bactéria ou molécula de água.

Desta forma pode-se afirmar que a própria ciência é histórica, levando-se em conta sua atividade/instituição/corpo de conhecimento, a qual

sofre mudanças no tempo, na tentativa de explicar, cada vez mais profundamente, a natureza na sua complexidade. Também é histórica no sentido em que tende a ser cumulativa: um problema resolvido dá origem a novos problemas (Demo, 1983).

A pesquisa histórica utiliza-se das fontes históricas que representam o conjunto de coisas ou objetos que contém informações sobre acontecimentos humanos do passado, as quais podem ser de natureza primária ou secundária.

As fontes primárias são preferidas em virtude de oferecerem informações mais confiáveis, de melhor qualidade, pois emanam de pessoas que vivenciaram um determinado fato histórico ou de documento que o registrou. Podem ser consideradas fontes primárias: atas de reuniões, gravações, entrevistas, quadros, fotografias, artigos, cartas e relato do fato através de testemunha ocular.

Em relação à fotografia, muito utilizada neste trabalho, Essus (1996) relata que:

"Não é de hoje que a história proclamou sua independência em relação a dominação dos textos escritos. A necessidade por parte dos historiadores em problematizar temas bem pouco trabalhados pela historiografia tradicional levou-o a ampliar seu universo de fontes, bem como a desenvolver abordagens pouco convencionais a medida que se aproximava das demais ciências sociais em busca de uma história total."

Ao considerar o registro fotográfico como uma fonte histórica, independente da intenção de quem o produziu para documentar um fato ou registrar um estilo de vida, e ainda ao considerar a fotografia do ponto de vista temporal como uma mensagem que permite a presentificação do passado, a autora esclarece:

"Nesse sentido, guardam as fotografias, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que as produziu e consumiu. Um dia já foram memória presente, próxima àqueles que as possuíam, as guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos. No processo de constante vir a ser recuperam o seu carácter de presença, em um novo lugar, em um outro contexto e com uma função diferente. Da mesma forma que seus antigos

donos, o historiador entra em contato com este presente/passado e o investe de sentido, um sentido diverso daquele dado pelos contemporâneos da imagem, mas próprio à problemática ser estudada”.

As fontes secundárias são informações originárias de pessoas que não estavam presentes quando determinado fato histórico ocorreu, ou de relatos produzidos por alguém que viveu em outra época, distante do evento ocorrido.

A avaliação das fontes de informação depende da competência do pesquisador quanto a sua forma crítica e objetiva de considerá-las. Os historiadores não criam informações e caminham sempre sobre piso movediço, diferentemente do pesquisador experimental que pode controlar todo o processo realizado no laboratório, estabelecendo um roteiro seguro para se chegar a determinado resultado. O rigor do julgamento das fontes deve imperar sempre: elas não podem ser imediatamente consideradas fatos só porque estão publicadas. Uma maneira de proceder é utilizar-se da avaliação crítica interna e externa.

Na crítica externa o pesquisador tenta descobrir/clarear, quando olha para o documento, sua origem e autenticidade, através da reconstituição do fato:

- o documento é genuíno e completo?
- o escritor realmente escreveu isto?
- a data, época e lugar especificados estão corretos?

A evidência maior é a identidade do autor, a qual deverá aparecer de forma clara nas fontes utilizadas (cartas, artigos, livros e palestras assinadas). É preciso cuidar para que enganos não sejam cometidos através de informações anônimas, autobiografias, escritos fantasmas tidos como palestras originais. Como exemplo cita-se a compra de 62 volumes, em 1983, pelo jornal "Sunday Times", como sendo o diário de Hitler. A autenticidade dos documentos foi atestada por Lorde Dacre, historiador eminente e diretor nacional do Times, assim como pela revista alemã "Stern". Submetidos a rigorosa análise quanto a autenticidade, estilo e uso do idioma, começaram a surgir questionamentos, como sentenças inteiras com erros. Além disso, análise laboratoriais revelaram a presença de materiais sintéticos que não existiam na época que Hitler viveu, pois aquele tipo de papel só foi

manufaturado a partir de 1955, dez anos após sua morte (Thomas e Nelson, 1985).

Tudo não passava de uma brincadeira a qual custou a Dacre a retirada de suas credenciais.

Na crítica interna busca-se interpretar e avaliar a evidência da constatação de autenticidade, originalidade e confiabilidade do documento, mesmo porque afirmações falsas podem estar contidas em documentos genuínos. Agora se procura o sentido real de cada afirmação. Os historiadores podem ser atraídos a completar informações que poderiam ser verdadeiras para poder ter em mãos uma história completa, mesmo até para apresentar um estilo divertido em detrimento da autenticidade.

Na Grécia, existia um tipo de atividade atlética onde os saltadores em distância carregavam pedras em suas mãos, obtendo resultados superiores ao recorde mundial da atualidade: em relação aos resultados, seriam estes atletas gregos melhores que os atuais? O detalhe de uma afirmação relatava o salto como sendo um movimento descontínuo e havia referência a um primeiro salto, o que possibilitou concluir que aqueles resultados eram o produto de um duplo salto.

É preciso tomar cuidado também com o significado das palavras, assim o entendimento para "esporte" e "ginástica" entre gregos, alemães e norte-americanos apresentava conotações diferentes para estes termos.

A fonte deve ser avaliada no contexto onde foi produzida e não em razão da época contemporânea. O exame das evidências necessita de uma abordagem paciente e minuciosa (Thomas e Nelson, 1985).

2. A PESQUISA HISTÓRICA NO BRASIL

No Brasil a pesquisa histórica institucionalizou-se através de cursos universitários e pós-graduação, além de Institutos Históricos, Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional. No momento atual é de se lamentar que as atividades dessas instituições desapareceram ou diminuíram significativamente sua produção. Observa-se ainda que a pesquisa histórica nas universidades sofre de um grave problema: o autoritarismo vigente em muitos cursos, o qual não permite aos orientadores e orientados, a escolha livre de sua pesquisa. As linhas de pesquisa impostas sufocam a criatividade de ambos e impede a

expansão da área. Aliados aos problemas estão as agências financiadoras, as quais valorizam os projetos coletivos. Num museu ou arquivo isto tem sua razão de ser, mas na Universidade os projetos individuais predominam. Faltam publicações dos resultados das pesquisas em livros ou artigos. Ao escassearem-se os materiais deste tipo, descamba-se a leitura para as fontes exclusivas de jornais e divulgação didática, e, apenas para exemplificar, na França existem aproximadamente 376 revistas e periódicos especializados no assunto (Silva, 1983).

A pesquisa histórica fora do Brasil tem um procedimento onde predomina o relacionamento interdisciplinar, aproximando-se da economia, sociologia, biologia, antropologia, climatologia, ecologia e linguística. Entendível, pois a interdisciplinaridade é uma característica do mundo científico da atualidade, resultando inclusive, nas inúmeras disciplinas híbridas que estão se alastrando como sócio-linguística, psicobiológicas e outras. Na pesquisa histórica, pode-se constatar o mesmo fenômeno: antropologia histórica, etno-histórica, geografia histórica. Esta posição é defendida pela maior parte dos historiadores, como elemento positivo para a constate evolução da área (Silva, 1983).

3. A PESQUISA HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Utilizando-se a classificação de Thomas e Nelson (1985) pode-se dividir a pesquisa histórica na Educação Física da seguinte forma:

- *Descritiva: é aquela que descreve eventos ou pessoas, respondendo: quando, onde, quem e o que.*
- *Interpretativa: vai além das descrições fazendo análise e explicações (diz porque os fatos acontecem).*
- *Psicohistória: utilizando-se de forma interpretativa, tenta explicar o comportamento dos indivíduos (existe uma tese sobre John McEnroe).*
- *Quantitativa: utilizando-se dos computadores para a localização e análise de grande quantidade de informações como os dados do censo e informações da imigração para estudar os imigrantes italianos e o esporte em S. Louis.*
- *Oral: facilitada pelo uso do gravador como fonte valiosa de informações, também utiliza-se de perguntas cuidadosamente elaboradas e endereçadas a indivíduos ou grupos. Quando o enfoque de*

fato recorrente surgiu, e transformou a pesquisa histórica, o advento da história oral ganhou status. Ao surgir a história oral (para alguns é método e para outros técnica) possibilitou a apropriação do testemunho daqueles que fizeram a história e ficaram marginalizados (os silenciados).

A história oral baseia-se na entrevista, cujo aspecto principal é reconstituído através da interdependência entre micro e macro história, de forma dinâmica e interativa. Naturalmente as entrevistas são realizadas com pessoas que participam ou testemunham os acontecimentos. Este tipo de procedimento propiciou uma nova ferramenta na investigação capaz de preencher vazios que escaparam na análise que foi utilizada pela história documental.

A incorporação documentada da "voz dos silenciosos" fornece ao pesquisados uma nova visão para eleger e validar as suas fontes, permitindo-lhe questionar documentos na fase da produção dos mesmos.

A evidência oral (entrevista), sem alarde, questiona, problematiza e até contrapõe-se à fonte documental, o que faz baseando-se em fontes complementares, relatórios de informantes, depoimentos, diários, autobiografias.

4. PROBLEMAS DA PESQUISA HISTÓRICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE NO BRASIL

A pesquisa histórica na área não tem sido ajustada ao contexto da época, porque os pesquisadores não têm conhecimento prévio de outros aspectos da sociedade que está sendo estudada, tornando-se na maioria das vezes, um catálogo de fatos isolados da cultura e não sendo colocado dentro de um modelo significativo. Urge, pois legitimar, na Educação Física, os seus estudos históricos, através da aplicação da metodologia utilizada pelos historiadores.

Nesta última década pode-se perceber um aumento na produção de trabalhos relativos a História da Educação Física Brasileira, atestada através de inúmeras publicações, de realização de um evento científico para sua difusão (Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, já na sua 4ª edição), além de cursos de mestrado com linhas de pesquisa dentro da área. Conforme a afirmação de Melo (1996), existe necessidade de

se preocupar com a qualidade, natureza e especificidade dos trabalhos sobre a História da Educação Física:

"A despeito do aumento de preocupações relativas a história, refletido diretamente no aumento da produção científica, ainda são pequenas e introdutórias as discussões e reflexões relativas à qualidade, natureza e especificidade dessa produção. (...) não se tem privilegiado discussões que procurem compreender como essa história tem sido escrita, o que no meu ponto de vista pode estar corroborando para a construção desordenada da História da Educação Física no Brasil, dificultando um salto de qualidade dessa produção e minimizando as contribuições que pode conceder para o estudo e compreensão da Educação Física brasileira."

Ainda, o mesmo autor, tem como premissa básica que a História da Educação Física precisa descobrir o seu lugar no vasto campo de conhecimento da História, e como tal, ao utilizar-se dos seus referenciais e constructos teóricos, ter a Educação Física como seu objeto de estudo. Desta forma as discussões poderiam resultar em valiosa contribuição para a própria Educação Física. Posiciona-se também a favor da História da Educação Física, em relação ao aspecto temático, como uma especialização da História. Adverte que os estudos históricos na Educação Física são recentes, e por ser embrionários são frágeis metodologicamente, contudo, não se deve prescindir da incessante busca de superação qualitativa. O mérito daquilo que foi produzido até hoje não deve impedir a necessidade de estabelecer uma contínua e rigorosa crítica, e apesar de reconhecer o progresso nos estudos históricos na área, adverte para a existência de problemas metodológicos e epistemológicos, inclusive na perspectiva contínua de buscar reconstruí-los e reformulá-los.

Ao estudar a pesquisa histórica na Educação Física brasileira, Ferreira Neto (1996) dividiu-a, hipoteticamente, em dois momentos distintos, o primeiro compreendendo os anos de 1930 a 1980, caracterizado pela concepção de História Episódica e o segundo, que vai de 1980 até 1996, caracterizado simultaneamente, por duas concepções: a Marxista e a Nova História.

A concepção Episódica engloba a política, a narrativa dos acontecimentos enfocando a visão dos que estão no poder (dominadores), baseando-se em documentos escritos, sendo linear, explicativa e objetiva.

A concepção Marxista enfoca o objeto de investigação como um todo indissociável, ressalta o objeto de pesquisa nos seus aspectos dominantes, a partir dos mais simples, busca a essência, procura entender a realidade na sua praxis e a interdependência da teoria e prática, considerando "as idéias como expressão das relações sociais e estas como expressão do modo de produção e das forças produtivas".

A concepção da Nova História está ligada a toda atividade humana, sua visão é a dos dominados, procura analisar as estruturas, diversifica e amplia o uso de fontes, considerando irreal a objetividade. Exemplifica ainda autores/obras que se enquadram nestas concepções:

- Episódica: MARINHO, Inezil Penna. Contribuição para a História da Educação Física no Brasil: Brasil colônia - Brasil império - Brasil república. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- Marxista: CASTELANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil - a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.
- Nova História: SOUZA, Eustáquia Salvadora. Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! 1994. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas.

Já na discussão elaborada sobre a metodologia empregada na produção da História da Educação Física e do Esporte no país, Pilatti (1996) aborda a predominância, ainda, do enfoque ligado a escola positivista, apesar das tentativas de superação atual da forma tradicional de se entender a História. Ressalta, no entanto, as iniciativas, a partir desta perspectiva de transformação, de uma nova postura que visa investigar os fundamentos históricos que ele denomina de "mercantilização das atividades esportivas e práticas corporais". Segundo seu entendimento a década de 80 é o alvorecer desta nova visão, como consequência da implantação dos cursos "stricto sensu" na área. Também afirma Canfield (1988) que a tendência das pesquisas nos cursos de mestrado em Educação Física no país, até os anos 80, mostrou a presença de apenas 2,5% de trabalhos na sub-área de História.

CAPÍTULO V - SINOPSE DA HISTÓRIA DE MUZAMBINHO

Esta sinopse foi baseada em pesquisa efetuada por Fernando Antônio Magalhães e Neide Barbosa de Souza da Casa da Cultura de Muzambinho (1998).

No princípio era a mata atlântica com sua exuberância de flora e fauna, onde provavelmente, haviam índios (tupis, botocudos, cataguases, caiapós e catuás), os quais devem ter sido exterminados ou fugiram para o interior. Um estudo mais profundo precisa ser feito, mas na tradição oral da cidade, fala-se na existência de bugres.

Documentos mostram que a região já era habitada em 1762, a partir de quando, portugueses e açorianos, vieram dar origem a várias famílias que hoje habitam a região, influenciando com sua cultura o modo de vida da região (cultivo da terra, tecelagem artesanal, fabricação de queijo, rapadura, açúcar mascavo, trabalho em couro e madeira, a religião, o folclore e as crendices populares). Desta forma os habitantes do sudoeste de Minas, com sobrenome português, devem possuir descendência açoreana.

O primeiro núcleo habitacional data de 1765, em um mapa organizado por ordem do governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Luiz Diogo, assinalado com o primeiro nome de Quilombo. Outro mapa, de 1767, tem dois outros núcleos com nomes de Dumbá e Zumdu, habitados por negros africanos livres e seus descendentes.

Em 1852, surge o povoado com o nome de São José da Boa Vista do Cabo Verde, que subiu à categoria de distrito em 08 de outubro de 1860. Em 02 de janeiro de 1.866 passou a ser Paróquia e, em 12 de novembro de 1878, passou a Vila formando termo com as freguesias de Dolores de Guaxupé (atual Guaxupé) e Santa Bárbara das Canoas (atual Guaranésia). Em 30 de Novembro de 1880 passou à condição de cidade e, ao mesmo tempo, de comarca, com o nome de Mozambinho (após algum tempo passou a ter o nome atual Muzambinho).

Muitos escravos fugitivos escondiam-se onde hoje se localiza o bairro Brejo Alegre os quais na sua maioria eram bantos de Angola ou de outras etnias de Moçambique. Através dos abolicionistas de Muzambinho liderados por Américo Luz, os escravos da comarca foram alforriados no dia 12 de maio de 1881, antecipando a lei Áurea em 13 de maio de 1888.



FIGURA 1 - Av. Dr. Américo Luz na década de 20 e a Igreja Matriz original

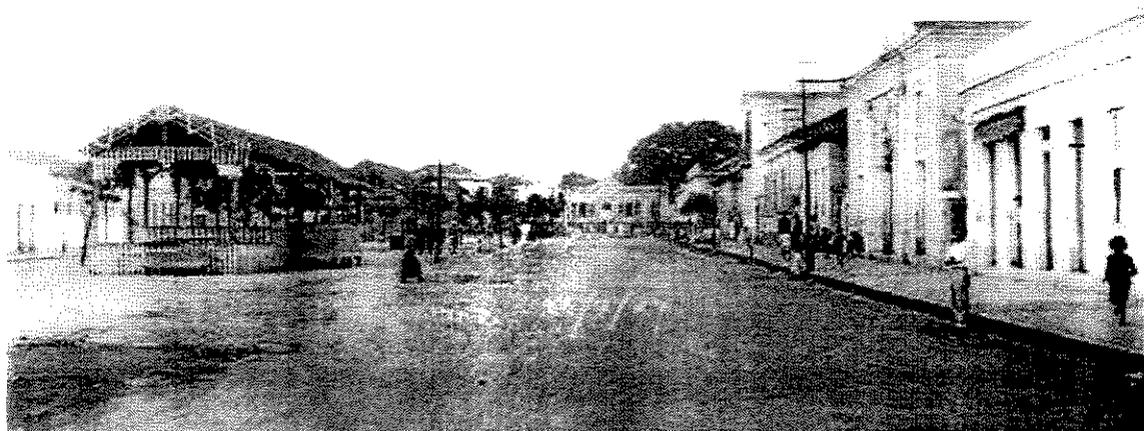


FIGURA 2 - Av. Dr. Américo Luz em 1927 e a famosa quermesse em benefício da Santa Casa de Misericórdia

O nome Muzambinho vem da influência que os africanos tiveram na formação do povoado. O significado da palavra Muzambinho tem várias explicações: vem do idioma quimbundo, falado pela etnia chokwe ou quicoc em Angola, significando "adivinhação", é também o nome de um chocalho,

musambu, usado pela mesma etnia em rituais de adivinhação e para espantar os maus espíritos. O nome pode estar ligado às máscaras estilo muzamba usadas pela mesma etnia.

A população é formada por descendentes de índios, africanos, portugueses, italianos, sírios, libaneses, espanhóis e alguns suecos. Há, principalmente na zona rural, pessoas com fortes traços indígenas, os caboclos. Os portugueses vieram em sua maioria dos Açores.

Muzambinho é um município localizado na mesorregião do sudoeste mineiro e microrregião da Baixa Mogiana. Limita-se com os municípios de Juruaia, Cabo Verde, Monte Belo, Guaxupé e Caconde, este último paulista. Ocupa uma área de 414 km² e sua população está estimada em 20.000 habitantes. Dista a 78 km de Poços de Caldas; 67 km de Alfenas; 150 km de Passos; 200 km de Ribeirão Preto; 420 km de Belo Horizonte e 350 km de São Paulo. A parte central da sede da cidade está a uma altitude 1.100 metros. A temperatura média anual é 18,80°C.

O nível de instrução da população está assim dividido (dados de 1992 do IGA-CETEC):

- 52,50% da população tem instrução de 1º grau e emprega-se no setor primário.
- 34,60% tem instrução de 2º grau e emprega-se no setor secundário.
- 14,41% da população possui curso superior.
- 0,99% da população da população é analfabeta e tem subempregos.

Os seus principais produtos agrícolas são café, feijão, milho, arroz, laranja, milho, cana-de-açúcar e banana e pecuários galináceos, bovinos e suínos.

Com relação a esperança de vida, situa-se entre 75 a 85 anos. O coeficiente de mortalidade infantil na média dos últimos anos foi de 2,76 por mil nascidos vivos. Com este índice, a cidade foi colocada pelo IBGE entre as 5% melhores do estado de Minas, em relação a qualidade de vida infantil, ressaltando-se ainda que esse índice, segundo a ONU, é menor que a média do Japão, EUA, Canadá, Suécia e Finlândia.



FIGURA 3 - Avenida Dr. Américo Luz centro da cidade e a Igreja Matriz



FIGURA 4 - Paço Municipal a esquerda e Coreto da Praça Pedro Alcântara de Magalhães ambos iluminados para as festas natalinas

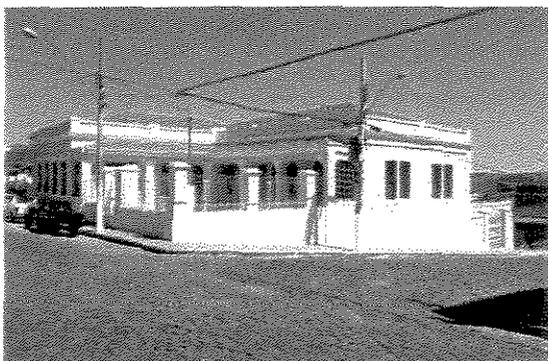


FIGURA 5 - Casa da Cultura à esquerda e Chapéu de Sol na Praça Dom Pedro II, todo construído em pedra.

CAPÍTULO VI - A HISTÓRIA DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MUZAMBINHO

Após ter feito o levantamento das características da região onde se localiza a Escola Superior de Educação Física de Muzambinho, com seu respectivo curso de graduação — licenciatura plena em educação física — e no intuito de poder estar verificando qual a intencionalidade de sua criação naquela época, passo a contar a história de sua criação.

Assim, no sentido de concretizar esta idéia e ordenar os fatos, sem poder contar com a estratégia de pesquisa de campo, através de entrevistas ou questionários junto ao universo de pessoas que participaram do processo, devido ao falecimento de todos, resolvi como pesquisador e único sobrevivente, assumir a responsabilidade de resgatar a história (com a ajuda do livro de atas da Fundação e da Congregação) que foi vivida e que não pode e não deve permanecer incógnita.

Ao terminar o curso de graduação em Educação Física, no ano de 1967, em Belo Horizonte, retornei a Muzambinho, não só para lecionar a disciplina Educação Física no antigo Colégio Estadual da cidade, mas também com o intuito de tentar convencer a comunidade, suas lideranças, a apoiar meu projeto e, ao mesmo tempo, um sonho acalentado há algum tempo, que era a implantação de um Curso Superior de Educação Física na cidade. Enquanto ainda estudava, constatei que:

1. dos poucos alunos das cidades do interior de Minas que iam à capital para graduarem-se na Escola Superior de Educação Física de Minas Gerais, poucos retornavam as suas cidades de origem pois havia amplo mercado de trabalho nos colégios da capital, tanto assim que eu e muitos colegas, passamos a lecionar já a partir do momento que ingressamos na Escola,
2. em todo estado de Minas Gerais havia apenas um curso na capital, Belo Horizonte, na Escola Superior de Educação Física de Minas Gerais. Esta realidade provocava-me grande inquietação relacionada ao destino da Educação Física no Estado. Não seria possível atender a demanda existente, para professores habilitados, com apenas um curso.

A partir destas constatações procurei e detalhei o plano para o prefeito Francisco Machado, alguns vereadores e muitas outras pessoas formadoras de opinião na cidade. Não obtive nenhum retorno satisfatório a não ser um tradicional “vá em frente” mas não me conformei com isto.

Comecei a refletir então, sobre o contexto no qual estava inserido percebendo que embora sendo uma pessoa muito conhecida, principalmente pela minha atuação esportiva (fazia parte das equipes da cidade em vôlei, basquete, futebol de campo e salão), havia ficado muito tempo fora de Muzambinho.

Além deste aspecto de afastamento, pesava ainda um fato importante, pois tinha apenas 25 anos e a sociedade muzambinhense era bem tradicional, oriunda das lideranças dos coronéis fazendeiros e políticos, e esta pouca idade acabava sendo um entrave.

Finalmente, sabe-se bem que em Minas Gerais sempre se confia desconfiando. Pareceu-me então, estar incomodando algumas pessoas que viam no projeto, objetivando a criação da ESEFM, além de ser muito arrojado para a época e para a região, um balão de ensaio para meu ingresso na vida política partidária da comunidade.

Depois de refletir muito e pesar bem as dificuldades encontradas, adotei uma nova estratégia, recorrendo à diretoria do Lions Clube, do qual já fazia parte e que tinha como presidente o Dr. Antero Veríssimo da Costa. Ele era um médico dos mais conceituados e respeitados da cidade possuindo seu consultório desde os anos 30, podendo-se dizer que boa parcela da população nasceu em suas mão (ele ia a cavalo nas mais distantes fazendas fazer os partos). Desta forma, o projeto ganhou mais credibilidade. Ao mesmo tempo, conseguimos convencer o vigário da paróquia Frei Rafael Zevenhoven a participar da empreitada. Mais do que isto, ele também se entusiasmou com a idéia. Frei Rafael era um franciscano, pessoa notável, porém polêmico pela sua coragem e posicionamento que assumia como pároco, inclusive na crítica que fazia aos políticos e autoridades locais.

A partir destas adesões foi possível angariar a simpatia de muita gente disposta também a ajudar, para que a Escola nascesse o mais rapidamente possível.

Com as despesas pagas pelo Lions Club organizou-se uma viagem a Brasília com a pretensão de, através de uma audiência com o então Presidente da República, Costa e Silva, conseguir a aprovação imediata da criação da ESEFM. Partimos de Muzambinho, eu, Dr. Antero, Frei Rafael e José Prado, como motorista. Viajamos até Goiânia onde encontramos com o Dr. Jacy de Assis, Procurador Geral do Estado de Goiás, afetivamente ligado por laços familiares a Muzambinho. Ele começou, imediatamente, a manter contato com seus amigos mais influentes, entre eles, Pedro Aleixo (Vice-presidente da

República), Rondon Pacheco (ex-Governador de Minas e Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República) e Geraldo Freire (Líder do Governo na Câmara). Fomos conduzidos a seguir, até o governador do Estado de Goiás Otávio Laje de Siqueira, também ofereceu ajuda no que fosse necessário. Concretamente conseguimos marcar uma audiência com o Ministro Extraordinário para os Assuntos do Gabinete Civil da Presidência da República, Rondon Pacheco, ex-governador de Minas Gerais.

Entretanto, na nossa conversa amistosa com o Dr. Jacy de Assis ficamos sabendo que o governo não criava e muito menos fazia "doações de escolas". Esta afirmação nos deixou a todos, por instantes, perplexos, seguindo-se um período de grande desânimo pois imaginávamos que, ao falar com o Presidente, conseguiríamos nosso intento.

Apesar deste contratempo seguimos viagem até Brasília, procurando vencer o desalento que tomou conta de todos. A visão magnífica do entardecer na capital, que nenhum de nós quatro conhecia, foi fascinante e, certamente nos trouxe novas esperanças no sentido de obter êxito naquela jornada.

No dia seguinte, logo de manhã, fomos ao Senado para visitar uma muzambinhense, Adélia Leite Coelho, Diretora da Biblioteca e pessoa muitíssimo estimada pelos parlamentares. Após ouvir a explanação sobre os objetivos da viagem, colocou-se a disposição para prestar ajuda, mesmo porque conhecia bem o funcionamento da "máquina" governamental. Imediatamente telefonou para o Dr. Luís Augusto, chefe de Gabinete de Rondon Pacheco. Fomos então ao seu encontro no Palácio da Alvorada. Lá chegando, Luís Augusto estava esperando-nos na rampa. Era muito jovem e mostrou-se uma pessoa extremamente simpática e cordial. Após percorrer e conhecer o Palácio da Alvorada, chegamos ao gabinete do Ministro. Aí então, fomos informados que infelizmente Rondon Pacheco não poderia nos receber, em virtude de acontecimentos de última hora, mas que se ficássemos mais um dia, não haveria problema. Disse ainda que o Ministro determinou-lhe toda a atenção à comitiva de Muzambinho e que estaria pronto a ajudar, fazendo questão de retribuir todo o apoio e carinho que sempre recebeu de seus companheiros em Muzambinho. O Dr. Antero disse, então, ser impossível permanecer mais um dia em Brasília, mas que manteria o Ministro informado de tudo que ocorresse. Então Luís Augusto disse ser possível, numa visita rápida, conhecer e cumprimentar o Presidente Costa e Silva. Apesar da concordância de três membros da comitiva, foi Frei Rafael, com sua habitual forma de decidir que sentenciou: "Se o que desejamos é impossível, não quero

tomar o tempo do Presidente e nem perder o meu. Melhor tomarmos outras providências”. Nem é preciso relatar que acabamos concordando com ele. Desta forma, Luís Augusto solicitou um carro oficial e nos acompanhou até o Ministério da Educação, para conversar com o Ministro Tarso Dutra.

Entretanto o ministro não se encontrava no ministério, tinha viajado inesperadamente, há poucas horas, para o exterior. O Secretário Geral nos recepcionou e forneceu, através de vários assessores, as informações necessárias para consecução de nosso projeto. Tudo deveria começar constituindo-se uma Fundação Educacional, que seria a entidade mantenedora da Escola.

Este processo envolveu um longo e árduo trabalho burocrático e financeiro. O Dr. Antero, apesar dos seus 68 anos, mostrou-se incansável, destemido e de uma persistência inabalável quanto ao êxito da missão, aliado ao prestígio de Frei Rafael. A parte burocrática constituía-se principalmente na necessidade de dar personalidade jurídica à Fundação Educacional. O primeiro passo foi a elaboração dos estatutos da Fundação, trabalho que contou com a valiosa ajuda do professor João Marques de Vasconcelos, nesta época Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras na cidade vizinha de Guaxupé. Pronto o projeto do Estatuto convocou-se 200 pessoas, designadas “sócios fundadores”, para a aprovação do mesmo. A reunião histórica aconteceu no dia 02 de junho de 1969, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Muzambinho, com comparecimento de 84 sócios. A Reunião foi presidida por Frei Rafael que esclareceu a pauta dos trabalhos. Inicialmente fez um relato da viagem a Brasília, convidando, em seguida, o Dr. Antero para esclarecer as demais providências que já haviam e estavam sendo tomadas. Passou-se então à leitura dos Estatutos da Fundação, agora denominada Fundação Educacional Muzambinho. A leitura foi feita capítulo a capítulo, os quais iam sendo discutidos e aprovados. Ela seria uma entidade de fins filantrópicos e seus diretores e sócios não poderiam receber salários ou qualquer vantagem financeira. E seus objetivos seriam:

- a) criar, instalar e manter, sem finalidade lucrativa, estabelecimentos de ensino superior, nos termos da legislação que rege a matéria, de forma a elevar o nível cultural e educacional da região em que se situa o município de sua sede;
- b) criar e manter serviços assistenciais que beneficiem os estudantes;

- c) efetivar providências no sentido de se tornar o ensino mais ajustado aos interesses e possibilidades dos estudantes, bem como as reais condições e necessidades do meio.

Em relação aos artigos que tratavam dos órgãos diretores, após sua leitura já se realizava a eleição.

Assim é que, após a leitura do capítulo V - Do Presidente, o Dr. Antero Veríssimo da Costa foi eleito por unanimidade. Sucessivamente foram eleitos:

1. Para o Conselho Curador

Ozório Faria Pereira Filho (Fazendeiro e genro do Dr. Jacy de Assis)

Messias Gomes de Melo (Fazendeiro e Prefeito Municipal)

José Prado Silva (Fazendeiro e cunhado do Dr. Antero)

2. Suplentes de Vogais

José Rossi (Diretor do Colégio Agrícola Federal)

Fernando Montanari (Bancário)

3. Diretor Executivo

Frei Rafael Zevenhoven (Vigário)

4. Vice-Diretor Executivo

Sebastião Del Gáudio (Exator Federal e futuro prefeito)

5. Conselho Curador

João Marques de Vasconcelos (Deputado Estadual)

Alfredo Gonçalves Filho (Comerciante)

Álvaro Martins de Oliveira (Fazendeiro e Ex-prefeito)

Joaquim Teixeira Neto (Dono do Cartório e futuro prefeito)

José Salomão (Comerciante)

6. Suplentes

José Ferreira da Rocha (Dentista)

Pedro Cerávolo Viola (Comerciante)

Antônio Magalhães de Oliveira (Fazendeiro)

Luiz Leite (Advogado)

Sidney Bueno de Oliveira (Dentista)

O patrimônio da Fundação seria constituído por uma dotação orçamentária de Ncr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros novos) destinada pela Prefeitura Municipal de Muzambinho, através da Lei nº 673, de 18/11/68 e mais Ncr\$ 10.000,00 oriundos das contribuições de 200 sócios fundadores.

Convém salientar que participei de todos os acontecimentos sem ostentar nenhum cargo, somente em Junho de 1971 tomei posse oficialmente como primeiro Diretor da ESEFM, a qual teve, até esta data, mais dois diretores, o professor Agenor Ribeiro Neto e a professora Lia Mara Zaghi.

É sabido que nas cidades pequenas como Muzambinho com cerca de 20 mil habitantes (aproximadamente com 60% morando na zona urbana e 40% na zona rural) a força de um vigário e de um médico tradicional é incontestável. Assim, as 200 pessoas convidadas a serem sócios fundadores passaram a contribuir mensalmente com Ncr\$ 5,00 (cinco cruzeiros novos) por tempo indeterminado.

Todo final de mês, junto com Dr. Antero, íamos pessoalmente receber as doações, de casa em casa. Depois de três meses, como se gastava muito tempo nas intermináveis conversas com cada contribuinte, foi preciso arranjar um “cobrador” para este serviço.

Solidificando o patrimônio, a paróquia, através de Frei Rafael, fez a doação de uma enorme casa, localizada na Praça dos Andradas, em estado precário de conservação. Com o sucesso das campanhas e o crescente entusiasmo da cidade pelo projeto, os membros da Fundação tornavam-se verdadeiros “pedintes” sempre carregando o “Livro de Ouro” debaixo do braço (este livro contém assinaturas dos que colaboraram com doações em dinheiro).

Com esta nova situação e com a arrecadação mensal das contribuições espontâneas dando para constituir uma pequena reserva bancária, as atenções voltaram-se para o meu processo de autorização.

A primeira providência foi alugar um prédio novo, enorme existente na Av. Dr. Américo Luz, pertencente às freiras da Associação Caritativa das Enfermeiras da Esperança. Este local seria um internato destinado ao abrigo de jovens alunas que viessem a Muzambinho estudar no Colégio Estadual, cuja fama de oferecer ensino de alta qualidade atingia vasta região. Esta obra

demorou demais para ser concluída. Assim sendo, quando tudo estava pronto, o internato de moças perdeu sua razão de ser. As jovens preferiam constituir “repúblicas” que ficar enclausuradas. Sem saber o que fazer com aquele prédio enorme surgiu à oportunidade de alugá-lo à Fundação, para abrigar a Escola.

A parte térrea foi planejada para abrigar as salas de aula (em número de quatro), sendo que um salão maior seria reservado para aulas “práticas”. Havia ainda espaço para a secretaria, tesouraria, diretoria, uma pequena biblioteca e as instalações sanitárias. Em forma de um quadrado, o prédio possuía no seu centro, circundado pelas salas, um espaço cimentado onde se imaginava pudesse ser improvisada uma quadra de vôlei.



FIGURA 6 - Frente do prédio alugado para abrigar a ESEFM em 1971

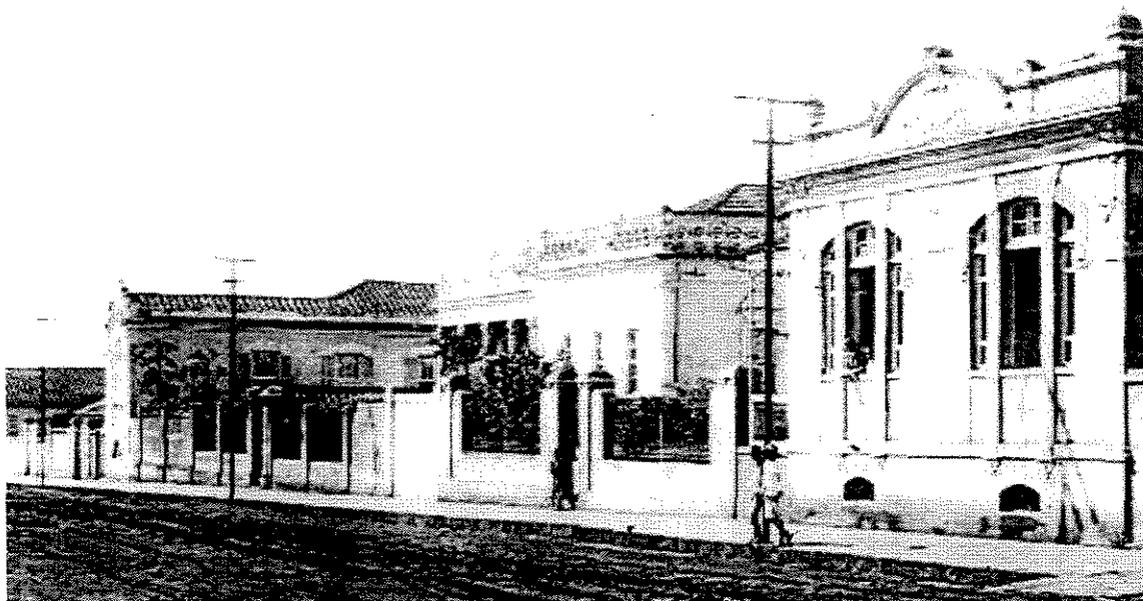


FIGURA 7 - Nesta antiga foto vemos os prédios onde funcionaram algumas salas de aula da ESEFM em 1971 e que, posteriormente, foram doados pela Paróquia a Fundação Educacional, através de Frei Rafael Zevenhoven

O primeiro piso não teria muita serventia, pois era constituído de inúmeros pequenos quartos para duas pessoas. Poderia se tornar alojamento de alunos de outras cidades que viessem estudar em Muzambinho.

Ao mesmo ficou sob minha responsabilidade a adequação do Regimento que havia sido redigido, baseado em dois outros, o da Escola Superior de Educação Física de Minas Gerais e o da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé.

Em relação ao mobiliário da futura Escola, lembro-me da chegada das carteiras individuais (80) que foram adquiridas no Paraná, pois o Dr. Antero gostava da marca “CIMO”, enaltecendo sempre a sua resistência a beleza. A chegada das mesmas, 90 dias após a compra, constituiu-se numa festa com o caminhão de entrega cercado de inúmeros curiosos e autoridades. Todos se admiravam pelo seu formato, pois possuíam um suporte para apoio e escrita acoplado, sendo que o usual nas outras escolas eram as tradicionais carteiras com mesa acoplada.

Os demais móveis (mesas cadeiras, armários) todos construídos com “madeira de lei” foram doados pelo “Exator Federal” de Muzambinho Sebastião Del Gáudio, diretor executivo da Fundação e que mais tarde seria

2ª SÉRIE

CARGA HORÁRIA

Cultura Religiosa	30
Fisiologia	30
Fisioterapia	15
Higiene Aplicada	30
Metodologia da Educação Física	45
Psicologia Aplicada	15
Educação Física Geral	90
Basquetebol	30
Futebol	45
Volibol	30
Desportos Terrestres Individuais	30
Desportos Aquáticos e Náuticos	30
Desportos de Ataque e Defesa	45

3ª SÉRIE

CARGA HORÁRIA

Biometria	30
Cinesiologia	30
Cultura Religiosa	30
História e Organização	30
Metodologia de Treinamento	30
Psicologia Aplicada	30
Educação Física Geral	120
Basquetebol	30
Futebol	30
Volibol	45
Desportos Terrestres Individuais	45
Desportos Aquáticos e Náuticos	30
Desportos de Ataque e Defesa	45

Naquela época a Educação Física recebia forte influência do método Desportiva Generalizada, que obteve grande aceitação entre os professores acostumados até então com outros procedimentos como Calistenia, Método Francês, Método Sueco, Método Natural Austríaco. Isto refletiu na elevada carga horária que era destinada às disciplinas relacionadas aos vários esportes.

No entanto diferente da Escola Superior de Educação Física de Minas Gerais cujo sistema era anual, o currículo da ESEFM era constituído de seis períodos, totalizando três anos e uma carga horária total de 1800 horas/aulas.

Após tudo isto com o processo já elaborado, o mesmo foi protocolado em setembro de 1969, no Rio de Janeiro onde ainda funcionava o CFE.

Começava uma nova guerra com muitas batalhas. Diversas diligências tiveram que ser cumpridas, sendo mais solicitados os seguintes aspectos: biblioteca, corpo docente e regimento. Registrei pelo menos 17 viagens, só entre Brasília e Rio de Janeiro, algumas de Fusca (Muzambinho dista de Brasília 900 km e 462 do Rio de Janeiro), além de outras a Belo Horizonte (406 km), São Paulo (320 km) e Campinas (220 km).

Finalmente, foi designada a Comissão Verificadora, composta de três membros, sendo um perito, o professor Herbert de Almeida Dutra e dois Técnicos Educacionais, os professores Laércio Nogueira e Rubens Machado.

Eles permaneceram em Muzambinho por três dias e cumpriram uma exaustiva agenda. Fizeram um exame minucioso, provocando um ambiente de permanente tensão entre os dirigentes da Fundação. Nossa maior preocupação relacionava-se aos poucos recursos disponíveis, a estrutura física toda na base de convênios, a precariedade da biblioteca e inexperiência do Corpo Docente. Entretanto depositávamos enorme fé na grande demanda do mercado de trabalho na região, notadamente nos colégios com tantos alunos matriculados e a existência de apenas uma Escola no Estado.

Durante os três dias estabeleceu-se uma estratégia em relação a comissão verificadora, que deu bons resultados. Inicialmente organizou-se um grande jantar com a presença de autoridades e lideranças locais, onde os membros da comissão puderam sentir o entusiasmo e o apoio que todos davam à criação da Escola.

Nos momentos de folga a comissão verificadora visitava as escolas, prefeitura, câmara municipal, comércio, indústria do leite, bem como grandes armazéns de comercialização de café. Foi possível visitar duas fazendas, cujos proprietários, membros da Fundação Educacional, transmitiram-lhes informações completas, sobre o plantio, colheita e comercialização do café.

No último dia de inspeção, eu e o Dr. Antero ficamos andando pelos corredores da futura Escola, aguardando o veredicto final, da mesma forma que os pais, inquietos, andam nos hospitais, à espera dos filhos nascerem.

Após três horas de reunião a Comissão Verificadora emitiu se parecer final, favorável a autorização da Escola. O professor Hebert nos relatou todas as dificuldades encontradas para emitir o julgamento final. Analisou as falhas apresentadas e orientou a forma de saná-las. Alertou para que as providências fossem tomadas rapidamente no sentido de se evitar que o processo caísse em diligência muitas vezes. Explanou finalmente a sua confiança nas pessoas envolvidas no processo de criação da Escola.

Com o retorno do processo ao CFE, a relatora, conselheira Lena Castello Branco, exigiu a apresentação de uma nova previsão orçamentária para os três primeiros anos de funcionamento, além de reestruturação substancial do patrimônio da Fundação, o qual considerou irrisório.

Após o atendimento destas solicitações, foi baixada nova diligência no sentido de substituir alguns professores com títulos considerados insuficientes e adaptações no regimento.

Finalmente no dia 1º de Junho de 1971, através do parecer número 379/71 do Conselho Federal de Educação, a Escola foi autorizada a funcionar. O Dr. Antero foi ao Rio de Janeiro assistir a reunião e seu retorno foi comemorado com uma grande festa. Muitos carros foram esperá-lo no trevo da rodovia que dá acesso a Muzambinho. Após sua chegada realizou-se uma carreata por toda cidade que terminou na frente da Escola, com uma ensurdecadora queima de fogos e, obviamente, muitos discursos.

A Escola nasceu com a pretensão de ser um marco na Educação Física, principalmente na sua região de abrangência. Prioritariamente precisava atender o mercado de trabalho formando profissionais competentes para atuarem nos colégios e oferecer, às crianças, aos jovens e adultos, atividades planejadas que pudessem atender suas reais necessidades e interesses. Deveria ainda ser uma escola alegre e extremamente afetiva para que os alunos gostassem dela e tivessem orgulho de sua profissão. Necessitava também ser muito dinâmica e procurar uma forma de se destacar entre as demais escolas, no sentido de oferecer um processo de aprendizagem de qualidade, com a intenção de permanecer sempre aberta a novas experiências.

Chegou finalmente o momento de planejar o primeiro vestibular e conhecer bem a clientela para poder traçar metas no sentido de adequação ao perfil desejado.

A qualificação do corpo docente era a prioridade máxima. Também, a longo prazo, por questões financeiras, seria necessário resolver a questão das

instalações físicas. Os locais das aulas, em razão dos vários convênios, eram distantes uns dos outros o que obrigava o aluno a constantes deslocamentos.

Abro um espaço para registrar muitas lições que foram aprendidas nestes dois anos. A primeira e talvez a mais importante é acreditar no sonho, tentar entender que a utopia é algo que apenas ainda não se realizou. Mas não basta sonhar e acreditar, é preciso regar a fé inabalável com perseverança e humildade.

Muitos acontecimentos nos bastidores, relacionados com o aspecto político, envolvendo a vaidade pessoal e o egoísmo, só não impediram o nascimento da Escola, porque o desejo e a coragem de alguns, que teimaram e concentraram sua força na busca contínua de tão sonhada realização, pairaram sobre quaisquer outros aspectos. Se a política é a arte de engolir sapos, a criação da Escola demonstrou ser possível engolir fogo.

A cidade pequena, de aparente vida calma e tranqüila, mascarava a intenção descabida de muitos atores desta caminhada que, dependendo deles, melhor se ela não nascesse, pois não seria um troféu que eles pudessem ostentar. A criação de uma escola formidável para a cidade e região, confrontada com a impossibilidade de usufruir deste acontecimento e ter sobre si os holofotes da consagração pública, os levaria a optar pelo aborto prematuro da idéia.

Este lado amargo mas entendível nas relações humanas, vamos deixá-lo para análises posteriores, quem sabe uma incumbência para algum sociólogo, aproveitando o momento atual propício de destaque desta área do conhecimento.

Somado ao aspecto da luta política, surdamente travada, para saber quais seriam os pais da Escola, alinhava-se o aspecto econômico. Na verdade os recursos, tanto financeiros como humanos e físicos, eram poucos. Trata-se de uma cidade e região eminentemente agropecuárias, onde não existiam empresas/indústrias capazes de se interessar e ajudar um projeto como esse. A cada viagem tornava-se necessário coletar dinheiro. A medida que o tempo passava muitos contribuintes iam ficando descrentes e era preciso motivá-los incessantemente. O processo de convencimento era permanente e isto era desgastante para todos nós.

Mas aí vem uma nova e grande lição que deverá permear toda a minha existência, englobando a minha nobre missão em preparar professores de Educação Física, quase sempre muito queixosos da falta de material, de

instalações, de apoio e outras lamúrias mais. Os problemas existem para dar sentido à vida e não para serem lamentados. Numa profissão emergente como a Educação Física, os profissionais deverão ter enorme e contínuo trabalho de convencimento da sociedade sobre o valor do movimento humano e da atividade física. Assim torna-se importante que a história da ESEFM, sintetizada na busca de um ideal nobre, propicie aos seus alunos uma profunda reflexão e motivação, no sentido de se tornarem profissionais competentes e compromissados com o desenvolvimento do ser humano, rumo a sua plena felicidade.

Estava claro que a ESEFM surgiu para ajudar os jovens, que nela ingressassem, a serem transformadores do ambiente onde irão exercer sua profissão, pois se queremos mudar a realidade das coisas sabemos que isto não acontecerá por si só. A realidade, que é construída pelos homens, somente através da sua ação é que poderá ser transformada. Nossa esperança era engrandecer a Educação Física, pois somente quem não tem esperança está errado. Embora não se tenha nenhuma garantia de que o bem e a verdade caminhem juntos, desejávamos que nossos futuros alunos perseguissem a ambos.

Retornando à história ressalto que no primeiro vestibular inscreveram-se 100 candidatos para preenchimento das 80 vagas. Ele foi realizado nos dias 19, 20 e 21 de Julho de 1971 e constava de provas teóricas comuns às outras áreas e prova de habilidade específica, constituída de um circuito de habilidades básicas e natação. Lembro-me bem do que ocorreu na prova de natação, realizada na Praça de Esportes de Muzambinho. Parecia que uma grande competição ia ter início. As arquibancadas ficaram lotadas por um público que se divertiu a valer, principalmente quando o candidato não sabia nadar e tinha que, pelo menos, mergulhar seu corpo e apanhar um objeto no fundo da piscina. Analisando hoje estes fatos me dou conta do constrangimento passado por aqueles vestibulandos.

Após a formatura da primeira turma começamos a elaborar, o processo de reconhecimento do curso de graduação, o qual, após concluído foi enviado ao Conselho Federal de Educação, que nomeou relator o conselheiro B. P. Bitencourt. O processo foi baixado em diligência através de uma exigência que nos surpreendeu, a qual qualificamos de descabida. Tratava-se da exigência de montagem de um laboratório de biologia com microscópios, pipetas e outros aparelhos, mais adequado a um curso de biologia. Tentei convencer o nobre conselheiro a mudar de opinião. Apesar de toda

argumentação apresentada, o nosso relator mostrou-se irredutível: sem laboratório não haveria parecer favorável.

Retornando a Muzambinho e conversando com um amigo, o professor Wellington de Oliveira, este me relatou a habilidade de seu irmão Walter, residente em Passos, em empalhar aves e animais e que o mesmo possuía uma belíssima coleção em sua casa. Sem perda de tempo viajamos até Passos para solicitar o empréstimo desta coleção para montagem do laboratório de biologia, apesar do pessimismo quanto ao empréstimo de algo tão pessoal. Chegando na residência do senhor Walter, ficou patenteada a habilidade do empalhador: todas as aves e animais pareciam estar vivos, era realmente uma bela e enorme coleção. Após relatar o motivo da viagem solicitamos sua ajuda quanto ao empréstimo da coleção, com a promessa de devolvê-la intacta tão logo fosse possível. Com enorme desprendimento e espírito de ajuda o senhor Walter de Oliveira concordou em ceder sua coleção.

Na semana seguinte um caminhão da Prefeitura de Muzambinho foi a Passos e trouxe a preciosa carga. Escolhemos uma ampla sala e colocamos os animais, além de uma grande quantidade de pipetas e outros materiais e aparelhos, somados aos seis microscópios cedidos por empréstimo pelo Colégio Agrícola Federal. Tiramos uma foto e enviamos ao relator demonstrando que havíamos cumprido sua determinação. Satisfeito com as providências adotadas deu por cumprida a diligência, sendo nomeada a seguir uma Comissão Verificadora composta de três membros, todos pertencentes a Universidade de Brasília.

Apesar da ansiedade e intensa preocupação que tomou conta de todos os integrantes administrativos da Fundação e da Escola, a Comissão Verificadora aprovou grande parte do que estava no projeto (não deixando de fazer a vistoria no laboratório de biologia), solicitando apenas que a piscina fosse iluminada e também a mini pista de atletismo. Passados três meses a diligência foi cumprida e novamente retornou a Muzambinho um dos membros da Comissão Verificadora para uma nova inspeção, que resultou num parecer favorável para o reconhecimento. Quase um ano após a vinda da Comissão, finalmente, no dia 10 de Abril de 1975, através do Decreto número 75.587, a Escola foi reconhecida. Lembro-me bem da alegria que tomou conta dos alunos, professores, dirigentes e da comunidade.

Embora continuassem as mesmas preocupações quanto à melhoria da qualificação docente e ao acervo bibliográfico, a parte física, toda ela conveniada, constituía-se cada vez mais num problema sem solução e impedia

nosso avanço no sentido de melhorar a qualidade dos serviços prestados aos alunos.

Elaboramos um plano para a construção de uma sede própria que seria empreitada para a construtora Irmãos Campoy da cidade de Oswaldo Cruz, SP, que ia construir a rodoviária de Muzambinho. A obra foi orçada em cinco milhões, vinte e um mil e oitocentos e oitenta cruzeiros e constava de aproximadamente três mil e duzentos metros quadrados de área construída, compreendendo três blocos distintos: o primeiro destinado à parte administrativa e biblioteca, o segundo as salas de aula e o terceiro destinado a abrigar três ginásios sendo um poliesportivo, outro para Ginástica Olímpica e Judô e o último para Dança e Rítmica. O dinheiro, na sua maior parte, viria da venda dos terrenos que a Fundação tinha conseguido por compra e doação.

Estes terrenos que pertenciam à paróquia localizavam-se numa área nobre da cidade, e graças a interferência de Frei Rafael foram vendidos em condições excepcionais para a Fundação. Totalizavam cinco mil e quinhentos metros quadrados. Além disso, a Fundação possuía uma área de dezesseis mil metros quadrados num local mais afastado denominado Chácara Regina.

O nosso plano era lotear a área nobre e trocar a Chácara Regina por outra de trinta e dois mil metros quadrados localizada num loteamento, afastado do centro da cidade, denominado Jardim Canaã, destinado a casas de alto padrão, onde seria construída a ESEFM. O proprietário do loteamento, senhor Rubens Prado, foi o próprio proponente da permuta, assumindo ainda, a responsabilidade de realizar por conta própria a terraplenagem necessária à construção da Escola.

O Dr. Antero, que já sofrera dois enfartes, alegou que seu estado de saúde e sua idade não permitiam mais enfrentar este novo desafio e propôs, numa reunião da Assembléia Geral da Fundação, que toda a diretoria se licenciasse, indicando-me como presidente. Anteriormente já conversara com mais sete pessoas (Nilson Luiz Bortoloti, Fausto Vieira, Roberto Bianchi, Eupídio Santini, Leônidas Alencar Bernardes, Ivan de Freitas e Amir Além de Aquino), os quais aceitavam fazer parte da diretoria e assumir o compromisso de enfrentar esta difícil jornada.

A grande maioria dos membros da Fundação aprovou o plano, embora não acreditassem no seu sucesso, em razão do valor da obra, uma quantia que jamais se imaginou pudesse dispor a Fundação. A aprovação do

projeto foi conseguida graças ao envolvimento afetivo, ao contagiante otimismo e ferrenha determinação da nova Diretoria.

Foi uma verdadeira batalha conseguir os compradores para sete lotes, resultado da divisão da área especificada anteriormente. A venda foi realizada em 10 prestações totalizando aproximadamente três milhões de cruzeiros, o que indicava um déficit de dois milhões. Mesmo assim o contrato com a construtora foi assinado e iniciou-se a obra. O contrato foi feito com os novos sete integrantes da diretoria, assinando como pessoas físicas, responsabilizando-se pelo pagamento, já que a construtora Campoy não aceitou o contrato com a entidade jurídica Fundação Educacional. Foi um ato de coragem e ao mesmo tempo de extrema confiança no trabalho que iriam realizar.

Em relação ao déficit, imediatamente planejou-se a realização do sorteio de um carro, o qual rendeu aproximadamente um milhão de cruzeiros, pois foram vendidos apenas cem bilhetes a dez mil cruzeiros cada um. O restante do dinheiro foi levantado no Banco de Crédito Real de Minas Gerais, através de empréstimo a longo prazo.

O período de construção foi rápido, cerca de oito meses. Quando a Escola iniciou suas atividades na nova sede, não dava para acreditar no que estava acontecendo. Tudo foi muito bem planejado e construído com simplicidade, mas com bom gosto e ótimo material.

Era muito gratificante pensar que os alunos não mais precisariam se deslocar para as aulas práticas e, principalmente, que nos dias de chuva as aulas transcorreriam normais.

Agora faltava apenas construir uma piscina, já que improvisamos uma grande área para a pista de atletismo e campo de futebol.

Após alguns anos de funcionamento, avaliamos que a ESEFM deu conta de atender o mercado de trabalho na sua região, formando professores para atuar nas inúmeras escolas existentes. Entretanto isto não satisfazia, era preciso avançar e começar a pensar na reciclagem dos alunos já formados, em realizar cursos de extensão e principalmente, buscar uma fórmula para integrar a ESEFM no contexto das demais escolas do Brasil. Planejou-se então a implantação dos cursos de pós-graduação “lato-sensu” e a realização de um evento que pudesse trazer a Muzambinho grandes nomes da Educação Física Brasileira e Internacional, o que foi feito através do Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento.

A pós-graduação foi um marco na vida da Escola. A partir da sua implantação, em 1979, até hoje, realizamos dez cursos. Os dois primeiros cursos visaram, principalmente, qualificar o corpo docente, o que produziu mudanças incontestáveis na atuação profissional de cada um. A realização do curso no período de férias favoreceu a participação de todos.

O nosso primeiro curso foi realizado com a colaboração da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais e do Distrito Geo-Educacional 19, ao qual pertencíamos. O corpo docente era constituído por professores de renome de diferentes universidades brasileiras, e o corpo discente contou com 39 alunos selecionados.

Para as escolas isoladas como a ESEFM, a implantação dos cursos de pós-graduação “lato sensu” representava um avanço extraordinário, melhorando em curtíssimo prazo a qualidade da atuação profissional dos professores. Trata-se de um projeto que atende bem as prioridades deste tipo de Escola e minimiza a ausência de professores com curso de mestrado ou doutorado. A pós-graduação “lato sensu” é uma experiência digna de louvores, calcada na dura realidade que envolvia a formação do corpo docente, na época do vertiginoso crescimento das escolas de Educação Física do país.

Os dois primeiros cursos abrangiam aspectos gerais, pois se destinaram a reciclar e amparar legalmente o corpo docente. Os demais cursos diversificaram-se para a Educação Física Escolar, o Treinamento Desportivo e Atividades Motoras em Academia.

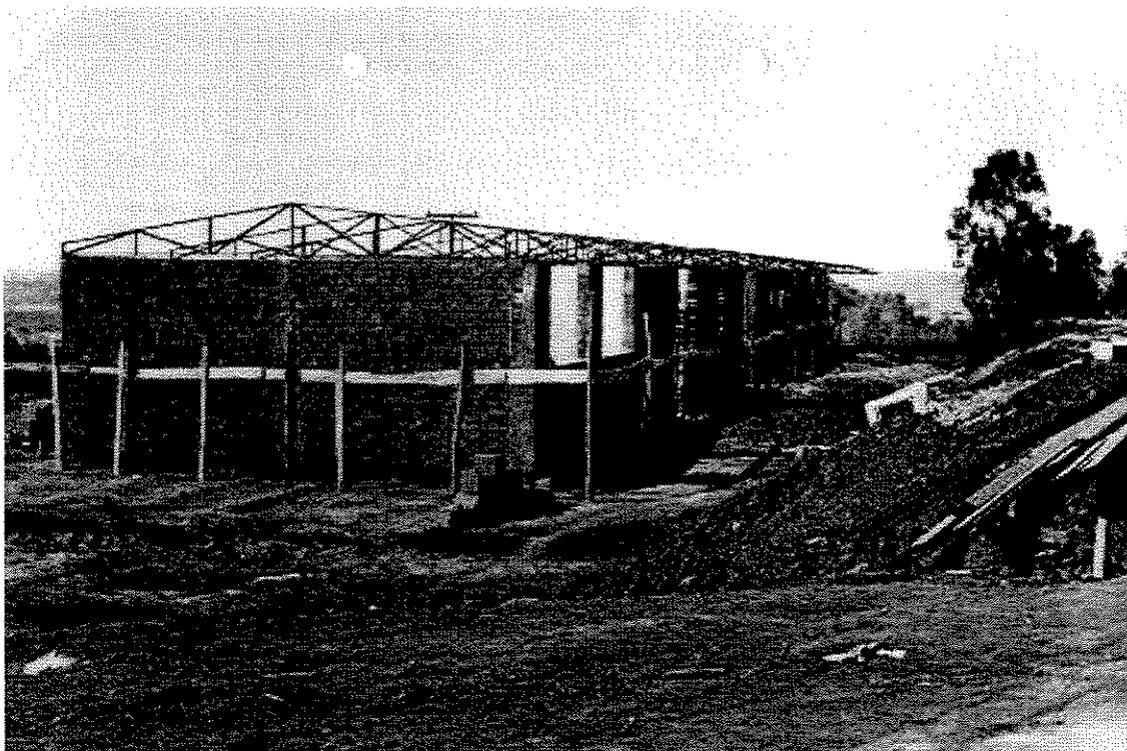


FIGURA 8 - Bloco I destinado a parte administrativa e biblioteca

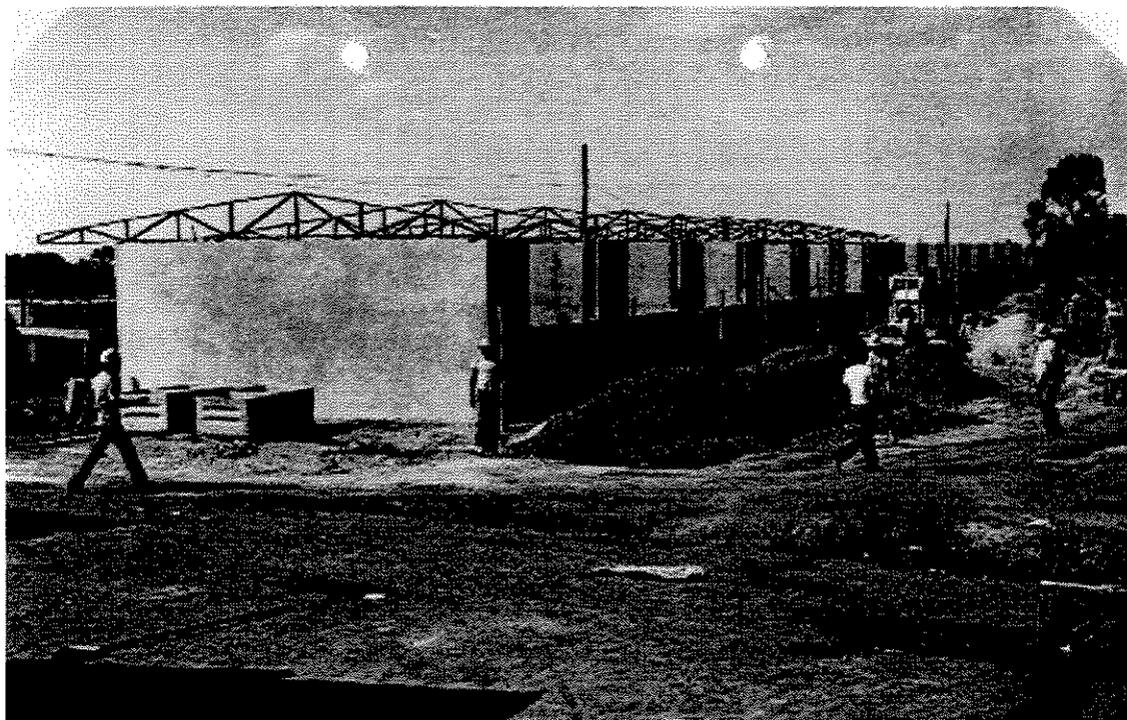


FIGURA 9 - Bloco II destinado às salas de aula



FIGURA 10 - Bloco III medindo 80m x 22m destinado a abrigar um ginásio polivalente, um ginásio para ginástica olímpica e judô e um ginásio para dança e rítmica

Por se tratar de uma pequena escola, numa cidade também pequena, foi possível dedicar atenção integral e especial a todos os professores e alunos. Acho que a ESEFM tornou-se uma escola extremamente afetuosa, que gosta de receber visitas. Os professores visitantes, muitos deles acompanhados de seus familiares, ficavam sempre à vontade. Obviamente não podemos esquecer o doce de leite, a comida caseira e o café.

O nosso intercâmbio maior realizou-se com as escolas da USP, Gama Filho, Santa Maria-RS e Celafiscs-São Caetano do Sul e, a partir de 1992 a UNICAMP.

Na busca de interação com centros de excelência na área e de oferecer oportunidade de atualização aos alunos e ex-alunos, em relação ao conhecimento de ponta, criamos o Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento.

A dificuldade em manter-se atualizado, principalmente quanto ao conhecimento de fronteira, em virtude da explosão de informações, causada pelo desenvolvimento científico e tecnológico, deu origem a nossa luta pela

implantação do Simpósio. Tratava-se de uma tarefa hercúlea, pois a cidade de Muzambinho não possuía condições estruturais para realizar um evento de tal envergadura; faltavam hotéis, restaurantes, locais para reuniões, aparelhagem audio-visual e sonora, bem como a dificuldade de horário de ônibus. Mesmo assim resolvemos enfrentar este desafio, confiando, principalmente, nos professores convidados, todos de renome na área, os quais tornaram-se, ao longo dos anos, nossos amigos fraternos e sustentaram o êxito do empreendimento.

Preocupados com a responsabilidade de realizar o I Simpósio em Muzambinho, pela falta de estrutura da cidade para tal evento, escolhemos a cidade de Poços de Caldas, que dista 75 km de Muzambinho para a realização do mesmo, encontrando irrestrito apoio da Prefeitura local e de várias outras entidades. Preparamos materiais para receber cerca de 700 participantes e qual não foi nossa surpresa e intensa preocupação com a presença de 1.350 pessoas aproximadamente: a metade dos participantes ficou sem material. Para a época, 1981, foi um dos maiores eventos do país na área da Educação Física. A partir daí, encorajados pelo sucesso obtido, resolvemos realizar os demais Simpósios em Muzambinho.

O maior problema era alojar tanta gente (só um hotel dispunha de apartamentos, em número de sete), assim uma comissão percorreu a cidade e cadastrou as famílias que se interessavam em hospedar os participantes oferecendo diárias acompanhadas do café da manhã, por um valor simbólico. Resolvido este problema passamos a planejar as refeições. Decidimos montar dois restaurantes, um para professores e outro para congressistas. Quanto aos locais dos cursos, palestras e mesas redondas, solicitamos todos os salões disponíveis das diversas igrejas, sindicatos, colégios e o antigo cinema. Como a cidade é pequena os constantes deslocamentos ao invés de tornarem-se um problema grave, acabaram transformando-se numa festa com os diferentes grupos se deslocando e demonstrando suas habilidades e qualidades artísticas pelas ruas, acompanhados curiosamente pelos habitantes.

Na avenida principal, que naturalmente tem um coreto no centro e uma igreja no final, como toda cidade do interior, reuniam-se os setecentos participantes numa verdadeira parafernália noturna. Realizaram-se ali mesmo, desfiles de grupos folclóricos e animadas noitadas dançantes que terminavam em ruidosos carnavais (o Bar do Miltinho ficou três dias e três noites sem fechar, fato inédito na cidade).

O mais importante era a qualidade das palestras, cursos e mesas redondas. Professores que jamais se encontravam ou sequer se cumprimentavam em outros eventos, eram obrigados a conviver juntos, pois não havia como se separar, demonstrando-se que em campo neutro, era possível continuar divergindo mas convivendo e construindo. Devido ao sucesso do Simpósio a ESEFM foi convidada a promover o IV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, na cidade de Poços de Caldas. Foi um congresso de alto nível que deixou saudades pelo entusiasmo reinante, mesmo havendo uma eleição para eleger a nova diretoria do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte.

Esta é uma primeira tentativa de contar a história da criação da ESEFM e relatar alguns aspectos de seu desenvolvimento. Muito há que se fazer ainda, principalmente quanto a outras pessoas que também foram atores desta jornada. Mas isto fica para outra oportunidade ou para outro "contator de histórias".

CAPÍTULO VII - O DESENVOLVIMENTO DA ESEFM

1. ALGUNS RESULTADOS ALCANÇADOS

Em 1969 foi elaborado um questionário pela Fundação Educacional Muzambinho, mantenedora da ESEFM, enviado a 70 cidades com as mais distantes localizadas a 100 km de Muzambinho (Fig. 11). Retornaram, respondidos, aproximadamente 70% dos questionários, dos quais, infelizmente, só conseguimos resgatar nos arquivos 9 deles, apresentando os seguintes dados:

Cidade	Alunos matriculados		Professores formados em Educação Física
	Curso Primário	Curso Médio	
Monte Santo de Minas	2520	670	0
Campos Gerais	4014	540	1
Alterosa	1600	195	0
São Sebastião da Gramma	1413	411	0
Poços de Caldas	6501	3523	3
Pratápolis	3403	837	0
Botelhos	2200	280	0
São Pedro da União	810	148	0
Caconde	2469	777	1
Total	24930	7381	5

QUADRO 1 - Dados a respeito dos alunos matriculados e dos professores licenciados em Educação Física nas cidades da região.

Os números deixam claro a necessidade de uma solução urgente para o problema, pois não existiam professores habilitados na região, visando não só cumprir a legislação mas com maiores possibilidades de oferecer às crianças uma Educação Física capaz de satisfazer suas necessidades e interesses.

Num primeiro estágio de seu desenvolvimento a ESEFM procurou atender estas necessidades da demanda do mercado regional ressaltada pela pesquisa.

Este fato refletia na construção do currículo elaborado para a época. De certa forma os currículos deveriam contemplar três dimensões: disciplinas de orientação às atividades, disciplinas de orientação pedagógica e disciplinas de orientação acadêmica (Tani, 1996). De acordo com o modelo predominante na maioria das Escolas de Educação Física do país, a organização curricular

da ESEFM incluía algumas outras disciplinas, além das sugeridas pela portaria 69/69 do Conselho Federal de Educação, principalmente aquelas relacionadas com os esportes.

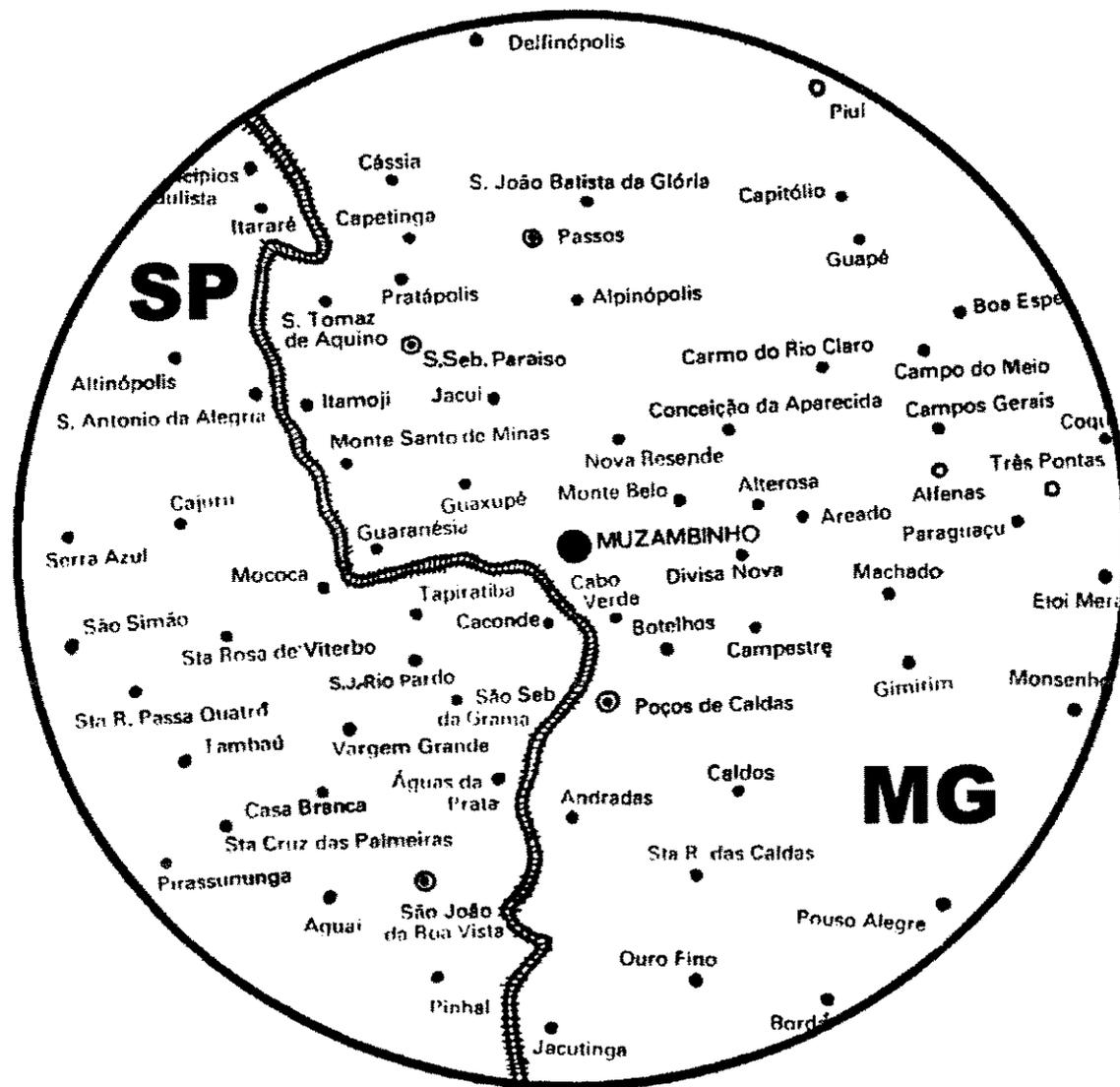


FIGURA 11 - Mapa contendo a região de abrangência da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho.

Fica clara sua caracterização com ênfase nas disciplinas de orientação às atividades, com a inclusão de vários esportes (vôlei, basquete, handebol, natação, atletismo, judô, futebol, ginástica rítmica desportiva e ginástica olímpica) além de rítmica, recreação, treinamento desportivo e organização e

administração da Educação Física. Como o currículo era composto de 1800 horas-aula, as disciplinas denominadas “práticas” preenchiam 59% do tempo. Senão vejamos:

Disciplina	Carga Horária / Horas-aula	
	Masculina	Feminina
Voleibol	135	105
Basquete	135	105
Handebol	75	75
Natação	120	90
Atletismo	120	105
Rítmica	30	165
Recreação	30	30
Treinamento Esportivo	60	45
Judô	30	—
Futebol	90	—
Ginástica Rítmica Desportiva	—	180
Ginástica Olímpica	225	150
Organização e Administração da Educação Física	15	15
Total	1065	1065

Disciplinas de orientação pedagógica

Disciplina	Carga Horária / Horas-aula	
	Masculina	Feminina
Didática	45	45
Psicologia da Educação	45	45
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º graus	45	45
Aprendizagem da Educação Física	180	180
Total	315	315

As disciplinas da orientação pedagógica perfaziam 24% do tempo total do curso de graduação.

Disciplinas de orientação acadêmica

Disciplina	Carga Horária / Horas-aula	
	Masculina	Feminina
Biologia	30	30
Anatomia	75	75
Fisiologia	60	60
Cinesiologia	45	45
Biometria	30	30
Higiene	30	30
Socorros de Urgência	30	30
Total	300	300

As disciplinas da área acadêmica compreendiam 17% da carga horária total do curso.

Este tipo de organização curricular apresentava problemas, alguns detectados pelo trabalho de Tojal (1989) como: dissociação no desenvolvimento das disciplinas, descompromisso com a pesquisa, ausência de prática laboratorial, estágios supervisionados enfocados apenas para cumprir determinação legal, enfim, a tão discutida inexistência de relação teoria/prática.

As disciplinas de orientação às atividades tinham como característica principal a transmissão dos conhecimentos, baseados na larga experiência dos professores envolvidos, os quais esforçavam-se para que os alunos da graduação aprendessem a executar, o que era considerado importante para o desempenho futuro nas escolas de 1º e 2º graus.

Deve-se salientar que, para a época e levando-se em conta a situação da Educação Física Escolar na região, dominada por ex-jogadores de futebol e militares, a preparação profissional do curso de graduação na ESEFM atendia, não só a demanda, como proporcionou uma visão nova do papel da Educação Física nas escolas de 1º e 2º graus.

Passados quase 10 anos, foi sendo incorporada a necessidade de avançar um pouco mais, pois não era mais possível se contentar em abastecer o mercado. Duas novas metas foram estabelecidas, assim sintetizadas:

- buscar meios para reciclagem permanente dos ex-alunos,
- promover a interação da ESEFM com as demais Escolas de Educação Física do país,
- institucionalizar a pesquisa e a extensão.

Para concretização destes planos foram estabelecidas a instituição do Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento e a criação do Curso de Pós-Graduação “lato sensu”, do Centro de Pesquisa, e os Congressos Internos.

1.1. A PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU” - PGLS

A pós-graduação no país, especificamente mestrado e doutorado, implantou-se na década de 60, inicialmente na Universidade Federal de Viçosa (antiga Escola Superior de Agricultura de Viçosa), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (na época Universidade do Brasil) e no Instituto de Tecnologia da Aeronáutica (ITA).

Na verdade a expressão “pós-graduação” dava margem a diversas interpretações pela falta de sua conceituação normativa, havendo indefinições quanto ao uso dos termos pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento e extensão.

“... para alguns a terminologia “pós-graduação” referia-se a qualquer curso para o qual fosse exigido o diploma de graduação. De acordo com esta interpretação, consideravam-se cursos de pós-graduação tanto os de especialização médica como os de didática bem como os cursos de orientadores educacionais. Para outros a pós-graduação era concebida como um curso de especialização e aperfeiçoamento profissional. E ainda havia os que entendiam a pós-graduação em termos de doutoramento”. (Oliveira, 1995).

O conceito atual de pós-graduação, com distinção entre o sentido estrito (stricto sensu) e o sentido lato (lato sensu) foi definido pelo parecer 977/65 do CFE, fixando suas estruturas e linhas básicas, de autoria do conselheiro Newton Sucupira, que estabeleceu:

“a pós-graduação “stricto sensu” - mestrado e doutorado - constitui o sistema regular de cursos que se superpõem à graduação com objetivos mais amplos de formação científica, cultural ou profissional de alto nível, parte integrante do complexo universitário, em caráter permanente, necessária à realização dos mais altos fins da universidade em sua condição atual”.

Desta forma a pós-graduação no sentido estrito integra o sistema universitário, tornando-se necessária aos fins desejados e essenciais da Universidade, podendo ser definido, ainda, conforme Souza (1997):

"como o ciclo de cursos regulares em seguimento à graduação, sistematicamente organizados, visando a desenvolver e aprofundar a formação adquirida no âmbito de graduação e conduzindo à obtenção do grau acadêmico de mestre ou doutor".

Já a pós-graduação "lato sensu" designa todo e qualquer curso que pressupõe a graduação, podendo ser eventual, com característica eminentemente prático-profissional e concede certificado.

Quanto à diferenciação e às semelhanças entre mestrado e doutorado pode-se destacar, entre outras:

- 1 - Ambos são acessados por candidatos portadores de diploma de graduação;*
- 2 - Ambos visam ao aprofundamento cultural e científico dos candidatos;*
- 3 - Ambos são graus formais de escolaridade regular;*
- 4 - Ambos servem à universidade, na sua missão de criar, difundir e aplicar os novos saberes;*
- 5 - Ambos exigem um trabalho final de curso, que os candidatos defendem perante banca de doutores;*
- 6 - O trabalho final do mestrado é a dissertação, a do doutorado, a tese;*
- 7 - O mestrado se volta, de preferência, para a formação do professor de ensino superior, ao passo que o doutorado visa à formação do pesquisador (PhD);*
- 8 - O mestrado não é pré-requisito indispensável para o doutorado, eis que, embora hierarquizados, quanto à densidade do curso e às exigências pedagógicas, o doutorado pode ser feito, sem passagem preliminar pelo mestrado". (Souza, 1997).*

Ambos os cursos tiveram uma grande expansão no ensino superior, entretanto a pós-graduação "lato sensu" teve uma proliferação desordenada já que não foi regulamentada pelo parecer 977/65 do CFE, como aconteceu com os cursos de mestrado e doutorado. Entretanto, foi necessário definir os modelos dos cursos de especialização e aperfeiçoamento, para efeito de qualificação docente, os quais a partir da resolução 14/77 (aperfeiçoada pela resolução CFE 12/83) tiveram sua estrutura estabelecida.

A Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - como órgão do MEC responsável pela execução das atividades de capacitação de pessoal de nível superior, no intuito de cumprir sua missão desenvolveu múltiplas atividades, através de programas para operacionalizar e implantar o Plano Nacional de Pós-graduação, instituindo, em 1975, o PICD - Programa Nacional de Capacitação de Docentes e o PROCAPIES - Programa Nacional de Capacitação de Professores de Instituições de Ensino Superior.

O PROCAPIES objetiva a capacitação dos docentes que não foram atendidos pela pós-graduação "stricto sensu", na tentativa de melhorar a qualidade dos cursos de graduação, utilizando-se da pós-graduação "lato sensu". Através da especialização e aperfeiçoamento busca-se, além da transmissão de conhecimentos técnicos atualizados, provocar mudanças na atuação dos professores no ensino superior.

O Departamento de Educação Física e Desporto do MEC publicou em 1971 o "Diagnóstico da Educação Física e Desporto no Brasil" que salientou as expectativas e deficiências da Educação Física. Ficou patenteada neste diagnóstico a ausência de pesquisa nas escolas de Educação Física. Demonstrando a preocupação com o problema detectado, o MEC, a partir de 1961, nos Planos Nacionais de Educação Física e Desporto - PNED, criou programas de pesquisas nas universidades, começando por implantar laboratórios, quase sempre de fisiologia do esforço, na Universidade de São Paulo - USP, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRS.

A partir de 1979, segundo Canfield (1988) a Secretaria de Educação Física e Desporto (SEED) do MEC passou a apoiar diretamente os cursos de mestrado existentes e indiretamente através de repasse de verbas a CAPES. O primeiro curso de mestrado, pós-graduação "stricto sensu", no Brasil, surgiu em 1977 na USP (mestrado em Educação Física), seguido pelo da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM em 1979 (mestrado em Ciência do Movimento), da UFRJ em 1980 (mestrado em Didática da Educação Física

e Bases Biométricas da Educação Física) e da Universiade Gama Filho - UGF em 1984 (mestrado em Pedagogia do Movimento e Administração em Educação Física).

Algumas instituições, como a Faculdade de Educação Física - Universidade de Campinas - UNICAMP, partiram de um curso de especialização "lato sensu", organizado em teorias e métodos de pesquisa em Educação Física, com objetivo de:

"Criar um estágio intermediário entre a graduação e a pós-graduação/pesquisa; instaurar mecanismos de seleção para a pós-graduação/pesquisa, baseados no mérito e no potencial de trabalho; possibilitar um período de reciclagem e dimensionamento de condições, para o candidato ao mestrado, posto que os cursos de graduação em Educação Física tem trabalhado com pressupostos típicos do ensino de 2º grau". (Gebara, 1988).

Fica difícil para os cursos de graduação conseguirem atender as necessidades impostas pelas atuais mudanças aceleradas que ocorrem em razão do progresso científico e tecnológico. Assim, as demandas do mercado de trabalho podem ser equacionadas mais rapidamente, através do "lato sensu". Ainda há de se destacar que "fora dos muros" da universidade, o setor produtivo está, cada vez mais, valorizando e necessitando da especialização.

Acontece que, embora exista uma grande lacuna em relação aos estudos e dados estatísticos sobre o "lato sensu", pode-se afirmar que houve enorme proliferação dos mesmos, bastando consultar jornais, revistas, panfletos e correspondência através de malas diretas.

Na ESEFM a qualificação do corpo docente constitui-se no seu problema maior. Nos anos iniciais de sua criação, os professores contratados eram apenas licenciados. Seria impossível pensar-se naquela época em selecioná-los com uma titulação em nível de mestrado. Apenas por volta dos anos 75 é que houve preocupação da Educação Física com os cursos de mestrado. Os professores tiveram que procurá-los no exterior, pela sua inexistência no país. Quando muito era possível cursá-los aqui apenas em áreas afins, com destaque para educação.

A experiência da ESEFM, depois de 20 anos de implantação do "lato sensu", autoriza o reconhecimento do relevante papel desempenhado por esses cursos. Eles vieram atender as necessidades urgentes de uma IES, de acordo com a realidade do ensino superior do país. Como qualificar melhor os docentes se o mestrado só foi implantado em São Paulo em 1977 e até 1984 havia apenas quatro cursos no país? A PGLS tornou-se um imperativo na vida cotidiana da ESEFM permitindo além dos seus objetivos específicos, a manutenção de um rico intercâmbio com as melhores escolas de Educação Física das universidades brasileiras e, obviamente, o acompanhamento do processo de evolução científica e tecnológica na área.

Mesmo quando a área de concentração era mais específica, realizando um corte dentro da área mais vasta do conhecimento, prestavam-se para preencher uma lacuna na qualificação dos docentes. Ainda mais pela flexibilidade na implantação dos cursos, oferecendo a oportunidade de reciclagem dos professores, sem tirá-los da sala de aula. Numa escola isolada como a ESEFM, a ausência do professor implica numa sucessão de problemas desde a impossibilidade de substituição até o tumulto gerado no corpo docente.

Foi notória na ESEFM, a mudança ocorrida no comportamento do corpo docente após a implantação do "lato sensu", não só na qualidade das aulas, como na formação de grupos de estudos, aumento significativo da utilização da biblioteca, criação do CENPES - Centro de Pesquisa - e na criação dos simpósios.

O "lato sensu" permite estabelecer e cumprir de fato o alcance dos objetivos no sentido do aprofundamento dos conhecimentos pois o aluno paga o curso, custeia suas viagens e despesas com alimentação e alojamento, tornando-se um crítico exigente na avaliação das metas estabelecidas. Desta forma ele não aceita que o curso seja apenas o preenchimento de lacunas da graduação (entre 10 e 15% dos alunos procuram ingressar no mestrado).

1.1.1.1. I PGLS - ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

O "lato sensu" iniciou-se, na ESEFM, em 1979, e nas duas primeiras versões, sua área de concentração era bem abrangente, ou seja, Especialização

em Ciência do Movimento Humano. O propósito de implantar o "lato sensu" com abrangência do vasto campo do saber na área, para a preparação do corpo docente da ESEFM com um mínimo de qualificação exigida no 3º grau, independentemente da disciplina que cada professor lecionava. O corpo docente e as disciplinas deste curso foram:

Airton da Silva Negrine (UFRS) - Psicomotricidade - 48 horas/aula

Benno Becker Jr. (UFRS) - Psicologia do Esporte - 48 horas/aula

Carlos Eduardo Negrão (USP) - Avaliação em Educação Física - 36 horas/aula

José Renan Vieira da Costa (Escola Federal de Farmácia e Odontologia de Alfenas - MG) - Anatomia e Neuro-Anatomia - 36 horas/aula

Manoel José Gomes Tubino (UGF) - Metodologia do Treinamento Esportivo - 48 horas/aula

Maria Augusta P. D'Al Molin Kiss (USP) - Fisiologia do Esforço - 48 horas/aula

Ricardo Penna Machado (UFMG) - Planejamento Curricular - 48 horas/aula

Victor Keiham Rodrigues Matsudo (CELAFISCS-SP) - Ciência do Esporte na Atualidade - 48 horas/aula

1.1.2. II PGLS – ESPECIALIZAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

O 2º curso foi realizado no período de maio de 1982 a outubro de 1983 também teve sua área de concentração abrangente como no 1º curso, teve a duração de 360 horas/aula, no entanto o seu conteúdo sofreu modificações com a inclusão de novas disciplinas. O corpo docente e as disciplinas deste curso foram:

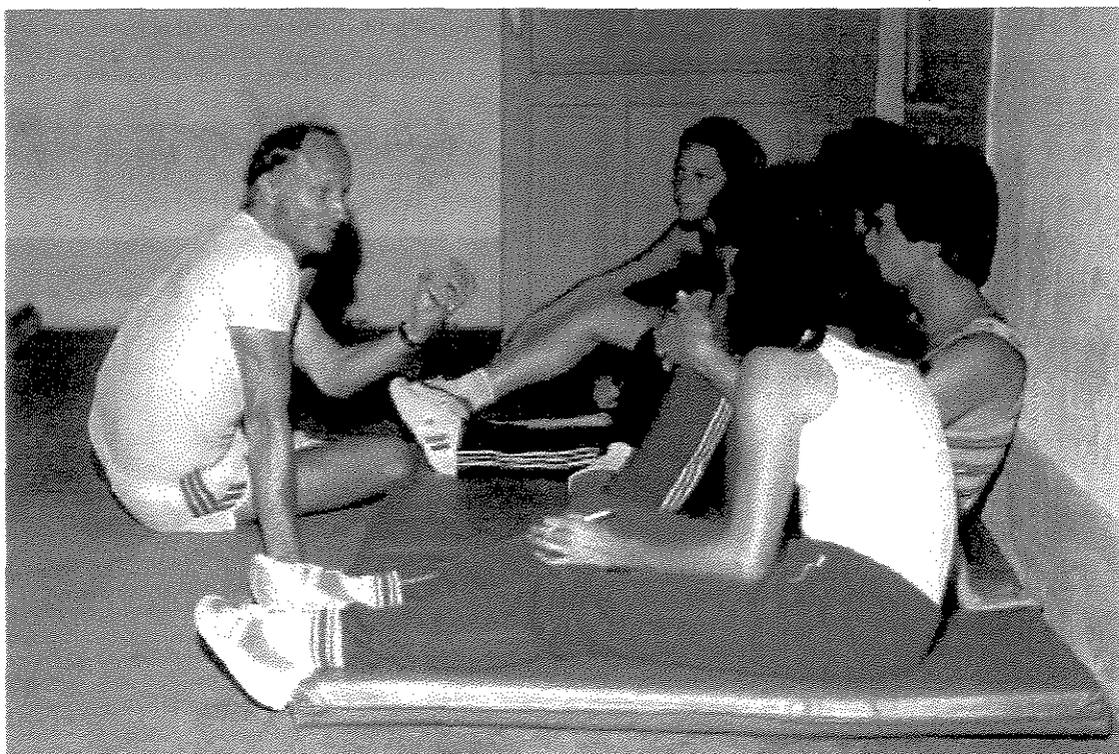


FIGURA 12 - Prof. Dr. Jurgen Dieckert ministrando suas aulas no curso de pós-graduação em 1982

Prof. Doutor Cândido Celso Coimbra (USP) - Fisiologia dos sistemas ósseo, muscular, cárdio-vascular, nervoso e endócrino - 24 horas/aula.

Prof. Doutor Eduardo Marcondes (USP) - Crescimento e desenvolvimento - 16 horas/aula

Prof. Doutor Franz Victor Rudio (Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Lorena - SP) - Metodologia da pesquisa científica - 32 horas/aula.

Prof. Doutor Jefferson Tadeu Canfield (UFSM) - Aprendizagem motora - 40 horas/aula.

Prof. Doutor José Renan Vieira da Costa (EFOA) - Morfologia dos sistemas ósseo, muscular, cárdio-vascular e nervoso - 48 horas/aula

Prof. Doutor Jurgen Dieckert (Universidade de Oldenburg - Alemanha) - Criatividade e movimento - 24 horas/aula.

Prof. Doutor Manoel José Gomes Tubino (UGF) - Metodologia científica do treinamento esportivo - 24 horas/aula.

Profa. Doutora Maria Augusta Pedutti D'al Molin Kiss (USP) - Fisiologia do esforço: aspectos cárdio-vasculares - 24 horas/aula.

Profa. Me. Maria Helena Bueno da Costa (UFMG) - Metabolismo energético - 20 horas/aula.

Profa. Me. Maria Tereza Silveira (USP) - Bio-estatística - 20 horas/aula.

Prof. Me. Ruy Jornada Krebs (UFSM) - Introdução a Biomecânica - 40 horas/aula

Prof. Me. Vilmar Baldissera (UNB) - Fisiologia do esforço: aspectos musculares e respiratórios - 24 horas/aula.

Prof. Me. Victor Keiham Rodrigues Matsudo (CELAFISCS-SP) - Avaliação em Educação Física - 24 horas/aula.

1.1.3. III PGLS - ESPECIALIZAÇÕES EM: ATIVIDADES MOTORAS EM ACADEMIAS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O 3º curso foi realizado no período de abril de 1986 a julho de 1987 com a oferta de 2 áreas de concentração mais específicas, realizando um corte dentro da área mais vasta do conhecimento da Educação Física: Educação Física Escolar e Atividades Motoras em Academia. O aluno selecionado cursava um Núcleo Comum com 195 horas/aula e optava em seguida por uma das 2 áreas de concentração, ambas com 200 horas/aula. O corpo docente e as disciplinas do núcleo comum foram:

Prof. Mestre Edison de Jesus Manoel (USP) - Metodologia da pesquisa - 30 horas/aula.

Prof. Mestre Eduardo Kokubun (USP) - Crescimento e desenvolvimento - 40 horas/aula.

Prof. Doutor Go Tani (USP) - Desenvolvimento motor - 40 horas/aula.

Prof. Doutor Jefferson Tadeu Canfield (UFSM) - Aprendizagem motora - 40 horas/aula.

Prof. Mestre Victor Keiham Rodrigues Matsudo (CELAFISCS-SP) - Medidas e avaliação - 25 horas/aula.

O corpo docente e as disciplinas da área de concentração Educação Física Escolar foram:

Prof. Mestre Paulo Roberto Gomes de Lima (UFES) - Educação física na infância I - 40 horas/aula.

Prof. Mestre José Elias de Proença (USP) - Educação física na infância II - 40 horas/aula.

Prof. Mestre Luzimar Teixeira (USP) - Ginástica corretiva na escola - 40 horas/aula.

Profa. Mestre Verena Junghanel (USP) - Educação física adaptada - 40 horas/aula.

Prof. Mestre Jorge Pérez Gallhardo (UNICAMP) - Educação física na adolescência - 40 horas/aula.

O corpo docente e as disciplinas da área de concentração Atividades Motoras em Academias foram:

Prof. Mestre Cláudia Avelar (UGF) - Ginástica aeróbica - 40 horas/aula.

Prof. Mestre Estélio Henrique Martins Dantas (UGF) - Condicionamento físico - 40 horas/aula.

Prof. Mestre Egberto Cavariani (FEC-SCS-SP) - Ginástica-Jazz - 30 horas/aula.

Prof. Especialista Murilo Elba (UGF) - Ginástica estética - 25 horas/aula.

Prof. Mestre Jorge A. Gonçalves (UGF) - Musculação - 35 horas/aula.

Profa. Mestre Silene Okuma (USP) - Atividades motoras para gestante - 30 horas/aula

1.1.4. IV PGLS - ESPECIALIZAÇÃO EM TREINAMENTO ESPORTIVO

O 4º curso foi realizado no período de janeiro de 1991 a janeiro de 1992, com a área de concentração em Treinamento Esportivo e com duração de 400 horas/aula. O corpo docente e as disciplinas deste curso foram:

Prof. Doutor Ademir de Marco (UNICAMP) - Anatomia aplicada a atividade motora - 30 horas/aula.

Prof. Doutor Emerson Silami Garcia (UFMG) - Atividade física e emagrecimento - 30 horas/aula.

Prof. Doutor Estélio Henrique Martins Dantas (UFRJ) - Preparação física - 40 horas/aula.

Prof. Doutor Go Tani (USP) - Aprendizagem motora - 40 horas/aula.

Profa. Doutora Maria Beatriz Rocha Ferreira (UNICAMP) - Introdução a metodologia da pesquisa - 45 horas/aula.

Prof. Mestre Sergio Guida (UGF) - Cinesiologia aplicada à atividade motora - 30 horas/aula.

Prof. Doutor Vilmar Baldissera (UFSCAR) - Fisiologia do exercício - 30 horas/aula.

Prof. Mestre Ricardo Luiz Carneiro (UFMG) - Biomecânica aplicada ao treinamento esportivo - 40 horas/aula.

Prof. Doutor Paulo Sérgio C. Gomes (USP) - Bases fisiológicas do treinamento esportivo - 35 horas/aula.

Prof. Especialista Paulo Roberto R. Silva e Prof. Especialista Guilherme V. Guimarães (INCOR) - Avaliação cardíaco-vascular de cardiopatas - 15 horas/aula.

1.1.5. V PGLS - ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO MOTORA NA ESCOLA

Neste curso houve uma modificação do procedimento adotado até então, através da implantação do curso de Educação Motora na Escola aproveitando-se o corpo docente da FEF-UNICAMP, no seu Departamento de Educação Motora, o qual teve a duração de 400 horas/aula. Ele foi realizado no período compreendido entre novembro de 1992 a novembro de 1993. O corpo docente e as disciplinas deste curso foram:

Prof. Doutor Ademir de Marco - Anatomia aplicada a atividade motora - 45 horas/aula.

Prof. Mestre Adilson Nascimento de Jesus - Aspectos culturais do corpo e movimento humano I - 25 horas/aula.

Prof. Doutor João Batista Freire da Silva - Educação do corpo inteiro I - 25 horas/aula.

Prof. Mestre Jocimar Daólio - Aspectos culturais do corpo em movimento humano II - 25 horas/aula

Prof. Doutor Jorge Sérgio Pérez Gallardo - Aspectos filogenéticos e ontogenéticos do desenvolvimento motor humano - 45 horas/aula.

Prof. Doutor Pedro José Winsterstein - Aspectos didáticos da educação física escolar - 45 horas/aula.

Prof. Doutor Ricardo Machado L. Barros - Metodologia do ensino superior e da pesquisa - 50 horas/aula.

Prof. Doutoranda Silvana Venâncio Freire - Educação de corpo inteiro II - 20 horas/aula.

Prof. Doutor Vilma Leni Nista Piccolo - A ginástica no contexto escolar - 45 horas/aula.

Prof. Doutor Wagner Wey Moreira - Corpo, escola e sociedade - 45 horas/aula.

1.1.6. VI PGLS - ESPECIALIZAÇÃO EM CONDICIONAMENTO FÍSICO NA ACADEMIA

Este curso foi realizado no período de julho de 1993 a julho de 1994, e novamente o corpo docente foi constituído de professores de diferentes universidades do país. Teve a duração de 360 horas/aula. O corpo docente e as disciplinas deste curso foram:

Prof. Especialista Carlos Eduardo Consenza (UGF) - Musculação em academias - 40 horas/aula.

Prof. Especialista Carlos Eduardo Mazuco Fontes (ESEFM) - Ginástica de academia - 40 horas/aula.

Prof. Doutor Emerson Silami Garcia (UFMG) - Obesidade e emagrecimento - 30 horas/aula

Prof. Doutor Estélio Henrique Martins Dantas (UFRRJ) - Condicionamento físico para sedentários - 40 horas/aula.

Prof. Especialista Marcelo T. C. Borelli (ESEFM) - Treinamento em ginástica aeróbica - 20 horas/aula.

Prof. Mestre Ricardo Carneiro (UFMG) - Biomecânica aplicada ao exercício - 40 horas/aula.

Prof. Mestre Rolando Cédia (UCB) - Avaliação funcional - 40 horas/aula.

Profa. Especialista Vera Lúcia Gonçalves - Hidroginástica - 30 horas/aula.

Prof. Doutor Vilmar Baldissera (UFSCAR) - Fisiologia do exercício - 40 horas/aula.

Prof. Mestre Yara Lacerda (UGF) - Relaxamento - 40 horas/aula.

1.1.7. VII PGLS - ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO MOTORA NA ESCOLA

Neste curso repetiu-se o procedimento adotado no 5º curso aproveitando-se o corpo docente da FEF-UNICAMP, do seu Departamento de Educação Motora, o qual teve a duração de 360 horas/aula, modificando-se o seu conteúdo programático em algumas disciplinas. Ele foi realizado no período compreendido entre julho de 1995 a julho 1996. O corpo docente e as disciplinas deste curso foram:

- Prof. Doutor Ademir de Marco - Desenvolvimento motor - 40 horas/aula.
- Prof. Doutor Adilson Nascimento de Jesus - Vivências corporais - 40 horas/aula.
- Prof. Doutor João Batista Freire da Silva - Educação do corpo inteiro - 40 horas/aula.
- Prof. Mestre Jocimar Daólio - Educação física escolar: uma abordagem cultural - 40 horas/aula
- Prof. Doutor Jorge Sérgio Pérez Gallardo - Aspectos filogenéticos e ontogenéticos do desenvolvimento motor humano - 40 horas/aula.
- Prof. Doutor Pedro José Winsterstein - Aspectos didáticos da educação física escolar - 405 horas/aula.
- Prof. Doutor João Batista Andreotti Gomes Tojal - Metodologia do ensino superior e da pesquisa - 40 horas/aula.
- Prof. Doutor Wagner Wey Moreira - Educação motora, escola e sociedade - 40 horas/aula.
- Prof. Doutora Elizabeth Paoliello Machado de Souza - Ginástica no contexto escolar - 40 horas/aula.

1.1.8.VIII PGLS - ESPECIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES MOTORAS EM ACADEMIAS

Após 17 anos acumulando experiência na realização do "lato sensu" a ESEFM passou a ser consultada no sentido de realizar estes cursos em outras regiões de Minas Gerais. Na área de Educação Física, embora existam 8 escolas no estado, o "lato sensu" não tem sido utilizado para atender a demanda existente. Assim sendo o curso foi implantado, simultaneamente, em Muzambinho, Juiz de Fora e Belo Horizonte, aprovados pela portaria nº 2.270, de 22 de dezembro de 1997. Confirmando a necessidade do curso, 48 alunos foram selecionados para Belo Horizonte e tornou-se necessário a formação de duas turmas em Juiz de Fora, uma com 44 e outra com 46 alunos. O corpo docente e as disciplinas foram:

- Curso realizado em Muzambinho:

Prof. Doutor Jefferson da Silva Novaes (UFRJ) - Metodologia da Ginástica de Academia - 50 horas/aula.

- Profª. Doutora Yara Lacerda (UGF/RJ) - Metodologia da Flexibilidade, Alongamento e Relaxamento - 25 horas/aula.
- Profª. Mestranda Mercêz Nogueira Paulo (ESEFM) - Metodologia da Hidroginástica - 50 horas/aula.
- Prof. Mestre Jefferson Macedo Vianna (UFRJ) - Personal Training e Treinamento de Força - 50 horas/aula.
- Prof. Mestre Paulo Eduardo Carnaval (UFRJ) - Medida e Avaliação em Academias - 25 horas/aula.
- Prof. Mestre Giovanni da Silva Novaes (UCB-RJ) - Didática do Ensino em Academias - 30 horas/aula.
- Prof. Doutor Vilmar Baldissera (UFSCAR) - Fisiologia da Atividade Motora - 30 horas/aula.
- Prof. Doutor Ademir de Marco (UNICAMP) - Desenvolvimento Motor - 25 horas/aula.
- Prof. Doutor Ricardo Pinto (UNICAMP) - Metodologia da Pesquisa - 25 horas/aula.
- Prof. Doutor Go Tani (USP) - Aprendizagem Motora - 25 horas/aula.
- Prof. Doutor Benedito Pereira (ESEFM) - Nutrição Aplicada a Atividade Motora - 25 horas/aula.
- Prof. Mestre Guilherme Borges Pacheco Pereira (UGF/RJ) - Didática do Ensino Superior - 30 horas aula.
- Prof. Doutor Laércio Elias Pereira (ESEFM) - Recursos de Informação em Educação Física e Esporte - 25 horas/aula.

- Cursos realizados em Juiz de Fora e Belo Horizonte:

- Prof. Doutor Jefferson da Silva Novaes (UFRJ) - Metodologia da Ginástica de Academia - 50 horas/aula.
- Profª. Doutora Yara Lacerda (UGF/RJ) - Metodologia da Flexibilidade, Alongamento e Relaxamento - 25 horas/aula.
- Profª. Mestranda Mercêz Nogueira Paulo (ESEFM) - Metodologia da Hidroginástica - 50 horas/aula.
- Prof. Mestre Jefferson Macedo Vianna (UFRJ) - Personal Training para grupos especiais - 25 horas/aula e Metodologia para treinamento de força - 50 horas/aula.

Prof. Mestre Paulo Eduardo Carnaval (UFRJ) - Medida e Avaliação em Academias - 25 horas/aula.

Prof. Mestre Giovanni da Silva Novaes (UCB-RJ) - Didática do Ensino em Academias - 30 horas/aula.

Prof. Doutorando João Carlos Bouzas Marins (UFV) - Fisiologia da Atividade Motora - 30 horas/aula.

Prof. Mestre Edson Vieira de Faria (UFJF) - Metodologia da Pesquisa - 25 horas/aula.

Prof. Mestre Guilherme Borges Pacheco Pereira (UGF/RJ) - Didática do Ensino Superior - 30 horas/aula.

Profa. Especialista Bianca Gerbassi de C. Assumpção (UCB) - Nutrição aplicada à atividade motora - 25 horas/aula.

A ESEFM foi bastante cuidadosa na escolha do corpo docente dos cursos "lato sensu". Em todos eles, procurou-se convidar professores cujas propostas de trabalho estavam trazendo mudanças na Educação Física brasileira. Fica patenteada ainda, a preocupação em manter um equilíbrio entre professores com maior vocação acadêmica e aqueles com perfil mais direcionado para a prática. Esta conduta permitia antecipar e evitar os problemas que poderiam acontecer nestes cursos, detectado pelas avaliações realizadas. Não há como negar que o "lato sensu" tem como característica principal o lado prático-profissional (Oliveira, 1995). No entanto, torna-se desejável que também seja enfatizado, sem que isto extrapole e torne-se prioritário, a necessidade de se estimular à reflexão crítica.

Examinando-se a lista dos professores dos nove cursos realizados, destaca-se que o intercâmbio da ESEFM priorizou quatro universidades, UFSM, USP, UGF e UNICAMP. Constatou-se que este entrelaçamento, apesar dos alunos sentirem-se confusos, num primeiro momento, pela característica de cada uma dessas universidades, externada no comportamento do professor, com o passar do tempo chegou-se à conclusão de que a divergência de idéias era estimulante. Até porque confirmava, inclusive, o momento vivido pela Educação Física brasileira no sentido de buscar sua identidade própria em meio a tantas divergências e que alguns teimam em considerar impróprias. Torna-se impossível uma profissão se afirmar sem crises, mas o que talvez a Educação Física brasileira mais necessita, é saber conviver e construir na divergência, ao invés de, como fazem muitos, lamentá-la e utilizá-la de modo mesquinho, como se no combate das idéias também fosse preciso combater as pessoas. Parece-me que existe a formação de

verdadeiros blocos compactos integrados por intelectuais militantes de um mesmo referencial teórico, os quais, no debate crítico com outras visões antagônicas, buscam no resultado desta discussão muito mais a supremacia do grupo do que uma verdadeira contribuição para a Educação Física brasileira na busca de sua transparência.

Um dos problemas mais graves encontrados na implantação do "lato sensu" na ESEFM foi a biblioteca, o qual foi resolvido com substancial aumento do acervo e contratação de bibliotecária com larga experiência inclusive na área de Educação Física, pois foi responsável pela organização da biblioteca da FEF-UNICAMP. O que falta atualmente é a assinatura de maior número de periódicos, o que se constitui num problema, pois implica na existência de suporte financeiro e numa escola pequena isto não é muito fácil.

Uma experiência que está sendo adotada nos últimos cursos é a inclusão da disciplina "Recursos de Informação em Educação Física e Esportes", que entre outros objetivos pretende estimular o uso da internet no sentido de amenizar principalmente o problema da monografia.

Em razão desta experiência acumulada de 20 anos, e pelo "know how" adquirido a ESEFM tem sido solicitada a realizar estes cursos em outras regiões do estado de Minas Gerais, com ênfase na área de concentração Atividades Motoras em Academias.

Tenho constatado que em muitas Escolas de Educação Física existe um certo distanciamento em relação às academias. Este mercado de trabalho para o professor de Educação Física não pode ser desprezado. Na verdade o que pode ter acontecido é que, com a expansão das academias (no Rio de Janeiro e em São Paulo existiam 6 mil academias, segundo Novaes, 1991) e com sua clientela melhor informada pela mídia, tendo em vista o vasto campo que o assunto ligado ao "fitness" ocupa atualmente, passou-se a exigir um profissional melhor qualificado. Parece que muitas escolas não se deram conta deste novo comportamento da sociedade ou então, pela sua vocação acadêmica (talvez porque considerem as academias como locus onde apenas a experiência reina), acabaram por desprezá-las. As academias passaram então a contratar professores de Educação Física ou mesmo alunos da graduação, não sem antes fazê-los passar por uma reciclagem cujo objetivo é adaptá-los as necessidades atuais deste tipo de trabalho. O que vem acontecendo é a decisão de muitos professores de academia de ingressarem na pós-graduação "stricto sensu". Aliando a sua experiência de longos anos de trabalho com a nova postura acadêmica, estão propondo mudanças no sentido de adequar o

conhecimento científico às necessidades das pessoas que procuram melhorar sua condição física.

Podemos assim afirmar o acerto na criação do “lato sensu”, o qual é capaz de atender, rapidamente, as necessidades do mercado. Num país como o nosso e no estágio atual da área, a possibilidade de oferta de conhecimentos aplicados, em curtíssimo prazo, não deve ser desconsiderada.

1.2. O SIMPÓSIO MINEIRO DE CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

Nas décadas de 60 e 70 as reuniões de natureza científica ou técnica na área eram raras comparando-se com outras profissões. Hoje houve uma grande expansão, o que demonstra que as instituições, associações ou outras entidades estão investindo neste tipo de evento.

Não vamos aqui discutir a qualidade do que tem sido promovido, apenas ressaltar que houve um despertar dos profissionais de Educação Física para este novo segmento de difusão dos conhecimentos de ponta na área. Em razão da crise econômica e do desenvolvimento de massa crítica dos profissionais, os participantes estão refinando seus critérios para escolha destes eventos. Até mesmo porque a disseminação de informações através da internet e revistas especializadas, torna a concorrência mais acirrada. Para conseguir um espaço definido na área, esses eventos devem, cada vez mais, utilizar técnicas sofisticadas, pessoal especializado e experiente e administração competente (Miyamoto, 1987).

Analisando os recursos humanos e físicos disponíveis na ESEFM em 1980, a criação do Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento pode ser classificada como uma medida ousada e até atrevida, suplantada apenas pela coragem e vontade férrea de realizá-lo a qualquer custo. Até o momento, na sua 6ª edição, tudo indica que foi uma providência acertada e até, de certa forma, suplantou as expectativas existentes quando da sua gênese.

Por que Simpósio?

Recorrendo aos esclarecimentos de Miyamoto, simpósio é uma reunião derivada da mesa redonda, cuja característica principal é ser de alto nível, evidentemente com participação de especialistas de renome. Um determinado assunto é debatido, com cada especialista dando a sua visão. No

simpósio, diferentemente da mesa redonda, os expositores não debatem entre si, mas sim com a platéia, propiciando a participação ativa.

Teoricamente, ainda utilizando os conceitos do trabalho de Miyamoto, a mesa redonda é uma reunião conduzida por um coordenador, visando discutir determinado tema por especialistas, os quais dispõem de um tempo limite, e que após a exposição, debatem entre si, podendo ou não haver participação da platéia, oralmente ou por escrito.

Desta forma o coordenador é fator preponderante para o êxito nas mesas redondas, o que não acontece com a mesma intensidade no simpósio.

Pelo exposto nota-se que o nome Simpósio, escolhido pela ESEFM não expressa com clareza o sentido do que se desejava fazer. O melhor teria sido a denominação de Congresso, que se trata de uma reunião para debater assuntos que interessam a um segmento profissional, e que pode ser constituído de várias atividades como mesa redonda, conferência, simpósio, tema livre, painel, comissões e outros.

Ao mesmo tempo também se torna evidente que, na grande maioria desses eventos em Educação Física, as mesas redondas não observam as suas características teóricas básicas, pois quase sempre os expositores debatem apenas com a platéia e não entre si.

Retomando o contexto anterior da criação e desenvolvimento do Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento, faremos uma sinopse do que ocorreu de mais relevante até o momento.

1.2.1. I SIMPÓSIO MINEIRO DE CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

Foi realizado no período de 19 a 22 de novembro de 1981, constituindo-se no marco principal de comemoração dos 10 anos de vida da ESEFM.

Temerosos em realizar o evento em Muzambinho, principalmente quanto a existência de hotéis e restaurantes necessários, optamos pela realização do Simpósio em Poços de Caldas, MG, estância climática que possui extraordinária estrutura para tal.



FIGURA 13 - Prof. Dr. Benjamin H. Massey da University of Illinois na palestra de abertura do 1º Simpósio e o Dr. Victor Keihan Rodrigues Matsudo do CELAFISCS realizando a tradução simultânea.

A idéia era promover um Simpósio em nível nacional para cumprir o objetivo traçado de tornar a ESEFM conhecida, bem como de proporcionar aos seus alunos contatos com grandes nomes da Educação Física Brasileira.

Desenvolveu-se um árduo esforço no sentido de garantir o sucesso do empreendimento. Obteve-se o apoio da Prefeitura de Poços de Caldas, através de sua secretária de Educação e o Simpósio foi oficializado pela Secretaria de Estado da Educação e credenciado pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

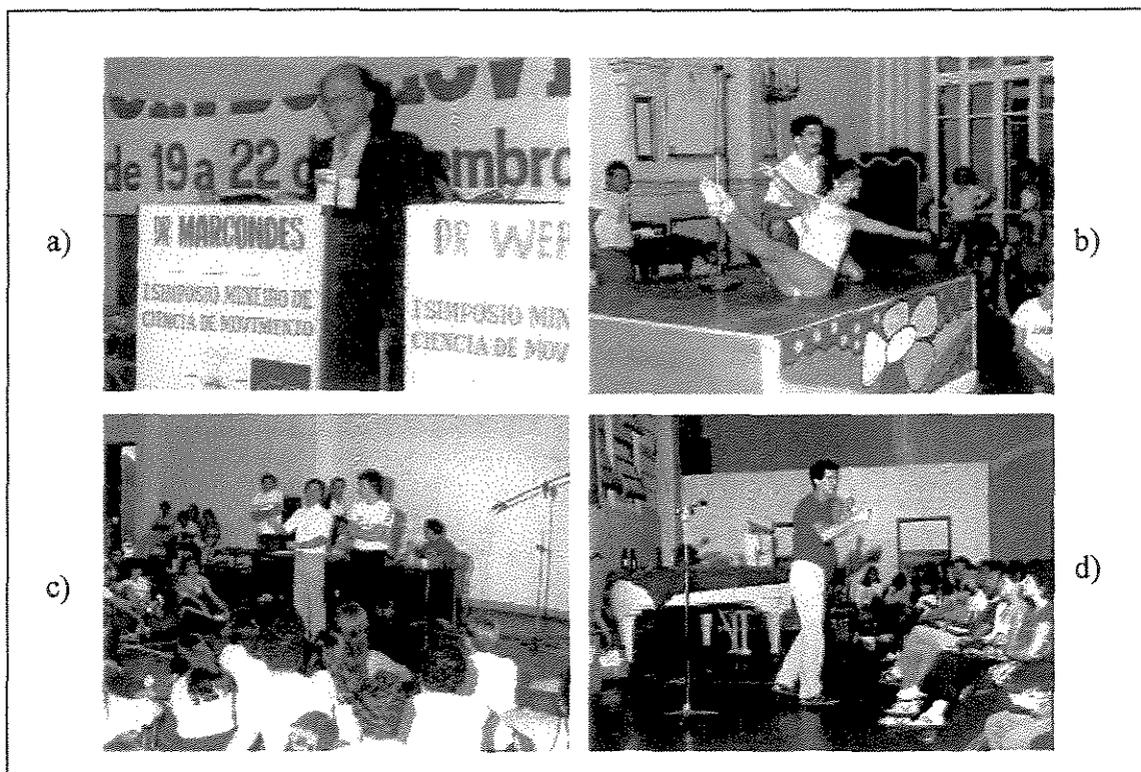


FIGURA 14 - Professores do I Simpósio em 1981

- a) Crescimento e Desenvolvimento - Dr. Eduardo Marcondes - USP
- b) Dança Educação - Prof. Edson Claro - Grupo Casa Forte SP,
- c) Recreação e Lazer na Escola - Prof. Shozo Takéda - Nipon College National of Physical Education - Tokyo - e o Prof. Eduardo Kokubun - USP, que foi seu intérprete,
- d) Psicomotricidade - Prof. Paulo Roberto Gomes de Lima - UFES

O tema escolhido, "Educação Física Infantil", foi debatido nas mesas redondas:

- a) Crescimento e Desenvolvimento - com a participação do Dr. Eduardo Marcondes (USP), Dr. Victor Keihan Rodrigues Matsudo (CELAFISCS) e Dr. Weber Araújo (ESEFM),
- b) Esporte Escolar - com a participação do Prof. Paulo Seivciuc (Vôlei), Prof. Pedro Henrique de Toledo (Atletismo), Prof. Lincoln Raso (Handebol) e Prof. Edson Bispo dos Santos (Basquete),

- c) na palestra do Prof. Haimo Harmut Fensterseifer (UFSM) "O desafio da realidade brasileira: os brinquedos e jogos de 24 milhões de crianças",
- d) na palestra do Prof. Wilian Peres Lemos (ESEFM) "Educação física escolar: alguns enfoques esclarecedores",
- e) pelos cursos:
 - Psicomotricidade - Prof. Paulo Roberto Gomes de Lima (UFES),
 - Ginástica escolar: música e movimento - Prof. Mauro Antônio Guiseline (USP),
 - Dança-educação - Prof. Edson Claro (Grupo Casa Forte - SP).

Neste Simpósio tivemos a presença do Dr. Benjamin Massey da University of Illinois - USA, um dos primeiros PhD em Fisiologia do exercício. Uma semana antes da realização do Simpósio ele e sua esposa Arabella Massey ficaram hospedados em Muzambinho, ministrando cursos e clínicas na ESEFM, principalmente para os estagiários do CENPES. Ele veio ao Brasil através do Dr. Victor Matsudo do CELAFISCS, que proporcionou a ESEFM o privilégio de recebê-los. No Simpósio proferiu duas palestras: "A dimensão da ciência do movimento humano" e "Avaliação da aptidão física no campo e no laboratório".

Também esteve presente no Simpósio o professor Shozo Takeda do Nippon College National of Physical Education de Tóquio, que estava visitando nosso país. O professor Eduardo Kokubun foi o seu intérprete no curso que ministrou "Recreação e lazer na escola".

Foram apresentados durante o Simpósio 40 temas livres.

O Simpósio foi um sucesso, sendo que a previsão inicial de 700 participantes extrapolou e na verdade tivemos 1350 pessoas. A metade dos participantes ficou sem pasta, crachá, boné, camiseta e os anais. Entretanto o clima afetuoso reinante e a excelência das palestras, cursos e mesas redondas superaram todas as dificuldades.

Uma particularidade deste I Simpósio foi a realização de um grande churrasco em Muzambinho, que dista 75 km de Poços de Caldas, nas dependências da ESEFM, para que todos pudessem conhecê-la. Foram

providenciados cerca de 25 ônibus, além de inúmeros carros particulares para transportar todos os participantes que estavam em Poços de Caldas.



FIGURA 15 - Churrasco de confraternização para os 1.300 participantes do 1º Simpósio realizado na ESEFM

1.2.2. II SIMPÓSIO MINEIRO DE CIÊNCIA DO MOVIMENTO

Animados com o sucesso do I Simpósio, assumiu-se que era preciso enfrentar os obstáculos e realizar o próximo em Muzambinho, nas dependências da ESEFM, o que foi feito de 1º a 4 de novembro de 1984.

A carência de estrutura da cidade foi suprida através da elaboração de duas estratégias: cadastrar famílias para receber e hospedar os participantes e montar dois restaurantes (um para atender os professores convidados e o outro para atender os participantes do Simpósio). Também solicitou-se a diversas entidades, como clubes sociais, associações religiosas, escolas de 1º e 2º graus, as instalações para realização dos cursos, palestras, mesas redondas e outras atividades.



FIGURA 16 - Professores ministrando seus cursos no II Simpósio em 1984, a direita curso de Musculação, Prof. Nelson Bittencourt - UGF, ao centro curso de Ginástica Estética e Corretiva, Prof. Sérgio Guida - UGF e a direita curso de Psicologia do Esporte, Prof. Dr. Dietmar Kleine - Alemanha em visita a UFSM-RS

O evento, cujo tema escolhido foi “Educação Física Escolar”, contou com o apoio do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte e teve a participação de 700 professores.

Foram realizadas 3 mesas redondas:

- a) Educação Física: o que, para que e como? com a participação dos professores: Jefferson T. Canfield (UFSM), Victor Keihan R. Matsudo (CELAFISCS) e Go Tani (USP), com a coordenação de Osmar de Oliveira (CBCE e TV Bandeirantes),
- b) O novo pensar na Educação Física, com a participação dos professores:
 - aspectos sociais e filosóficos - Manoel J. G. Tubino (UGF),
 - aspectos pedagógicos - Mário Cantarino R. Filho (UNB),
 - aspectos curriculares - Eliana Caran (SEED-MEC),
- c) O papel da imprensa no desenvolvimento esportivo do país com a participação de: Juca Kfourri (Revista Placar) e Osmar de Oliveira (CBCE e TV Bandeirantes), com a coordenação de Wilian Peres Lemos (ESEFM).

Nas sessões de temas livres foram apresentados 41 trabalhos, sendo que neste simpósio ainda tivemos a realização de 12 cursos, a saber:

- Educação Psicomotora - Prof. Paulo Roberto G. Lima - UFES-ES

- Educação Física Escolar - Prof. Mauro Guiselini - USP-SP
- Método Dança-Educação - Prof. Edson Claro - FEC-SP
- Dança Escolar - Profa. Roselee Ribeiro Assis - Sprint-RJ
- Ginástica Estética e Corretiva - Prof. Sérgio Guida - UGF-RJ
- Musculação - Prof. Nelson Bittencourt - UGF-RJ e Prof. Estélio Henrique Martins Dantas - Sprint-RJ
- Aprendizagem Motora e Controle Motor - Prof. Dr. Jefferson Canfield - UFSM-RS e Profa. Dra. Ana Maria Pelegrini - USP-SP
- Desenvolvimento Motor e Psicologia do Esporte - Prof. Dr. Go Tani - USP-SP e Prof. Dr. Dietmar Kleine - Alemanha - UFSM-RS
- Fundamentos do Treinamento Esportivo - Prof. Ubirajara Oro - UFSC e Prof. Pedro Henrique de Toledo - Rio Claro-SP
- Aspectos Fisiológicos de Atividades Motoras com Crianças e Adolescentes - Prof. Vilmar Baldissera - UNB-DF e Prof. Eduardo Kokubun - USP-SP
- Atividades Físicas com Sedentários e Idosos - Profa. Mônica Karl - Fitcor-SP e Prof. Darcimires do Rego Barros - UGF
- Avaliação da Aptidão Física de Escolares - Profa. Maria de Fátima Silva Duarte - CELAFISCS e Prof. Carlos Roberto Duarte CELAFISCS-SP



FIGURA 17 - Mesa redonda "Participação da Imprensa no Desenvolvimento Esportivo do País" vendo-se da esquerda para a direita, Dr. Osmar de Oliveira, Prof. Wilian Peres Lemos, Dr. Victor Keihan Rodrigues Matsudo e o Jornalista Juca Kfourri

1.2.3. III SIMPÓSIO MINEIRO DE CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

Este evento foi realizado em Muzambinho, com a participação do Departamento de Ensino da Prefeitura Municipal de Muzambinho, nos dias 30, 31 de agosto e 1 e 2 de setembro de 1990 e com, aproximadamente, 600 professores inscritos.



FIGURA 18 - Mesa Redonda - a esquerda, Prof. Ruy Krebs, Profa. Silvana Freire, Profa. Vera Lúcia C. Ferreira e Prof. João Batista Freire; a direita, Prof. Manoel J. G. Tubino, Dr. Victor Keihan R. Matsudo, Prof. João Batista A. G. Tojal e Prof. Jefferson T. Canfield.

Pela primeira vez nestes eventos ao invés de se realizar as sessões de temas livres, optou-se pelos painéis, entretanto a experiência não foi válida em virtude do pequeno número de expositores.

O tema escolhido foi "A realidade da Educação Física acadêmica e profissional", o qual foi debatido em 3 mesas redondas, a saber:

- a) A realidade da Educação Física acadêmica e profissional no país: contando com os expositores Prof. Dr. Jefferson Tadeu Canfield (UFSM), Dr. Victor Keihan Rodrigues Matsudo (CELAFISCS) e Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino (UGF), e a coordenação do Prof. Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal - UNICAMP;
- b) A realidade da Educação Física de 1º e 2º grau no país: com a participação da Profa. Ms. Vera Lúcia C. Ferreira (UNB); Prof. Dr. João Batista Freire (UNICAMP) e Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs (UFSM);
- c) A realidade da atuação do professor de Educação Física nas academias, com a participação do Prof. Dr. Emerson Silami

Garcia (UFMG), Prof. Ms. Estélio Henrique Martins Dantas (UFRF) e Prof. José Anchieta (RS).

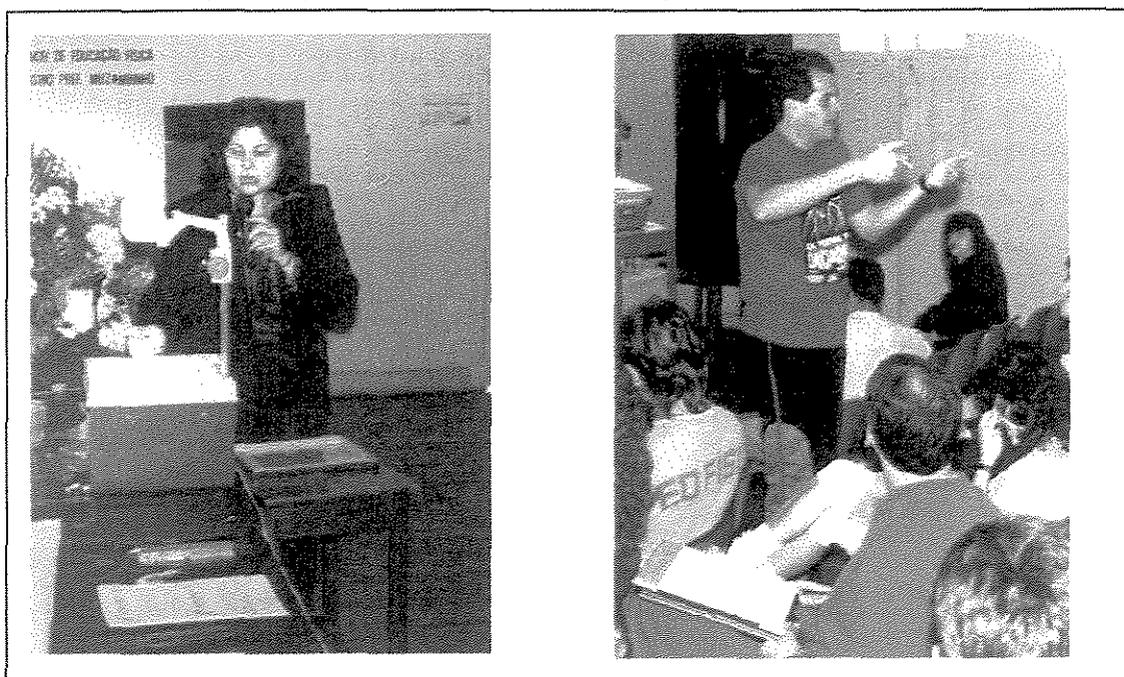


FIGURA 19 - Profa. Dra. Maria Augusta Dal'Mollin Kiss - USP e Prof. Dr. Estélio Henrique Martins Dantas - UFRF ministrando seus cursos no III Simpósio

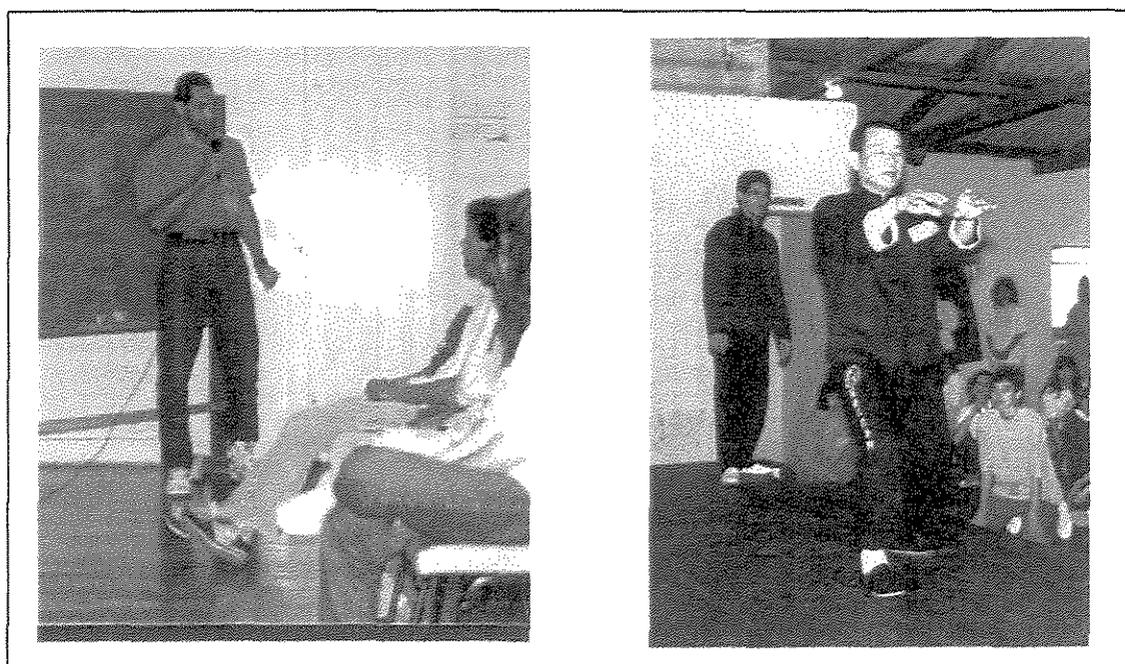


FIGURA 20 - Prof. José Anchieta - RS e Mestre Tsao A Po - SJC-SP, durante seus cursos no III Simpósio

Durante o III Simpósio foram oferecidos 8 cursos aos participantes, a saber:

- Aprendizagem Motora - Prof. Dr. Jefferson T. Canfield - UFSM-RS
- Fisiologia do Exercício - Prof. Dr. Victor K. R. Matsudo - CELAFISC-SP e Maria Agulsta M. Kiss - USP
- Ginástica Aeróbica e Localizada - Prof. Murilo Elbas - RJ
- Relaxamento e Tai-Chi-Chuan - Profa. Yara Lacerda - FICAB-RJ e Mestre Tsao A Po - SJC-SP
- Educação Física Escolar - Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs - UFSM-RS e Prof. Dr. João Batista Freire - UNICAMP
- Atividade Física e Emagrecimento Prof. Dr. Emerson S. Garcia - UFMG
- Danças Regionais Brasileiras - Prof. José Anchieta - RS
- Flexibilidade e Alongamento - Prof. Ms. Estélio Henrique M. Dantas - UFRF
- Curso Especial: Lambada - Prof. Edilson Lima - Salvador-BA



FIGURA 21 - Prof. Manoel Sérgio proferindo sua palestra no 3º Simpósio em 1990

1.2.4. IV SIMPÓSIO MINEIRO DE CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

Foi realizado em Muzambinho, de 29 de agosto a 01 de setembro de 1991, utilizando-se das mesmas estratégias anteriores quanto ao alojamentos dos participantes, restaurantes e locais dos cursos e palestras.



FIGURA 22 - Neste Simpósio realizado em 1991 um circo foi armado no centro de Muzambinho (foto superior) para abrigar a Secretaria Geral e os stands (foto inferior)

Com a presença de 600 participantes, aproximadamente, o IV Simpósio teve como tema “Perspectivas da Educação Física Profissional”.

As mesas redondas realizadas foram:

- a) Novas tendências do treinamento esportivo, com a participação dos professores Manoel J. G. Tubino (UGF) e Estélio Dantas (UFRF).

- b) Problemas da atividade física mal orientada, que contou com os professores Emerson Silami Garcia (UFMG), Victor K. R. Matsudo (CELAFISCS) e Osmar de Oliveira (FMU e TV Manchete);
- c) Os rumos da Educação Física através da aprendizagem motora, com os professores Go Tani (USP) e Jefferson T. Calfield (UFSM)
- d) Palestra "A importância da preparação psicológica para atingir objetivos" do professor Nuno Cobra Ribeiro, personal training do piloto Ayrton Senna.

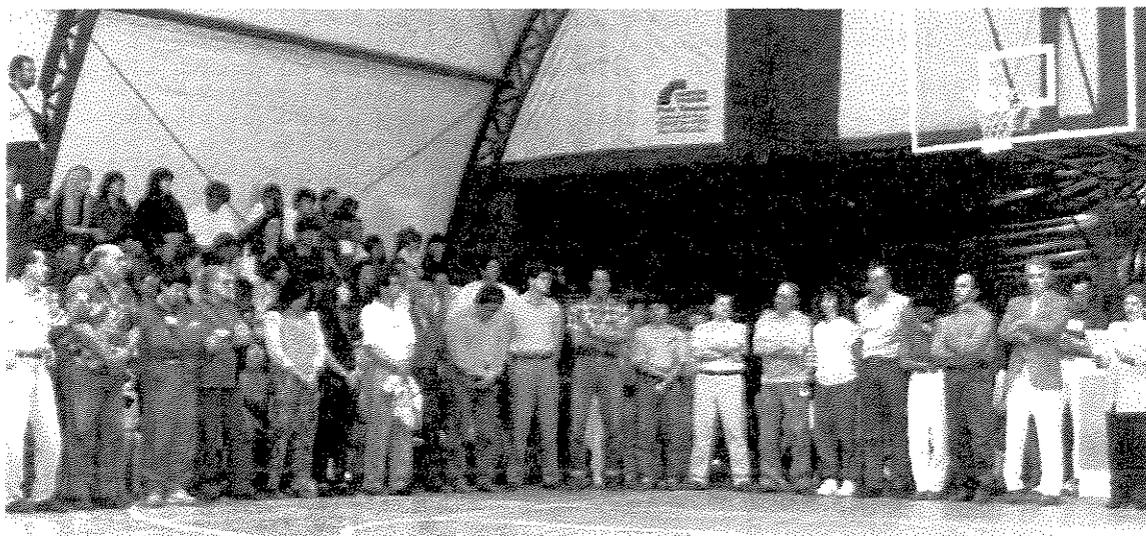


FIGURA 23 - Abertura do IV Simpósio vendo-se os professores convidados, da esquerda para direita: Emerson S. Garcia, Manoel J. G. Tubino, Victor K. H. Matsudo, Cláudio Reis, Vera Lúcia C. Ferreira, Marli Nabeiro, Carlos Antônio Garrido, Jefferson T. Canfield, Go Tani, Ricardo L. Carneiro, José Anchieta, José Elias Proença, Ruy Krebs, Aldo Potrich, Iara Lacerda, Estélio H. M. Dantas, Edson Claro, João Batista Freire, Nuno Cobra Ribeiro e Lia Mara Zaghi (diretora da ESEFM)

Os cursos constantes deste evento foram:

- Educação Física I: do pré à 4ª série - Prof. Dr. João Batista Freire (UNICAMP) e Profa. Raquel Mesquita (UGF-RJ)
- Dança-Educação - Prof. Me. Edson Claro (UFRN-RN)
- Condicionamento Físico: Sedentários e Terceira Idade - Prof. Dr. Estélio H. M. Dantas (UFRF-RJ)
- Relaxamento - Profa. Iara Lacerda (FICAB-RJ)

- Educação Física: Metodologia Especial - Deficiência física e mental: Prof. Me. Aldo Potrich - RS, Deficiência auditiva e visual: Profa. Me. Marli Nabeiro (FEF - FEC ABC-SP)
- Educação Física II - de 5ª a 8ª série - Prof. Dr. Ruy J. Krebs (UFSM) e Prof. Ms. José Elias Proença (USP)
- Fitness - Afro-Aeróbica Brasileira, Prof. José Anchieta (Academia Bambolê - Porto Alegre-RS), Step - Prof. Me. Mauro Guiselini (Companhia Atlético - SP)
- Reabilitação Física - Prof. Dr. Osmar de Oliveira (FMU-SP e TV Manchete), Dr. Carlos Antonio Garrido (BH-MG) e Prof. Ricardo L. Carneiro (UFMG)
- Aprendizagem e Desenvolvimento Motor - Prof. Dr. Go Tani (USP) e Prof. Dr. Jefferson T. Canfield (UFSM)
- Hidroginástica - Prof. Rafael C. Marques (UGF-RJ) e Profa. Vera Lúcia Gonçalves (Swimming Center-SP)



FIGURA 24 - Convidados de honra do IV Simpósio, da esquerda para direita, Ex-profa. da ESEFM Helena Matana Saturnino, Herbert de Almeida Dutra (UFMG) e Luiz Afonso Teixeira de Vasconcelos (SELT-MG)

1.2.5. V SIMPÓSIO MINEIRO DE CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

Para comemorar os 25 anos de vida da ESEFM foi programada a realização do V Simpósio, ocorrido de 14 a 17 de novembro de 1996, em Muzambinho. O evento contou com o patrocínio do INDESP o que facilitou enormemente o trabalho. Contando com a presença de aproximadamente 730 participantes, foi desenvolvido o tema “A Ciência do Movimento Humano Hoje”.



FIGURA 25 - Mesas redondas do 5º Simpósio em 1996, cujos participantes estão nomeados abaixo da esquerda para direita:

- a) A Ciência do Corpo Humano Hoje: Perspectivas Sócio-culturais - Prof. Dr. Hugo Luisolo, Prof. Dr. Vitor Andrade Melo, Prof. Dr. Valter Bracht e Prof. Dr. Eleonor Kunz
- b) A Ciência do Corpo Humano Hoje: Perspectivas do Comportamento Motor - Prof. Dr. Ruy Jornada Krebs, Prof. Dr. Ademir de Marco, Profa. Dr. Maria Beatriz Rocha Ferreira (Coord.) e Prof. Dr. Edison de Jesus Manoel
- c) A Ciência do Corpo Humano Hoje: Perspectivas Pedagógicas - Prof. Dr. Alfredo Gomes Faria Júnior, Prof. Dr. Jorge Perez Galhardo e Prof. Dr. João Batista Freire
- d) A Ciência do Corpo Humano Hoje: Síntese do Simpósio - Prof. Dr. Hugo Luisolo, Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa e Prof. Dr. Agnaldo Gonçalves

O resultado da avaliação realizada nos permite afirmar que este foi o melhor evento que a ESEFM promoveu, não só pela organização e qualidade dos palestrantes como também pela forma e temática desenvolvida.

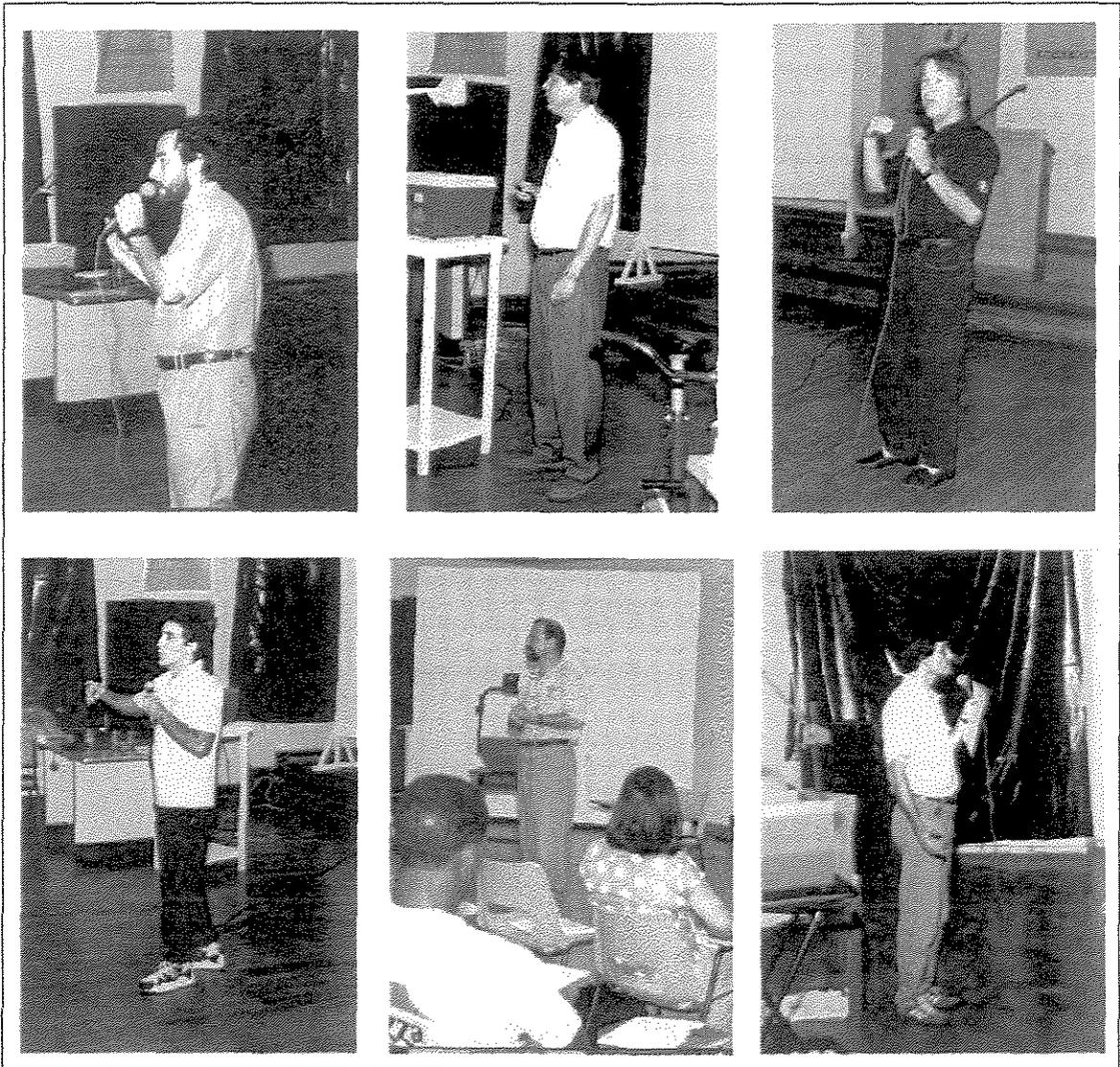


FIGURA 26 - Professores participantes do V Simpósio, de cima para baixo e da esquerda para direita: Edison de Jesus Manoel (Tutorial: Desenvolvimento Motor), Vilmar Baldissera (Curso: Prescrição de Atividades Motoras para Sedentários), Paulo Sérgio Chagas Gomes (Tutorial: Fisiologia da Atividade Motora), Carlos Eduardo Consenza (Curso: Personal Training), Pedro José Winterstein (Curso: Motivação na Educação Física e Esporte) e Paulo Roberto de Oliveira (Curso: Treinamento de Força nos Esportes Coletivos)

Foram realizadas quatro mesas redondas, cujos temas e participantes foram:

- A ciência do corpo humano hoje: perspectivas biodinâmicas: Emerson Silami Garcia (UFMG), Ricardo Machado L. Barros (UNICAMP), Paulo Sérgio Chagas Gomes (UGF) e Vilmar Baldissera (UFSCar - Coordenador)

- A ciência do corpo humano hoje: perspectivas pedagógicas: Alfredo Gomes de Fária Júnior (UFF), João Batista Freire (UNICAMP) e Jorge Pérez Galhardo (UNICAMP - Coordenador)
- A ciência do corpo humano hoje: perspectivas do comportamento motor: Ademir de Marco (UNICAMP), Edison de Jesus Manoel (USP), Ruy Jornada Krebs (UFMS) e Maria Beatriz Rocha Ferreira (UNICAMP - Coordenadora)

Perspectivas sócio-culturais: Eleonor Kunz (UFSC), Walter Bracht (UFES), Hugo Luvisolo (UGF) e Victor Andrade Melo (UFF - Coordenador)

Instituiu-se neste Simpósio o "tutorial", no sentido de se apresentar os conhecimentos de fronteira em cada tema escolhido, assim distribuídos:

Tutorial 1 - Desenvolvimento motor - Edson de Jesus Manoel (USP)

Tutorial 2 - Filosofia da Educação Física - Valter Bracht (UFES)

Tutorial 3 - Educação Física e esporte: perspectivas para o século XXI - Wagner Wey Moreira (UNICAMP)

Tutorial 4 - Fisiologia da Atividade Motora - Paulo Sérgio Chagas Gomes (UGF)

Tutorial 5 - Administração e Marketing - Ricardo Penna Machado (INDESP)

Tutorial 6 - Aprendizagem Motora - Go Tani (USP)

Tutorial 7 - A Teoria da Ecologia do Desenvolvimento Humano - Rui Jornada Krebs (UFMS)

Tutorial 8 - Formação Profissional e Mercado de Trabalho - João Batista Andreotti Gomes Tojal (UNICAMP)

Foram oferecidas aos participantes do V Simpósio as seguintes conferências:

- Cinesiologia: a ordem emanente do caos - Go Tani (USP) e Pedro José Winterstein (UNICAMP - Coordenador),
- Atividade física: passaporte para saúde - Victor Keihan Rodrigues Matsudo (CELAFISCS) e Jorge Pérez Galhardo (UNICAMP - Coordenador),
- Epistemologia da atividade física - Manoel J. G. Tubino (UGF) e João Batista A. G. Tojal (UNICAMP - Coordenador),
- Modismos e futuro das academias - Osmar de Oliveira (FMU) e Vilmar Baldissera (UFSCar - Coordenador).

Neste Simpósio tivemos a apresentação de 41 temas livres e a realização de 14 cursos cujos professores e temas são os seguintes:

- Atividade Motora e Calor - Emerson Silami Garcia (UFMG)
- Personal Training - Carlos Eduardo Consenza (UCB)

- Nutrição e Atividade Motora - Heber Lancha Júnior (USP)
- Ginástica Corretiva para Escolares - Sérgio Guida (UGF)
- Relaxamento - Yara Lacerda (UGF)
- Educação Física e Internet - Laércio Elias Pereira (UNICAMP)
- Treinamento de Força nos Esportes Coletivos - Paulo Roberto de Oliveira (UNICAMP)
- Prescrição de atividades motoras para sedentários - Vilmar Baldissera (UFSCar)
- Mulher no Esporte - Sandra Matsudo (CELAFISCS)
- Atividade Física e 3ª idade - Alfredo Gomes F. Júnior (UFF)
- Criança e Natação - Denise Araújo (Escola Viva Água, São Luis - MA)
- Motivação na Educação Física e Esporte - Pedro José Winterstein (UNICAMP)
- Pedagogia do esporte - João Batista Freire (UNICAMP)
- Ginástica Geral no contexto escolar - Jorge P. Galhardo e Elizabeth P. Souza (UNICAMP)

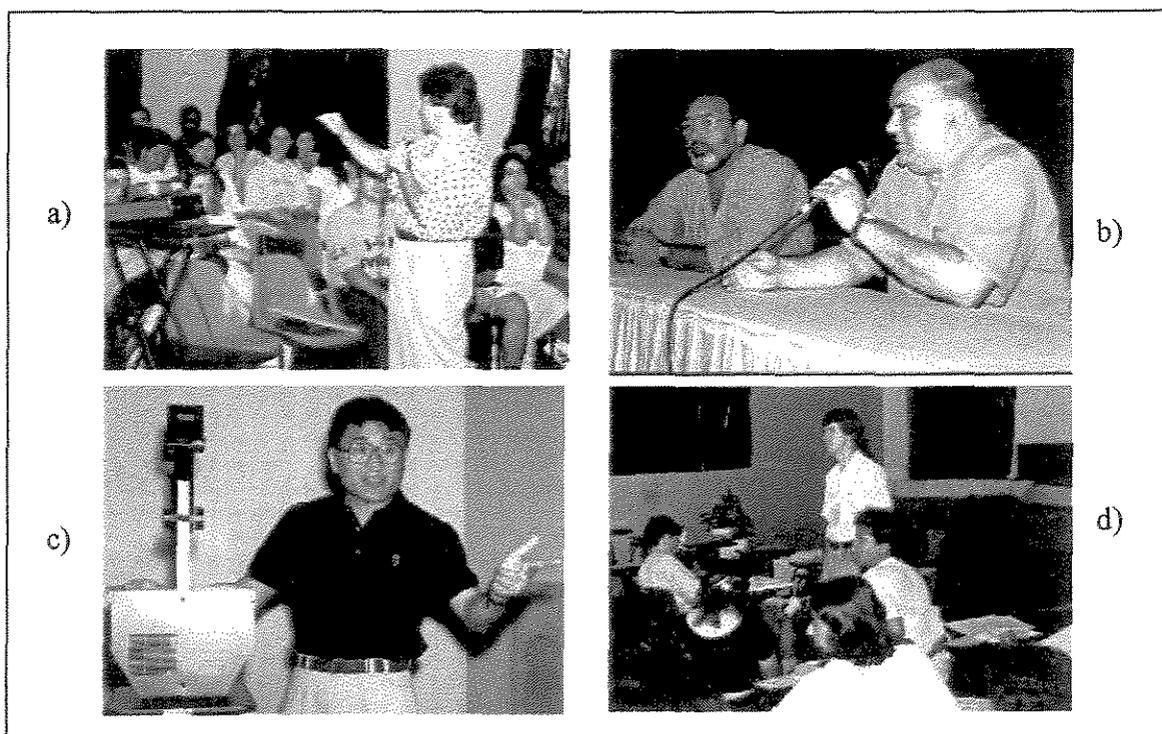


FIGURA 27 - Professores ministrando seus cursos durante o 5º Simpósio em 1996
a) Dr. Victor Keihan Rodrigues Matsudo b) Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino e Prof. Dr. João Batista Andreotti Gomes Tojal c) Prof. Dr. Go Tani d) Prof. Dr. Valter Bracht

1.2.6. O IV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Em virtude da experiência acumulada pela ESEFM na realização de eventos científico, foi convidada a promover o IV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE DO CBCE, realizado também em Poços de Caldas, no período de 5 a 8 de Setembro de 1985.

Durante o evento tivemos a eleição da nova diretoria do CBCE, cujo presidente era o Dr. Osmar de Oliveira, cargo para o qual foi eleito o Prof. Laércio Elias Pereira.

O prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino, presidente do Conselho Nacional de Desportos pronunciou a conferencia inaugural do Congresso, o qual contou ainda com as seguintes mesas redondas:

- Perspectivas da área biológica nas ciências do esporte na nova república, com participação do professores: Renan Maximiliano Fernandes Sampedro (UFSM), Paulo M. Leite (UFV), Luís Oswaldo C. Rodrigues (UFMG), Turíbio Leite Barros (debatedor) e José Rizzo Pinto (coordenador).
- Perspectivas políticas nas ciências do esporte na nova república: Bruno Silveira (SEED-MEC), Victor Keihan R. Matsudo (CELAFISC), Lino Castelani Filho (UFM-MA debatedor) e Celi Nelza Zulki Tajjarel (UFP-PE).
- Perspectivas piscopedagógicas nas ciências do esporte na nova república: Go Tani (USP) Apolônio Abadio do Carmo (UFU); Vera Lúcia Costa Ferreira (UGF), Eustáquia Salvadora de Souza (UFMG- debatedora) e Jefferson T. Canfield (UFSM - coordenador).
- Perspectivas do treinamento nas ciências do esporte na nova república: Nelson Bittencourt (UGF), Lamartine Pereira da Costa (EPT), Pedro Henrique de Toledo (CME- Rio Claro- SP), Jesus Soares (CELAFISC - debatedor) e Sérgio Guida (UGF - coordenador).
- Por uma ciência do movimento: debate entre Manoel Sérgio (Universidade de Técnica de Lisboa) e Rolando Toro (Associação Latinoamericana de Biodança); sendo coordenador o prof. Lino Castelani Filho (UFM-MA).

O congresso proporcionou aos participantes os seguintes cursos:

- Aprendizagem Motora - Go Tani

- Informática em Educação Física e Esporte - Gabriel Muñoz Palafox e Laércio Elias Pereira.
- Fisiologia do Esforço - Renan M. Sampredo (UFS)
- Natação - Sebastião A. Galdino (ESEFM)
- Administração Esportiva - Eliana de Melo Caram (SEED-MEC)
- Biodança - Rolando Toro (Associação Latinoamericana de Biodança)
- Atividade Física para deficientes - Apolônio Abadio do Carmo - UFU-MG
- Metodologia do Treinamento Esportivo - Nelson Bittencourt (UGF)

Também houve oportunidade de reunir os pesquisadores do CBCE no "Fórum do Pesquisadores" que teve a presença da Profa. Margareth Thompson da University of Illinois - EUA, abordando o tema "Criança e atividade física" com a coordenação da Profa. Ana Maria Pelegrini - USP; além da palestra "Criança, pobreza e desnutrição" da prof. Maria Beatriz R. Ferreira (UNICAMP). Os demais debates do Fórum enfocaram o tema "Pós-graduação no Brasil".

Foram apresentados 102 temas livres 10 painéis e 8 relatos de experiências.

1.3. O CENTRO DE PESQUISA - CENPES

A pesquisa no ensino superior brasileiro é legitimada, segundo a legislação vigente (que a trata como indissociável do ensino e extensão), como a única possibilidade para o desenvolvimento das instituições. Segundo Féres (1997) a Universidade, fruto de suas raízes históricas, desenvolveu-se de acordo com critérios hierarquizantes que priorizam, na ordem, a pesquisa, o ensino e a extensão; argumentando ainda que:

"... o ensino fica relegado a segundo plano, reservado aos docentes "menos dotados" que obtiveram durante algum tempo a alcunha de "baixo clero". A extensão, marginalizada da vida acadêmica, é entendida por muitos apenas como um apêndice ou atividade esporádica, eventual. Não há integração entre graduação e pós-graduação. Além de não se reverter para a graduação os avanços característicos dos cursos de mestrado e doutorado, é muito comum

que doutores não queiram lecionar para os cursos de graduação. Afinal, além dos "status" ser inferior, não há financiamentos institucionalizados que se permita avançar na graduação, inclusive em termos de carreira acadêmica."

Fica evidenciado a existência de uma enorme distância entre a suposta unidade apregoada pela legislação e a grande diversidade da realidade. A incorporação da pesquisa no meio acadêmico é um processo difícil e lento. A respeito deste tema Balbachevsky (1997) apresenta-nos o quadro abaixo, resultado da pesquisa na qual entrevistou 989 professores, tanto das universidades públicas quanto privadas:

INDICADORES DA PROFISSIONALIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE PESQUISA NO INTERIOR DO SISTEMA DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

INDICADOR	POSIÇÕES	PROPORÇÃO NA AMOSTRA
GRAU DE ENVOLVIMENTO COM A ATIVIDADE DE PESQUISA*	ATIVO, COM INSERÇÃO INTERNACIONAL: pesquisa, obtém suporte financeiro para pesquisa pública e mantém contato com a comunidade internacional	8,4%
	ATIVO, SEM INSERÇÃO INTERNACIONAL: pesquisa, obtém suporte financeiro para pesquisa e pública, mas não mantém contato ativo com a comunidade internacional	17,1%
	NÃO ATIVO: não pesquisa, não pública e não obteve suporte nos últimos três anos	34,6%**
PROFISSIONALIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE PESQUISA NO INTERIOR DAS INSTITUIÇÕES	Proporção dos pesquisadores ocupando posição de direção em projetos de pesquisa coletivos com titulação menor que o doutorado.	42%

* A escala que apresentamos foi construída utilizando a técnica de Guttman, e portanto, as posições na escala reproduzem o padrão de associações significativas entre as variáveis que a compõe. Para uma descrição dessa técnica, ver Maclver, J.P. e Carmines, E. 1981.

** A diferença para 100% são posições intermediárias entre esses extremos ("pesquisa, pública, sem financiamento" e "pesquisa sem publicar e sem financiamento")

Fonte: Carnegie Foundation, *International Faculty Survey, BRAZIL*

FIGURA 28 - Resumo dos dados coletados entre 989 professores por Balbachevsky, 1997

Segundo o autor o quadro resume:

"... algumas informações significativas sobre a organização da atividade de pesquisa no interior do sistema de ensino superior no Brasil. Como podemos ver, apenas uma pequena proporção dos nossos professores (25,5%) são pesquisadores ativos, isto é, estão envolvidos sistematicamente em atividades de pesquisa, obtêm

suporte financeiro para elas e divulgam os seus resultados. Os demais, simplesmente declaram não fazer pesquisa (34,6%), ou, então, dedicam-se a essa atividade em bases amadorísticas, sem lograr acesso às fontes de financiamento e/ou sem chegar a publicar (39,9%). Outro dado revelador é o fato de que, mesmo entre os professores pesquisadores, apenas um minoria (8,4%) desenvolve um trabalho com alguma visibilidade internacional."

Continuando sua análise sobre os dados coletados em 1992 desta pesquisa coordenada pela Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching em outros 13 países, a autora esclarece que:

"... uma boa parte de nossos pesquisadores tem uma formação profissional bastante precária: no conjunto, 42% dos professores que se declararam líderes de grupos de pesquisa não tinham sequer concluído o doutoramento (um número expressivo deles sequer era aluno de um programa de doutorado no momento da entrevista). Essa informação vem reforçar a nossa hipótese de que boa parte do esforço de pesquisa realizado dentro de nossas instituições de ensino superior tem bases amadorísticas e responde mais a uma exigência imposta por nossa legislação e pela ideologia do que a demandas efetivas com origem nas necessidades econômicas e sociais ou no desenvolvimento cognitivo das diferentes disciplinas e áreas temáticas."

Existem muitas dificuldades para o setor privado em viabilizar o desenvolvimento de pesquisa, em virtude de suas peculiaridades como a remuneração dos professores baseada em hora/aula (como pagá-los para pesquisar?), além de não existir, a priori, retorno financeiro. Para resolver este problema seria necessário a manutenção de professores com titulação adequada e dedicação exclusiva, além da oferta de estrutura e equipamentos adequados.

A partir das novas regulamentações do disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394/96 - inseriu-se no cenário do ensino superior a figura dos Centros Universitários, definidos como instituições pluricurriculares que abrangem uma ou várias áreas do conhecimento, cuja característica marcante é a excelência do ensino a ser ofertado, alicerçado por um corpo docente qualificado e por comprovadas condições de trabalho oferecidas a comunidade escolar. A respeito

Schwarzmann (1997) indaga se existe um lugar para a pesquisa nos Centros Comunitários:

"... Começaremos por dizer que a principal novidade introduzida pela atual legislação é que neles não há necessidade de atividade de pesquisa e que a mesma não é compulsória como no caso de Universidades. Reconhece-se a possibilidade de excelência no ensino sem a presença de pesquisa. Isto não quer dizer que não possa haver pesquisa, mas entende-se que ela não necessita ser parte integrante do projeto de ensino. No entanto, é pouco provável que atividade de pesquisa significativa floresça nos Centros Universitários que desejarem permanecer nesta condição."

Após sustentar a limitação existente em relação às possibilidades de financiamento da pesquisa básica evidencia que no caso da pesquisa aplicada de natureza mais tecnológica as chances de financiamento são maiores desde que elas possam atender aos interesses do setor produtivo. E finaliza arrematando:

"... cabe indagar porque a preocupação com a pesquisa num Centro Universitário, que deve ter como sua característica principal a excelência do ensino. Já mencionamos o fato de que é realista a possibilidade de bom ensino sem pesquisa. Mas isto não é totalmente correto para todos os tipos de cursos. Fica claro que os cursos mais técnicos (contabilidade, turismo, eletrônica, fisioterapia, etc.) e profissionais (engenharia, medicina, administração e direito, por exemplo) podem ser mais baseados em professores/profissionais com uma importante bagagem de experiência no trabalho, mas que não tenham titulação formal e que nem sejam da carreira docente. Em outras áreas, alguma experiência em pesquisa pode ser mais importante, como é o caso dos bacharelados em física, matemática e biologia."

Por tudo isto é que se afirma que numa escola isolada esta indissolubilidade entre ensino e pesquisa torna-se mais problemática do que já é. A agravar a questão temos ainda que na área de Educação Física a pesquisa é incipiente. Em 1982 criou-se a COPED - Comissão de Pesquisa em Educação Física na extinta SEED-MEC, para estabelecer uma política para a área, de acordo com o relato de Canfield (1988):

"O plano básico de desenvolvimento da pesquisa em educação física e desportos tinha como objetivo geral aprimorar a infraestrutura para a pesquisa no Brail (sic) em suas diferentes áreas e níveis; e como objetivos específicos: a) promoção da capacitação de recursos humanos; b) implementação de recursos materiais; c) captação de recursos financeiros; d) expansão dos canais de informação."

A COPED verificou que na Educação Física a pesquisa ainda era carente de pessoal treinado, de linhas vocacionais definidas, de recursos humanos e materiais, além de não haver divulgação dos trabalhos realizados (apesar de seu volume incipiente) e de um direcionamento para investigações na área biomédica. Foi proposto então uma forma de incentivar a pesquisa na área que, de acordo com Canfield (1988) deverá:

"... considerar as prioridades nacionais, regionais e as características vocacionais de instituição, abranger as "pesquisas aplicadas à realidade brasileira" que indicam principalmente nos problemas relacionados com as ciências humanas e sociais (filosofia, antropologia, sociologia, psicologia, pedagogia, etc.) e as ciências biológicas e exatas quando estas preferencialmente forem aplicadas à possíveis interseções com o meio social, ou seja, pesquisas de caráter sociobiológico."

A ESEFM ao tentar romper com seu ciclo de ênfase ao ensino, formando profissionais para atender a demanda regional, cria o Centro de Pesquisa - CENPES, em 1980. Esta adoção de uma nova postura estava intimamente relacionada com os problemas vividos pela Educação Física brasileira na época, relacionados com a necessidade não só, de sua caracterização como ciência, como também com a transparência de sua identidade profissional.

Desnecessário seria frisar que o CENPES não objetivava a consolidação da atividade de pesquisa da forma como determinam os manuais, mas, reconhecendo sua importância, desejava procurar "abrir espaço" para uma reflexão mais profunda sobre a necessidade de melhoria da qualidade do seu processo de formação de profissionais. Pelo menos era necessário adotar uma atitude positiva em relação à pesquisa num sentido bem restrito, de buscar novos conhecimentos pois eles são aprendidos e aprendizagem enfoca

a mudança. O CENPES deveria oportunizar aos alunos, dispostos e selecionados, uma forma de iniciação científica, incorporando-a como uma necessidade básica, um hábito de vida.

O CENPES atravessou fases de grandes dificuldades, mas o fato mais marcante de sua presença foi a possibilidade de demonstrar a necessidade de se assumir um compromisso com a busca do conhecimento novo e com isto criou um novo comportamento na ESEFM, a qual passou a adotar uma atitude favorável a pesquisa.

1.4. CONGRESSO INTERNO DE CIÊNCIA DO MOVIMENTO - CONICIM

Realizado a partir de 1981, está na sua 9ª edição (1981, 82, 83, 89, 92, 93, 94, 98 e 99). Este evento de âmbito local foi criado, inicialmente com o propósito de colocar os alunos e professores da ESEFM em contato com uma forma sistematizada de comunicação e difusão dos conhecimentos científicos. Na verdade trata-se de uma “simulação” de um congresso científico onde os alunos têm a oportunidade de, como atores do processo, apresentar trabalhos. Aliado a este objetivo espera-se que eles sejam motivados a entender os mecanismos básicos na produção de pesquisas e desenvolver um processo interno capaz de contribuir com a sua conscientização crítica em relação aos problemas relevantes que afligem a Educação Física, rumo a sua afirmação social como uma verdadeira profissão.

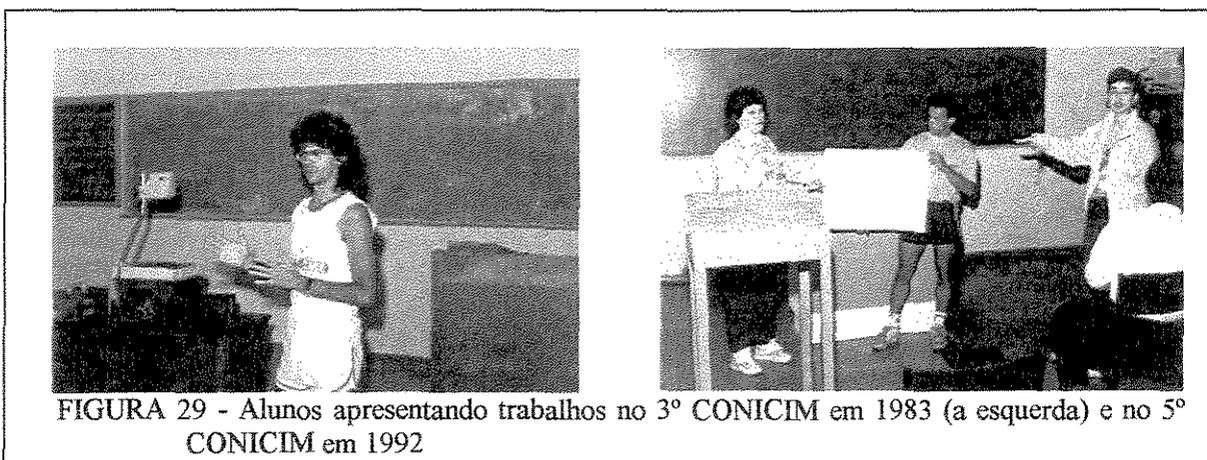


FIGURA 29 - Alunos apresentando trabalhos no 3º CONICIM em 1983 (a esquerda) e no 5º CONICIM em 1992

Os trabalhos desenvolvem-se em forma de temas livres, com o assunto de livre escolha dos alunos, sendo permitida a exposição individual ou em grupo de até três alunos, dispondo para tal de 15 minutos, seguindo-se cinco para

debates. O congresso desenvolve-se em dois dias, no horário normal de aula e os trabalhos são apresentados em quatro ou cinco salas simultaneamente.

Parece ser uma fórmula que produz resultados positivos, detectados principalmente na avaliação posterior, quando os próprios alunos, na sua maioria, sentem-se recompensados pelo esforço realizado. Deve-se buscar a participação de todos, como entendimento de uma necessidade prazerosa. Talvez o problema possa ser a falta de periodicidade, sendo que sua realização anual dará ao aluno ingressante a oportunidade de quatro participações e assim, dar polimento seqüencial a um tema de sua preferência ou vários outros. É preciso alertá-los para a conveniência de, como profissionais, continuarem participando de congressos, mantendo-se atualizados em relação a acontecimentos de fronteira, principalmente em face do acelerado avanço científico e tecnológico; no entendimento que a não participação poderá condená-los ao isolamento e a uma possível frustração profissional.

1.5. O CENTRO DE EXTENSÃO - CENEX

A extensão na ESEFM existia de modo assistemático, constituindo-se apenas na realização de "Ruas de Recreio", quase sempre ligadas a disciplina de Prática de Ensino. Durante o ano, em dois ou três eventos, os alunos da ESEFM iam para as ruas da cidade e organizavam atividades para crianças. Apesar do sucesso deste tipo de trabalho, não seria possível enquadrá-lo dentro dos fundamentos que caracterizam a extensão.



FIGURA 30 - Ruas de recreio realizadas em diferentes ruas da cidade

Desta forma criou-se o Centro de Extensão - CENEX, o qual deu a ESEFM a possibilidade de melhor integrar-se à comunidade de uma forma

planejada, ao mesmo tempo, oferecer suporte à interação entre o ensino e a pesquisa.

À implantação do CENEX antecedeu-se a elaboração de um instrumento para levantar a opinião do corpo discente, abordando assuntos como estágio curricular, bolsa de estudo, ensino/pesquisa, moradia, auto-avaliação, horário e interesse de participação em programas de extensão que após a análise dos resultados propiciou as seguintes afirmações:

- a) a Bolsa de Extensão se construirá num incentivo aos acadêmicos;
- b) a Extensão poderia melhorar a qualidade de estágios e de aprofundamento;
- c) a qualidade das atividades de Extensão deverá ser prioridade;
- d) a Extensão proporcionará uma formação mais crítica e próxima da realidade educacional;
- e) o Projeto das moradias estudantis será um incentivo à Extensão;
- f) há o apoio à articulação entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão;
- g) 35% dos acadêmicos participaria da Extensão em qualquer período do dia;
- h) os mais apoiados pela comunidade interna foram os Programas de Esportes, Dança, Recreação e Ginástica 20% e o de Educação Física Escolar 18%.

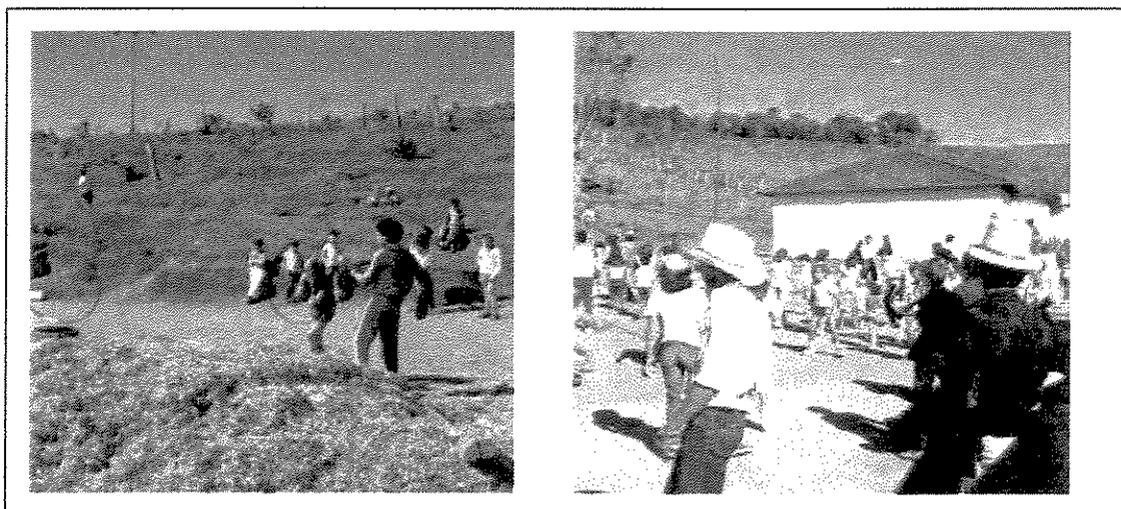


FIGURA 31 - Ruas de recreio realizadas na zona rural de Muzambinho

Estes dados demonstraram que a criação do CENEX foi oportuna e que a comunidade interna apoia e se compromete na efetiva implantação (Relatório de Atividades 1998 - CENEX).

Esta nova política irá fortalecer e ampliar as relações com a comunidade, até como uma forma de retornar a confiança e o apoio que dela recebeu durante a existência da ESEFM. Não podemos esquecer que a extensão deve servir através desta relação escola/sociedade para o desenvolvimento de novos enfoques metodológicos do ensino e da pesquisa.

1.6. REVISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER ON-LINE - REFELNET

O processo de modernização do sistema de informação da Escola, iniciado com a reestruturação da biblioteca, levou a uma iniciativa vigorosa no campo da informática. Além da implementação da disciplina Informática nos cursos de graduação e pós-graduação, foi montado um grupo de trabalho para integrar a ESEF Muzambinho à Internet.

O problema inicial era a inexistência de um provedor local na cidade. Havia a opção da cidade próxima, Guaxupé, que implicava em acesso via ligação interurbana. Para a hospedagem da página da Escola foi contratado um serviço com computadores nos Estados Unidos, um sistema de custo acessível e recursos suficientes para a fase inicial do processo de chegada na rede.

Para agregar tecnologia ao trabalho foi feito um acordo com o Centro Esportivo Virtual - CEV (<http://www.cev.org.br>), com base na Unicamp, dado que a prioridade da ESEFM era promover o sistema de informação baseado na biblioteca, a FEM assumiu a responsabilidade pela editoria da página de Revistas do CEV, com apontadores intercambiados. Haveria a entrada na página de Muzambinho no CEV e a entrada para as revistas da biblioteca do CEV seria uma porta para a entrada na Escola.

1.6.1. A REFELNET

A REFELNET (<http://www.efmuzambinho.org.br/refelnet>) teve como objetivo inicial disponibilizar acesso a todas as revistas de Educação Física e Esportes existentes em português, espanhol, inglês e francês. A partir dos endereços das publicações seriam colocados apontadores para as páginas de revistas já na Internet. Para as revistas brasileiras seria oferecido o serviço de elaboração do texto integral, com a meta de 10 revistas na primeira fase.

Partiu-se do catálogo de revistas (610) do Sport Information Resource Center para os títulos estrangeiros. Para as de língua portuguesa utilizou-se inicialmente os catálogos das bibliotecas da Unicamp e USP e do Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva, buscando-se, também com pedidos nas listas de discussão do CEV.

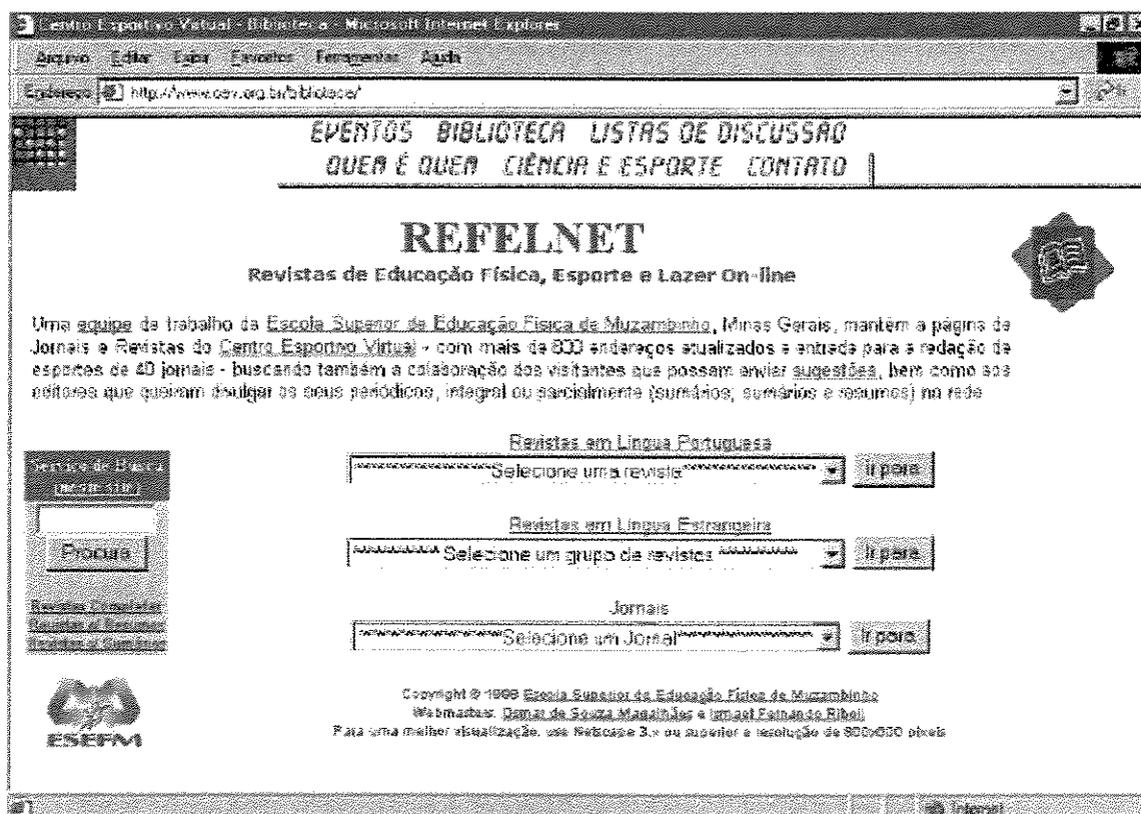


FIGURA 32 - Página do REFELNET acessada através do CEV

Durante as discussões para a montagem da primeira versão da base percebeu-se, também, que a informação mais imediata também fazia parte do interesse do público potencial do REFELNET. Foi programada, junto com as entradas para revistas de língua portuguesa e línguas estrangeiras, a disposição de uma entrada para os 40 principais jornais das línguas estabelecidas. O visitante poderia ter acesso direto à página de esportes desses 40 jornais.

1.6.2. Revistas Brasileiras

As primeiras editoras a oferecerem os acervos para processamento e disponibilização em texto integral foram a Revista Paulista de Educação Física

e o Boletim do Laboratório do Comportamento Motor, ambos da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo. Seguiu-se o interesse da Revista da Educação Física (Universidade Estadual de Maringá) disponibilizando os sumários e resumos e a Perspectivas em Educação Física Escolar (em texto integral desde o primeiro número) e apenas sumários da Kinesis, Revista Brasileira de Ciência & Movimento, Perfil e Revista Veja (artigos de Educação Física e Esporte). Para a biblioteca da ESEFM coube a responsabilidade de receber e processar as revistas em papel. Assim, a biblioteca receberia o exemplar em papel pelo trabalho no REFELNET.

1.6.3. Difusão

Além do acesso via Internet o REFELNET passou a trabalhar produtos em papel – de melhor manuseio e facilitando o acesso e divulgação para o segmento da comunidade acadêmica sem acesso à rede. Foram elaborados duas publicações com os endereços das publicações. “REFELNET Revistas em Língua Portuguesa” “REFELNET – Revistas em Língua Estrangeira”. No editorial das publicações professores e alunos foram conclamados a colaborar na ampliação e atualização dos dados da página.

1.6.4. Diferencial & futuro do REFELNET

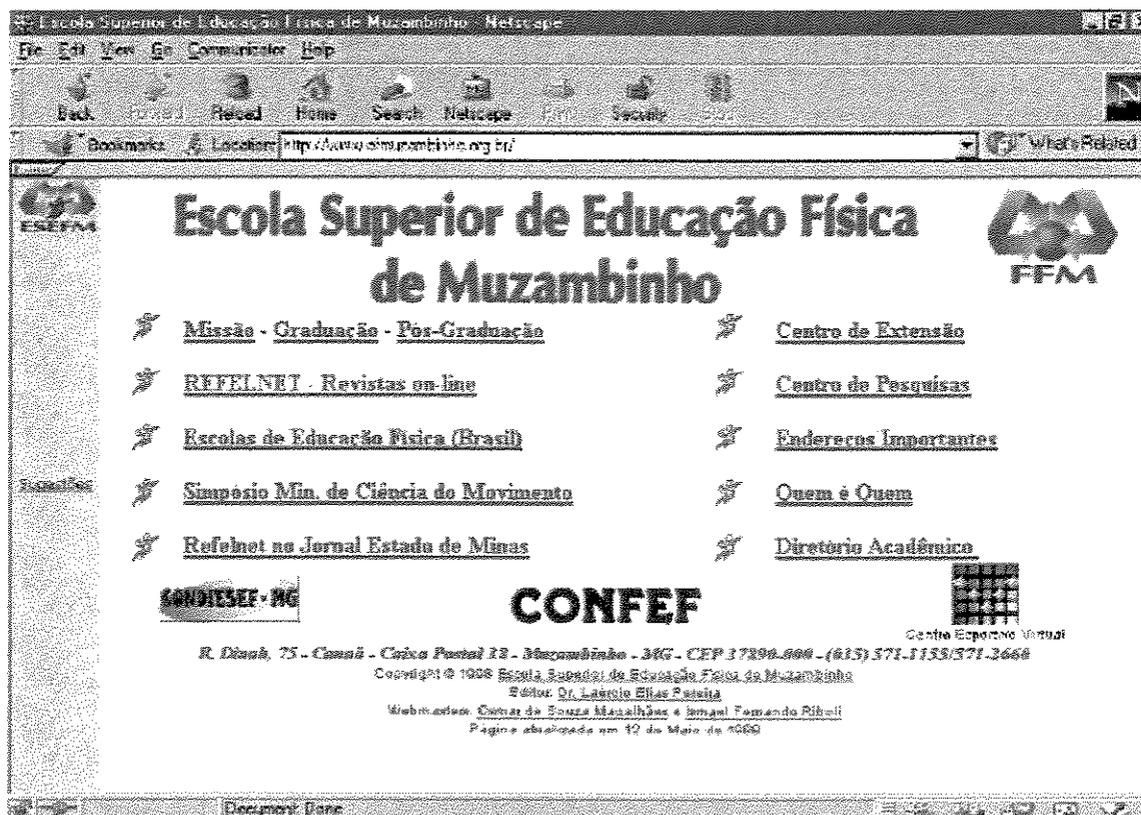
Com a filosofia adotada pelo Centro Esportivo Virtual – “a Internet é uma rede de pessoas que usam computadores; não só uma rede de computadores”, o diferencial do acervo do REFELNET tem a busca pelas pessoas que fazem as revistas. Assim, sempre são buscados o nome e endereço eletrônico dos editores. Também está no projeto a ligação, por *hiperlink*, dos nomes dos autores dos artigos e das comissões editoriais para as suas páginas pessoais e endereço eletrônico, facilitando o acesso dos leitores aos autores dos artigos, além do acesso às editorias para assinar as publicações em papel.

Na medida em que a base de revistas em texto integral se amplie também serão feitas as ligações das referências bibliográficas disponíveis na base. Assim, ao ler um artigo, o leitor terá acesso imediato - com um toque no *mouse* – aos artigos das referências bibliográficas, que antigamente ele precisava anotar e procurar na biblioteca.

1.6.5. Escolas de Educação Física

Com a busca de endereços das escolas de Educação Física, para intercâmbio e partilhamento de experiências na rede, chegou-se a proposta de editoria também da página de escolas de Escolas do Centro Esportivo Virtual. A equipe de webmasters passou a elaborar os mapas dos estados para facilitar o conhecimento da localização das escolas, a partir de 1999 com a editoria do Professor Marino Tessari, do Conselho Federal de Educação Física.

FIGURA 33 - Página da ESEFM com acesso ao REFELNET



1.6.6. Outros Desdobramentos

O crescimento da abrangência da atuação da equipe de trabalho – em que a página das escolas foi um bom exemplo – levou a outras iniciativas importantes como a elaboração e hospedagem da página do Conselho dos Dirigentes das Instituições de Ensino Superior de Educação Física de Minas Gerais (<http://www.efmuzambinho.org.br/condiesef-mg>) e a da página inicial referente ao Conselho Federal de Educação Física (<http://www.efmuzambinho.org.br/confef>).

1.6.7. Futuro

Certamente o volume de acesso gerado pelos projetos da ESEFM levou à iniciativa do provedor de Internet instalar-se na cidade, barateando muito os custos das ligações e abrindo caminho para a facilitação do acesso a Internet da comunidade acadêmica, da cidade de Muzambinho, e colocando as escolas da região em contato com projetos desenvolvidos pelas escolas muito além de suas fronteiras geográficas.

1.7. CURSOS DE EXTENSÃO

Nos seus 28 anos de existência a ESEFM promoveu inúmeros cursos de extensão. Entretanto devido aos problemas de localização de documentos que comprovem a sua realização, em virtude das constantes mudanças do arquivo, ficam para outra oportunidade a sua especificação. Apenas para ilustração temos abaixo o primeiro curso realizado em 1971.

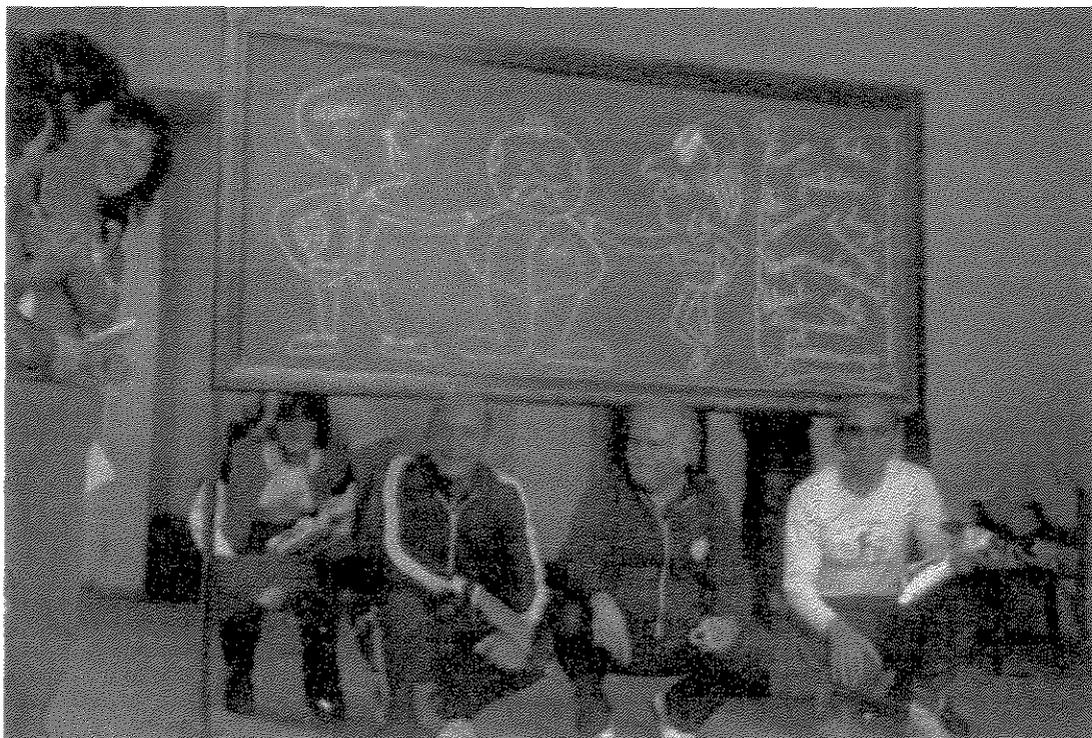


FIGURA 34 - O primeiro curso de extensão da ESEFM em 1971 foi ministrado pelos professores da UFMG, da esquerda para a direita: Adolfo Guilherme (voleibol), Odilon Barbosa (Recreação) e Lincoln Raso (Handebol). No detalhe do quadro negro, um aluno habilidoso, fez a caricatura dos 3 professores

CAPÍTULO VIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi, através de uma abordagem histórica, contextualizar e analisar os momentos vividos na criação da ESEFM e os resultados produzidos pela sua presença/produção na região sudoeste de Minas Gerais e leste de São Paulo.

Desta forma, foi a partir do movimento de 1964, ao instaurar-se um clima favorável à expansão do ensino superior, principalmente da rede privada que a ESEFM surgiu.

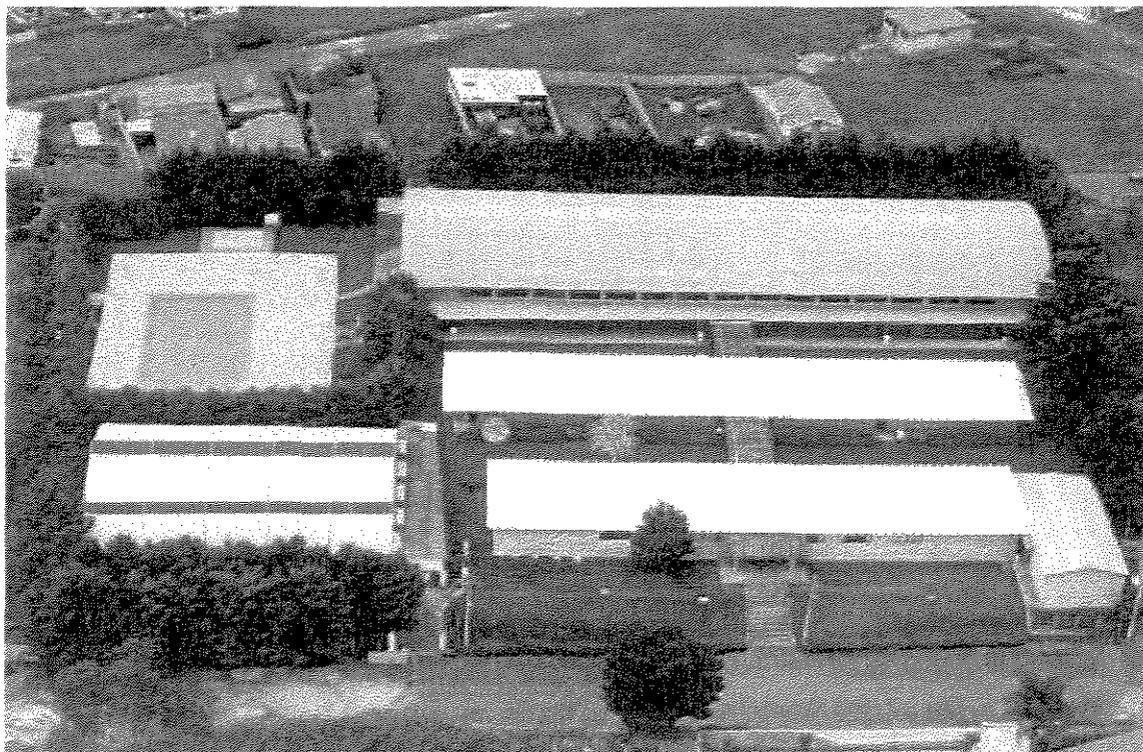


FIGURA 36 - Vista aérea da ESEFM vendo-se os 3 blocos o ginásio externo e a piscina, faltando, a esquerda, o novo ginásio de esportes, a pista de atletismo e o campo de futebol

As características regionais também ofereceram condições para que a ESEFM fosse implantada. Entre os fatores primordiais destacam-se a ausência de professores habilitados para atender as novas exigências sociais, simultaneamente à expansão do ensino de 1º e 2º grau; a existência de uma única escola de Educação Física em Minas Gerais.

Não sem se defrontar com graves problemas de gestação e parto a ESEFM surgiu num momento em que as leis da educação estabeleciam a obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis de ensino, o que

também contribuía para sua afirmação. Utilizando-se da figura de Juno com suas duas faces (Koestler, 1982 citado por Manoel, 1996), vamos lançar:

1. UM "OLHAR PARA TRÁS"

A ESEFM nos seus 28 anos de existência formou através de seu curso de licenciatura 1464 professores de Educação Física (anexo III).

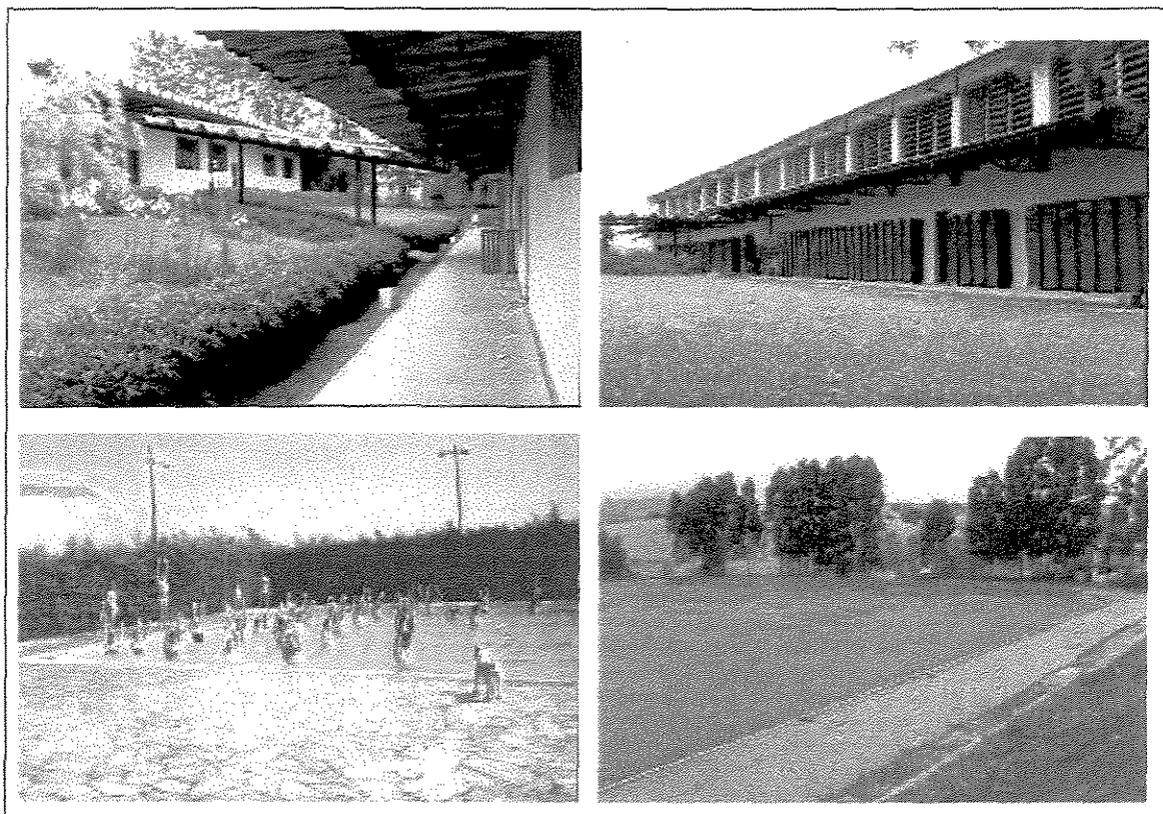


FIGURA 37 - Vistas da ESEFM, de cima para baixo e da esquerda para direita: espaço interno entre o bloco I e II, bloco III onde encontram-se os 3 ginásios, piscina e pista de atletismo com o campo de futebol

Com a pós-graduação "lato sensu" nas áreas de concentração de Educação Física Escolar, Treinamento Esportivo e Atividades Motoras em Academia, especializou 416 professores (anexo IV).

Através do Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento (em cinco versões realizadas) e do IV Congresso Brasileiro do Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte, além de transferir para a região, durante o espaço de tempo que duraram, os nomes mais significativos e representativos da

Educação Física brasileira, atingiu um universo de aproximadamente 5.000 profissionais.

Com a chancelaria da ESEFM para os Encontros Nacionais de Educação Física - ENAF, conseguiu-se a partir de 1980, quando ainda eram realizados em Varginha, mudar a dimensão dos mesmos, passando de uma abrangência regional para uma notória expansão em nível nacional e internacional. Através do prestígio que a ESEFM desfrutava foram convidados professores de renome de nossas universidades, entre aqueles mais conhecidos e atuantes na área, notadamente nas academias e clubes. Através dos inúmeros cursos realizados foi possível reciclar mais de 50.000 profissionais.

Uma análise sobre este "olhar para trás", na verificação dos eventos históricos ocorridos, torna-se possível emitir um julgamento sobre o comportamento da ESEFM em relação a Educação Física brasileira. Esta trajetória poderá ser caracterizada por três distintos períodos.

Período de 1971 a 1979

Nesta fase a ESEFM procurou atender as necessidades urgentes da demanda de mercado, principalmente na área escolar. No currículo elaborado, como a quase totalidade das escolas da época, predominava o conjunto de disciplinas de orientação às atividades, enfatizando na carga horária as de caráter esportivo. As atividades da escola limitavam-se ao ensino propriamente.

Mesmo atuando dentro destas limitações a ESEFM cumpria o seu principal papel até aquele momento, de formação profissional quantitativamente suficiente, para o estado precário em que se encontrava a Educação Física notadamente nos colégios.

Período de 1979 a 1992

Neste segundo período a ESEFM sofre uma grande mudança ao passar a assumir uma nova atitude em relação a pesquisa. Cria-se a pós-graduação "lato sensu", o Centro de Pesquisa - CENPES e os Simpósios.

O primeiro contato importante para esta mudança foi a relação que passou a ser estabelecida com o CELAFISCS e com o CBCE. A constante presença de professores mestres e doutores, através de um intercâmbio intenso, exigiu um novo comportamento da ESEFM frente ao que estava acontecendo na Educação Física brasileira.

Quanto às universidades, optou-se por um estreitamento de relações com a USP, UGF e UFSM, que se distinguiam entre as melhores do país. A ênfase no ensino continuava, mas com a preocupação de abertura para a necessidade da pesquisa. Na impossibilidade de contar com laboratórios e pessoal capacitado na área da pesquisa, a solução era incentivar o corpo docente a freqüentar congressos e apresentar trabalhos, bem como fazer estágios em outros laboratórios.

A ESEFM assume ainda uma preocupação que não existia antes, com a área neuro-comportamental, principalmente quanto à Aprendizagem e ao Desenvolvimento Motor e Psicologia do Esporte, através da presença do professor Edison de Jesus Manoel, que pertencia ao seu corpo docente, e dos professores Go Tani (USP), Jefferson Tadeu Canfield e Ruy Krebs (UFSM).

Período pós 1992

Mesmo continuando com as características anteriores a ESEFM incorporou um novo comportamento com as dimensões sociais e culturais da Educação Física, a partir da relação com a UNICAMP. Tudo começou com a vinda de professores para cursos de extensão culminando com a realização de dois cursos de pós-graduação "lato sensu" na área de Educação Motora, com todo o corpo docente pertencendo a FEF-UNICAMP, especificamente do Departamento de Educação Motora. Deve-se destacar a presença, por duas vezes, do professor Manuel Sérgio, trazido pelas mãos do professor João Batista Tojal, despertando na comunidade da ESEFM a atenção para a existência da Motricidade Humana e a Educação Motora, como seu ramo pedagógico (Tojal, 1994).

2. UM "OLHAR PARA FRENTE"

Ao lançar um "olhar para frente" descortina-se uma longa caminhada com muitas mudanças que ainda serão necessárias implementar. Apesar do futuro caracterizar-se pela incerteza, é possível arriscar-se, fazendo algumas previsões e indicando algumas prioridades:

a) quanto aos recursos físicos:

- construção de moradias estudantis para que os alunos possam residir em Muzambinho,
- construção de laboratórios com aparelhagem capaz de atender a pesquisas aplicadas,
- construção, com patrocínio de empresas privadas, de quiosques para acessar a internet,
- aquecimento da piscina,

b) quanto aos recursos humanos:

- continuação do programa de capacitação docente visando a obtenção do título de mestre para 80% do corpo docente, em 5 anos,
- criação do bacharelado ao lado da licenciatura,
- criação do mestrado profissional.

Um grande salto qualitativo poderá ser dado com a criação do mestrado profissional (Master of Business Administration - MBA ou Master of Arts in Education - MAE).

A proliferação dos "lato sensu" tornou-os um universo quase que impossível de ser avaliado e credenciado pela CAPES. A tendência na ESEFM seria, além da sua manutenção, a criação do mestrado profissional. Esta modalidade forma pessoal de alta qualificação para exercer atividades distintas da docência, e atuar nas áreas profissionais de instituições tecnológicas, laboratórios e organizações governamentais. Na atualidade as empresas, com o processo de globalização em andamento e com a evolução do conhecimento, aliado ao

problema da competitividade, necessitam de recursos humanos com formação pós-graduada.

Aos mestrados tradicionais no país têm sido feitas críticas quanto a sua característica predominantemente acadêmica, considerando-os onerosos e com baixa produtividade.

O mestrado profissional não teria a dissertação como exigência, substituída por um trabalho terminal menos complexo. O seu tempo de duração seria reduzido com um conteúdo adequado a este tempo, que entretanto, deverá ser maior do que as 360 horas do "lato sensu" e naturalmente deverá ser regulamentado e mais sistematizado para poder receber o credenciamento (Souza, 1997, Oliveira, 1995).

- estudos no sentido de expandir a Educação Física no atendimento a zona rural.

A Educação Física só tem se preocupado com a população urbana. Torna-se necessário ampliar o seu campo de atuação no sentido de beneficiar a grande população das áreas rurais, e a ESEFM por estar localizada numa região eminentemente agrícola poderá patrocinar esta empreitada.

Constata-se que a adoção de uma nova postura da ESEFM operacionalizada com a criação da PGLS em 1979, do CENPES em 1980, do Simpósio Mineiro de Ciência do Movimento e do Congresso Interno de Ciência do Movimento em 1981, relaciona-se com os momentos vividos pela Educação Física brasileira neste período de tempo, buscando caracterizar-se como ciência e afirmar-se como profissão.

Como lição destes acontecimentos ocorridos na ESEFM, confirma-se que é necessário, a todo custo, evitar a tendência a estabilidade, pois sua ocorrência impede os avanços e deve gerar retrocesso na consideração de escola como um sistema aberto (Manoel, 1989).

Em razão do que foi exposto neste trabalho, pode-se afirmar que a criação da ESEFM propiciou uma nova era para a Educação Física no sudoeste de Minas Gerais e leste de São Paulo, o que certamente contribuiu para o desenvolvimento da sociedade ao propiciar-lhe a utilização de serviços sob a orientação de profissionais habilitados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALBACHEVSKY, E. A. A pesquisa nas universidades brasileiras. Estudos. Brasília, ano 15, n. 18, 1997
- BRASIL. Lei n. 4.024 - 20 dez. 1961. Fixa a obrigatoriedade da prática da Educação Física nos cursos primários e médios até a idade de 18 anos. Diário Oficial, Brasília, 22 dez. 1961.
- _____. Lei n. 9.394 - 20 dez. 1996. Fixa as diretrizes e bases da Educação Nacional. Diário Oficial, 20 dez. 1996.
- _____. Lei n. 5.540 - 28 nov. 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média. Diário Oficial, Brasília, 29 nov. 1968.
- _____. Lei n. 5.692 - 11 ago. 1971. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasília, Documenta, n. 129, p. 400, 1971.
- _____. Decreto-Lei n. 705 - 25 jul. 1969. Altera a redação do art. 22º da Lei n. 4.024 de 20 de dezembro 1961. Brasília, Diário Oficial, 29 jul. 1969.
- _____. Conselho Federal de Educação. Parecer n. 298 - 17 nov. 1962. Fixa os currículos mínimos dos cursos de educação física e desportos. Rio de Janeiro, Documenta, n. 10, p. 53, 1962.
- _____. Conselho Federal de Educação. Parecer n. 977 - 3 dez. 1965. Define a pós-graduação e fixa as normas gerais para sua organização e funcionamento. Rio de Janeiro, Documenta, n. 44, p. 67, 1965.
- _____. Conselho Federal de Educação. Parecer n. 672 - 04 set. 1969. Fixa o conteúdo e duração a serem destinados à formação pedagógica nos cursos de licenciatura. Rio de Janeiro, Documenta, n. 105, p. 117, 1969.
- _____. Conselho Federal de Educação. Parecer n. 894 - 2 dez. 1969. Fixa o currículo mínimo de educação física. Rio de Janeiro, Documenta, n. 105, p. 153, 1969.

_____. Conselho Federal de Educação. Parecer n. 686 - 1 dez. 1997. Aprova o projeto do VIII curso de pós-graduação "lato sensu" - atividades motoras em academias: ginástica, hidroginástica e musculação. Brasília, Documenta,

_____. Conselho Federal de Educação. Resolução n. 69 - 06 nov. 1969. Fixa os mínimos de conteúdo e duração a serem observado na organização dos cursos de educação física. Rio de Janeiro, Documenta, n. 109, p. 157, 1969.

_____. Conselho Federal de Educação. Resolução n. 14 - 23 de nov. 1977. Estabelece as normas de organização e funcionamento dos cursos de pós-graduação "lato sensu". Brasília, Diário Oficial, 5 dez. 1977.

_____. Conselho Federal de Educação. Resolução n. 12 - Documenta, Brasília, n. , 1983

CANFIELD, J. T. Pesquisa e pós-graduação em Educação Física. In: PASSOS, S. C. (org.). Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Esportes, 1988.

CASTELANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus, 1988.

CARR, E. H. Que é história? São Paulo: Paz e Terra, 1996.

COELHO, A. Q., COELHO, M. S. Educação física e história oral. In: Motus Corporis. Rio de Janeiro: UGF, ano II, n. 4, 1995.

DEMO, P. Introdução à metodologia da ciência. São Paulo: Atlas, 1983.

ESSUS, A. M. M. S. A. Através da imagem II: fotografia e história interfaces. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletâneas... Belo Horizonte: UFMG, 1996

- FARIA JÚNIOR, A. G. Pesquisa em educação física: enfoques e paradigmas. In: Pesquisa e produção do conhecimento em Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.
- FAZENDA, I. C. A. Educação no Brasil anos 60: o pacto do silêncio. São Paulo: Loyola, 1988.
- FÉRES, M. J. V. A LDB e a responsabilidade social das instituições universitárias: pontos para discussão. Estudos. Brasília, ano 15, n. 18, 1997
- FREIRE, P. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- GEBARA, A. Pesquisa e pós-graduação em Educação Física. In: PASSOS, S. C. (org.). Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Esportes, 1988.
- GHIRALDELLI, P. Educação Física progressista: a pedagogia crítica social dos conteúdos e a Educação Física brasileira. São Paulo: Loyola, 1992
- HABERT, N. A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Ática, 1994.
- MAGALHÃES, A. M., SOUZA, N. B. Histórico de Muzambinho. Muzambinho: Casa da Cultura, 1998. 4p. (Mimeogr.).
- MARLY, R. A década de 50: populismo e metas desenvolvimentistas no Brasil. São Paulo, Ática, 1994.
- MANOEL, E. J. Desenvolvimento do comportamento motor humano: uma abordagem sistêmica. Dissertação (mestrado). São Paulo: USP, 1989.
- MANOEL, E. J. Comportamento motor e Educação Física: as duas faces de Jano, Revista Motriz, 2, 1, 43-48, 1996
- MARINHO, I. P. História geral da Educação Física. São Paulo: Cia Brasil Editora, 1980.

- MARTINS, C. B. Ensino superior brasileiro: transformações e perspectivas. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MELO, V. A. de. Reflexos sobre a História da Educação Física no Brasil: uma abordagem historiográfica. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletâneas... Belo Horizonte: UFMG, 1996
- MYAMOTO, M. Administração de congressos científicos e técnicos. São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1987.
- FRANCISCO NETO, A. Notas sobre pesquisa histórica na Educação Física. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletâneas... Belo Horizonte: UFMG, 1996
- NORONHA, O. M. A luta pela ampliação das oportunidades escolares (1950-1990). In: XAVIER, M. E. S. P. et alii. História da educação: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.
- NORONHA, O. M., XAVIER, M. E.; RIBEIRO, M. L. História da educação: a escola no Brasil. São Paulo, FTD, 1994.
- NOVAES, J. S. Ginástica de academia no Rio de Janeiro: uma pesquisa histórico descritiva. Rio de Janeiro: Sprint, 1991.
- OLIVEIRA, F. B. Pós-graduação: educação e mercado de trabalho. Campinas, Papirus, 1995.
- OLIVEIRA, V. M. Consenso e conflito na Educação Física brasileira. Campinas: Papirus, 1994.
- PAES, M. H. S. A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Ática, 1995.
- PILATTI, L. A. Metodologia das pesquisas em História do Esporte e da Educação Física. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletâneas... Belo Horizonte: UFMG, 1996

- RIBEIRO, M. L. S. A luta pela ampliação das oportunidades escolares (1910-1960). In: XAVIER, M. E. S. P. et alii. História da educação: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.
- RODRIGUES, N. Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação. São Paulo: Cortez, 1986.
- SCHWARTZMAN, J. A construção do projeto de Centros Universitários: há lugar para autonomia e para pesquisa. Estudos. Brasília, ano 15, n. 20, 1997.
- SILVA, M. B. N. A pesquisa histórica no Brasil. Ciência e Cultura, v. 35, n. 1, 1983.
- SOUZA, E. S. de. Origem da escola de Educação Física da UFMG: uma aliança entre Estado e Igreja. In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Coletâneas... Belo Horizonte: UFMG, 1996
- SOUZA, P. N. P. S. LDB e ensino superior: estrutura e funcionamento. São Paulo: Pioneira, 1997.
- TANI, G. Cinesiologia, Educação Física e esporte: ordem emanente do caos na estrutura acadêmica. Motus Corporis, 3 (2): 9-50, 1996.
- TOJAL, J. B. A. G. Currículo de graduação em Educação Física: "a busca de um modelo". Campinas: UNICAMP, 1989.
- TOJAL, J. B. A. G. Motricidade humano: o paradigma emergente. Campinas: UNICAMP, 1994.
- THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. Introduction to research in health, physical education, recreation and dance. Champaign, Human Kinetics, 1985.
- TUBINO, M. J. G. Os conceitos de eficiência e eficácia como orientadores administrativos de cursos de graduação em educação física. Brasília, MEC/DED, 1977.

TREVISAN, M. J. A crise da universidade brasileira: diagnóstico dos fatores determinantes. Santa Maria: UFSM, 1977.

XAVIER, M. E. A sociedade urbano-industrial e o desafio da constituição do ensino popular (1910-1990). In: XAVIER, M. E. S. P. et al. História da educação: a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.

ANEXO I

ESCOLAS E CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO BRASIL

Escolas e Cursos de Educação Física



Acre
Alagoas
Amazonas
Bahia
Ceará
Distrito Federal
Espírito Santo
Goiás
Maranhão
Mato Grosso
Mato Grosso do Sul
Minas Gerais
Pará
Paraíba
Paraná
Pernambuco
Piauí
Rio de Janeiro
Rio Grande do Norte
Rio Grande do Sul
Rondônia
Roraima
Santa Catarina
São Paulo
Sergipe

Alagoas

Universidade Federal de Alagoas

Curso de Educação Física Fone 082 2341416 - Fax 082 2341345,
 Rodovia Br 104 Norte, Km 97
 57072-970 Maceio, AL

Amazonas

Universidade do Amazonas

Curso de Educação Física Fone/Fax 092 6441526,
 Diretor: Almir Liberato da Silva
 Av Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000, Aleixo
 69077-000 Manaus, AM

Bahia

Faculdade de Educação Física Montenegro

Diretora: Profa. Wadyr Pinto Montenegro Matos
 Fone (073) 242 1125 / 242 1225
 Av. São Vicente de Paula, 465, Centro
 45745-000 Ibicarai, BA

Universidade Federal da Bahia

Curso de Educação Física

Escola de Dança

Contato: faced@faced.ufba.br

Fone (071) 247 1822 r.12 Fax:(071) 235 2228

Av Reitor Miguel Calmon S/N Vale do Canela

40110-100 Salvador, BA

Universidade Católica de Salvador

Escola de Educação Física

Contato: reitoria@ucsal.com.br

Fone (071) 231 1751 / 371 4238 Fax (071) 321 0183 / 232 1315

Av Pinto de Aguiar S/N Campus de Pituacu

41710-000 Salvador, BA

Ceará**Universidade de Fortaleza - UNIFOR**

Curso de Educação Física

Contato: digrad@uf.unifor.br

Fone (085) 273 2833 Fax (085) 273 1667

Avenida Washington Soares 1321, Edson Queiroz,

60811-341 Fortaleza, CE

Universidade Federal do Ceará

Curso de Educação Física

Contato: prqufc@ufc.br

Fone (085) 281 5192 Fax (085) 223 3248,

R. Waldery Uchoa, 1, Benfica,

60020-110 Fortaleza, CE

Universidade Estadual do Vale do Acaraú

Curso de Educação Física

Diretor: José Teodoro Soares

Fone (088) 613 1213 Fax (088) 613 1895

Av da Universidade 100, Betania,

62040-370 Sobral, CE

Distrito Federal**Faculdade Alvorada de Educação Física e Desportos**

Diretor: Luiz Antônio Burat

Fone (061) 273 6181 Fax (061) 273 6344

SGAN Quadra 916 Cj. D, Asa Norte

70.790-160 Brasília, DF

Universidade de Brasília - Unb

Faculdade de Educação Física

Diretor: Iran Junqueira de Castro

Fone (061) 274 0022

Caixa Postal 15 2952 - Campus, Asa Norte,

70910-900 Brasília, DF

Universidade Católica de Brasília

Faculdade Dom Bosco de Educação Física

Diretor: Mileno Antônio Tonissi

Laboratório de Avaliação Física e Treinamento - LAFITContato: lafit@ucb.br

Fone (061) 356 9048 Fax (061) 356 9030

QS 07 Lote 1 EPCT Águas Claras - DF

72022-900 Taguatinga, DF

Espírito Santo**Colégio Veneciano**

Curso de Educação Física

Fone (027) 752 1711

Rua Boa Vista 154, Eleosipo Cunha,

29830-000 Nova Venécia, ES

Curso de Educação Física em São Mateus (UFES)

Coordenação Universitária Norte do Espírito Santo

Fone: (027) 763-2711 / Fax: (027) 763-3715

29930-000 São Mateus, ES

Universidade Federal do Espírito SantoCurso de Educação Física e Desportos

Fone (027) 335 2622 Fax (027) 335 2620

Av Fernando Ferrari S/N, Goiabeiras

20060-900 Vitória, ES

Goiás**Universidade Federal de Goiás**Curso de Educação Física e Desportos

Fone (062) 205 1839 / 1000 Fax (062) 205 1839

Rod. GO - Nerópolis, 12 Prédio ICB IV, C. Samambaia

74590-510 Goiânia, GO

Escola Superior de Educação Física de Goiás - Esefego

Fone (062) 202 1443 Fax (062) 202-1320

Avenida Anhanguera, 1420, Vila Nova

74705-010 Goiânia, GO

Maranhão**Universidade Federal do Maranhão**

Curso de Educação Física

Fone (098) 232 1935

Núcleo de Esportes - Campus, Bacanga

65080-040 São Luís, MA

Mato Grosso**Universidade Federal de Mato Grosso**

Departamento de Educação Física

Contato: zmam-20@cpd.ufmt.br

Fone (065) 615 5511 / 8830 / 8833 Fax (065) 615-8838

Avenida Fernando Correia Costa S/N, Coxipó
78100-000 Cuiabá, MT

Mato Grosso do Sul

Faculdades Integradas de Dourados

Curso de Educação Física
Fone (067) 422 5522 Fax (067) 422 2267
Rua Balbina de Matos 2121, Jardim
79.824-900 Dourados, MS

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Curso de Educação Física

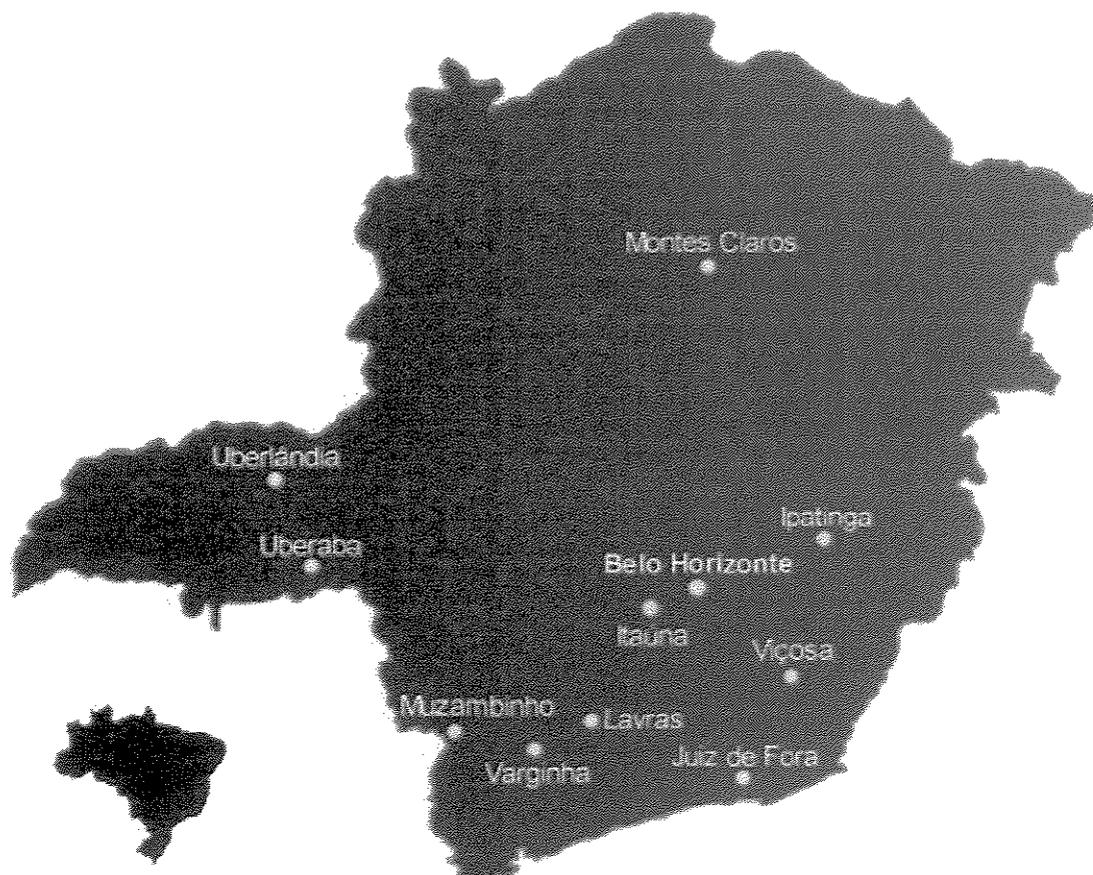
Contato: wmaster@nin.ufms.br

Fone: (067) 787 3311 Fax: (067) 787 1081
Campus Universitário, s/n CP: 549
79070-900 Campo Grande, MS

Faculdades Integradas de Fátima do Sul

Escola de Educação Física
Fone (067) 4671307
Rua Tenente Antônio João 1410- Cp 152
79700-000 Fátima do Sul, MS

Minas Gerais



Belo Horizonte, Ipatinga, Itaúna, Juiz de Fora, Lavras, Montes Claros, Muzambinho, Uberaba, Uberlândia, Varginha, Vicososa

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais

Escola de Educação Física

Diretor.: Pablo Juan Greco

Av. Presidente Carlos Luz, nº 4664

Pampulha

31310-250 Belo Horizonte MG

(031) 499-2301 - Direção

(031) 499-2303 - Secretaria

(031) 499-2304 - Fax

(031) 496-2500 - Residencial

Endereços: grecoji@mestrado.eef.ufmg.br - diretor@eef.ufmg.br

Ipatinga

ICGM - Instituto Católico de Minas Gerais

Curso de Educação Física

Coordenador.: Lácio César Gomes da Silva

Av. Fernando de Noronha, s/nº

Areal

35160-000 Ipatinga MG

(031) 823-3685
 (032) 823-3717 - Fax
 Endereço.: def@icmg.seut.org.br

Itaúna

Universidade de Itaúna
 Escola de Educação Física
 Diretor.: Dalton Ribeiro de Carvalho
 Avenida Dona Cota, 397
 Centro
 35680-033 Itaúna MG
 Telefone.: (037) 242-1622 - EF
 (037) 241-3584 - Residencial
 Endereço.: fui@prover.com.br

Juiz de Fora

Universidade Federal de Juiz de Fora
 Faculdade de Educação Física e Desportos <http://www.ufjf.br/cursos/humanas.htm>
 Diretor.: Paulo Roberto Bassoli
 Campus da UFJF
 Martelos
 36036-330 Juiz de Fora MG
 Telefone.: (032) 229-3280 - Diretor
 (032) 229-3281 - Secretaria
 (032) 229-3289 - Núcleo de Pesquisa - NUPEMh
 (032) 229-3286 - Núcleo de Extensão - NEX
 (032) 229-3284 - Coordenação do Curso de Graduação
 (032) 229-3290 - Fax
 Endereço.: pbassoli@faefid.ufjf.br

Lavras

Instituto Gammon - Lavras
 Faculdade de Educação Física
 Diretor.: Sérgio Wagner de Oliveira
 Campus Carlota Kemper
 Praça Dr. Augusto Silva, 616
 Caixa Postal.: 17
 37200-000 Lavras MG
 (035) 821-6133
 (035) 821-6188 - Fax

Montes Claros

Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES
 Curso de Educação Física
 Coordenador.: Jaime Tolentino Miranda Neto
 Campus Universitário "Darcy Ribeiro"
 Av. Dr. Ruy Braga, s/nº
 Vila Mauricéia
 39401-089 Montes Claros MG
 (038) 229-8299
 (038) 299-8309
 (038) 221-3190 - Fax

Endereço: jaim@connect.com.br

Muzambinho

Fundação Educacional Muzambinho

Escola Superior de Educação Física de Muzambinho

Diretora.: Lia Mara Zaghi

Rua Dinah, nº 75

Jardim Canaã

Caixa Postal 38

37890-000 Muzambinho MG

(035) 571-1155 - TeleFax da Escola Superior de Ed. Fís.

(035) 571-2660 - TeleFax da Fundação Educacional Muzambinho

Endereço: esefm@efmuzambinho.org.br

Uberaba

Universidade de Uberaba

Curso de Educação Física

Coordenador.: Adonis Expedito Ataíde Christofolletti

Av. Guilherme Ferreira, nº 217

Centro

38010-200 Uberaba MG

(034) 314-8800 - Ramal 223

Endereço.: adonis@uniube.br

Uberlândia

Universidade Federal de Uberlândia

Departamento de Educação Física e Esportes

Curso de Educação Física

Coordenadora.: Dinah Vasconcelos Terra

Av. Benjamin Constant, nº 1286

Aparecida

38406-039 Uberlândia MG

(034) 212-1011 - Ramal 214

Endereço.: dyterra@ufu.br

Varginha

FEPEMIG

Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas Gerais -

CPE<http://www.fepesmig.br/fepesmig/index.htm>

Curso de Educação Física

Coordenador.: Antônio Luiz Prado Serenini

Rua Cel. José Alves, nº 256

Centro

Varginha MG

(035) 219-5000

(035) 222-7256

989-0154 - Celular

(035) 222-7256 - Fax

Endereço.: serenini-adm@fepesmig.br

Viçosa**Universidade Federal de Viçosa**Departamento de Educação Física <http://www.ufv.br/des/>Coordenador.: Adilson Osés

Rua.:

36571-000 Viçosa MG

(031) 899-2078

(031) 899-2258

(031) 899-2156 - Fax

Endereço.: aoses@mail.ufv.br**Pará****Universidade do Estado do Pará**

Curso de Educação Física

Diretor: José Maria de Araujo

Fone (091) 226 0796

Avenida 1 de dezembro 817, Bairro Branco

66095-490 Belém, PA

Paraíba**Universidade Estadual da Paraíba**

Curso de Educação Física

Diretora: Derina Esperidiana de Macedo

Fone 083 3413300 Fax 083 3414509

Avenida Floriano Peixoto 718-Cp 78

58100-970 Campina Grande, PB

Universidade Federal da Paraíba

Faculdade de Educação Física,

Fone (083) 231 1418

Campus Universitário Caixa Postal 318,

58059-900 João Pessoa, PB

UNIFE - João Pessoa

Curso de Educação Física

Fone: 083 2247200

BR 230 - km 22 s/n, Água Fria

58053-000 João Pessoa, PB

Pernambuco**Universidade de Pernambuco**

Escola Superior de Educação Física

Diretor: Renato Medeiros de Moraes

Contato: esef@upe.br

Fone/Fax (081) 423 6310

Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro,

50100-130 Recife, PE

Universidade Federal de Pernambuco**Curso de Educação Física**

Diretor: Nairton Sakur de Azevedo

Contato: loedefe@npd.ufpe.br

Fone/Fax (081) 271 8506

Avenida Professor Moraes Rego 1235, Engenho do Meio,
50670-901 Recife, PE

Piauí

Universidade Estadual do Piauí

Curso de Educação Física

Diretor: José Wellington

Fone (086) 213 5195

Rua João Cabral, S/N - Cp 381, Piraja

64002-150 Teresina, PI

Universidade Federal do Piauí

Curso de Educação Física,

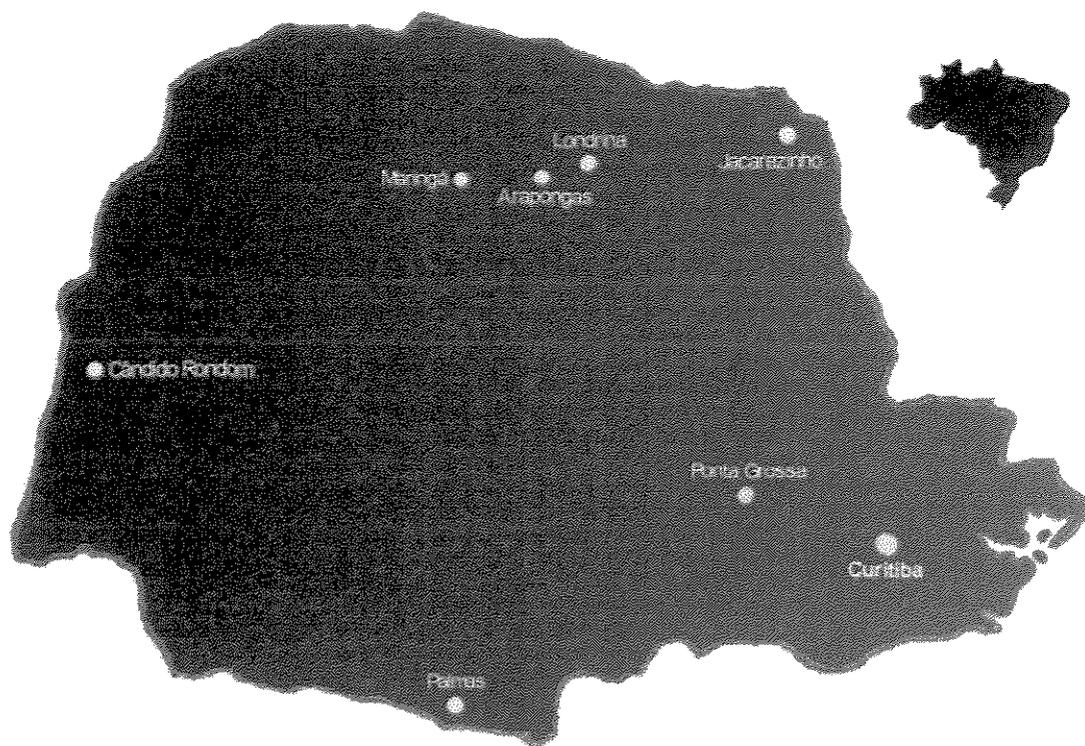
Campus Universitário Ininga

Contato: ufpi@ufpi.br

Fone (086) 2321211

64048-510 Teresina, PI

Paraná



Cândido Rondon, Cascavel, Curitiba, Jacarezinho, Londrina, Maringá, Palmas, Ponta Grossa

Paraná

Faculdade de Educação Física Candido Rondon

Diretor: Alcebiades Luiz Orlando

Fone (045) 254 3216

Rua Pernambuco, 1777 - Caixa Postal 91

85960-000 Cândia Rondon, PR

Faculdade Dom Bosco Cascavel

Diretor: Nelson Cabral
Contato: dombosco@unimidia.com.br
Fone (045) 226-0100
Fax (045) 326-1530
Av. Tancredo Neves, 1453
85804-260 - Cascavel, PR

Universidade Federal do Paraná**Curso de Educação Física**

Contatos: webmaster@cce.ufpr.br - allages@hermes.edf.ufpr.br
Fone (041) 322 0612 Fax (041) 246 5432
Rodovia Br 116 Km 402 Cp 441, Guabirota
82960-800 Curitiba, PR

Universidade Católica do Paraná**Curso de Educação Física**

Contato: postmaster@pucpr.br
Fone (041) 223 0922
Rua Imaculada Conceição 1155, Prado Velho,
80215-901 Curitiba, PR

Faculdade Estadual de Educação Física de Jacarezinho

Diretora: Sueli Carrijo Rodrigues
Coordenador do Curso de Pós-Graduação: Carlos Eduardo Correa da Silva
Bibliotecario: Rogério
Contato: [Profa. Jussara Eliana Utida](mailto:Profa._Jussara_Eliana_Utida)
Telefone/fax: (043) 722 0498
Alameda Padre Magno, 841 - Cp 261
86400-000 Jacarezinho, PR

Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR

Contato: unopar@embratel.net.br
Fone 043 2267700
Avenida Paris, 675, Jardim Piza
86041-140 Londrina, PR

Universidade Estadual de Londrina

Curso de Educação Física
Fone (043) 227 5151
Rodovia Celso Garcia Cid Km 380, C.P. 6001,
86051-970 Londrina, PR

Universidade Estadual de Maringá

Curso de Educação Física
Fone (044) 222 4242
Avenida Colombo 3090 - Z-6 C.P. 331
87020-900 Maringá, PR

Faculdade de Educação Física de Palmas

Diretor: Thompsom Eloi Schneidr
Coordenador: Edson Pacheco de Moraes
Fone (043) 223 703

Rua Dr. Bernardo Viana 903-Cp1311 0
84670-000 Palmas, PR

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Curso de Educação Física

Fone (042) 220 3141
Praça Santos Andrade Sn - Cp 992, Centro
84010-330 Ponta Grossa, PR

Rio de Janeiro

Faculdade de Educação Física e Desportos M Thereza

Contato: famath@nitnet.com.br

Fone (021) 620 0660
Rua Visconde do Rio Branco 869, Sao Domingos
24240-006 Niterói, RJ

Universidade Gama Filho

Curso de Educação Física

Diretor: Cláudio Reis
Fone (021) 269 7272
Estrada do Rio Grande 2034, Jacarepagua
22720-011 Rio de Janeiro, RJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Curso de Educação Física

Fone (021) 280 8593
Avenida Brigadeiro Trpowsky S/N Fundão
21949-900 Rio de Janeiro, RJ

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Curso de Educação Física

Coordenador: João Gonzaga de Oliveira
Fone (021) 587 7119 / 587 7120
Rua do Turfe, 5- Pavilhão Lyra Filho, Maracanã
20271-160 Rio de Janeiro, RJ

Faculdades Integradas Castelo Branco

Curso de Educação Física

Contato: info@castelobranco.br
Fone (021) 331 1207
Avenida Santa Cruz 1631, Realengo
21715-321 Rio de Janeiro, RJ

Instituto de Especialização da Aeronáutica

Escola de Educação Física

Fone (021) 590 6542
Avenida Marechal Fontenele 1200, Marechal Hermes
21012-350 Rio de Janeiro, RJ

Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes

Escola de Educação Física da Marinha

Fone (021) 270 7272

Avenida Brasil 10000, Olaria
20940-070 Rio de Janeiro, RJ

Escola de Educação Física do Exército

Instituto de Pesquisas da Capacitação Física do Exército

Contato: jmmoraes@hotmail.com

Fone (021) 543-3323

Avenida João Luiz Alves S/N, Urca

22291-090 Rio de Janeiro, RJ

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Curso de Educação Física

Fone (021) 682 1220

BR 465 Km 7, Itaguaí

23851-970 Rio de Janeiro, RJ

Faculdades Integradas São Gonçalo

Curso de Educação Física São Gonçalo

Diretor: Wellington Salgado de Oliveira

Fone (021) 601 7272 Fax (021) 601 7495

Rua Domingo Damasceno Duarte 229, Trindade,

24456-570 Rio de Janeiro, RJ

Faculdades Integradas Moacyr S Bastos

Curso de Educação Física

Fone (021) 394 1787

Rua Engenheiro Trindade 229, Campo Grande,

23050-360 Rio de Janeiro, RJ

Faculdade da Cidade

Curso de Educação Física

Diretor: Paulo Stark

Fone (021) 428 1844 Fax (021) 428 1715

Estrada do Rio Morto 555, Recreio

22783-210 Rio de Janeiro, RJ

Universidade Estácio de Sá

Curso de Educação Física

Fone (021) 293 0592

Rua Felicissimo Cardoso 841, Barra da Tijuca,

22631-360 Rio de Janeiro, RJ

Fundação Oswaldo Aranha

Escola de Educação Física de Volta Redonda

Fone (024) 348 1314 / 346 8000

Rua 28, 619, Riva - Tangerinal

27260-000 Volta Redonda, RJ

Rio Grande do Norte

Universidade do Rio Grande do Norte

Curso Educação Física

Contato: reitoria@urn.br

Fone (084) 321 2772 Fax (084) 321 2688

Rua Campus Universitário Central s/n, Costa e Silva
59600-900 Mossoró, RN

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Curso de Educação Física

Contato: gabinete@reitoria.ufm.br

Fone/Fax (084) 215 3450 / 3454

Av. Senador Salgado Filho 3000, Lagoa Nova

59072-970 Natal, RN

Rio Grande do Sul



Baía, Cachoeira do Sul, Caxias do Sul, Cruz Alta, Ijuí, Novo Hamburgo, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, São Leopoldo

Universidade da Região de Campanha - URCAMP

Curso de Educação Física

Contato: urcamp@attila.urcamp.tche.br

Fone (053) 242 8244 Fax (053) 242 8898

Avenida Tupy Silveira 2099, CP 141, Centro

96400-110 Bagé, RS

Escola Superior de Educação Física de Cachoeira do Sul

Fone (051) 722 3681 Fax (051) 722 3336

Rua Ramiro Barcelos S/N, Est. Mun. Joaquim Vidal

96508-071 Cachoeira do Sul, RS

Universidade Luterana Brasileira

Curso de Educação Física

Contato: cachoeira@canvas.ulbra.tche.br

Fone (051) 722 4399 Fax (051) 722 3681

Rua Major Ouriques 2284, CP 417, Santo Antônio

96506-562 Cachoeira do Sul, RS

Universidade de Caxias do Sul

Curso de Educação Física

Contato: informa@ucs.tche.br

Fone (054) 212 1133 Fax (054) 212 1165

Rua Francisco Getúlio Vargas 1130 CP 1352, Petrópolis

95070-560 Caxias do Sul, RS

Faculdade de Educação Física Cruz Alta

Parada Benito, S/N, Campus Universitário

98100-970 Cruz Alta, RS

Universidade de Ijuí - UNIJUI

Curso Educação Física

Contato: suporte@main.unijui.tche.br

Fone (055) 332 6100 / 7100 Fax (055) 332 3717 / 9100

Rua São Francisco 501, Sao Geraldo

98700-000 Ijuí, RS

Escola de Educação Física de Novo HamburgoContato: feevale@raiz.feevale.tche.br

Fone/Fax (051) 594 7977

Avenida Maurício Cardoso 510, CP 2121, Hamburgo Velho

93510-250 Novo Hamburgo, RS

Universidade de Passo Fundo

Escola de Educação Física

Fone (054) 313 3400 Fax (054) 311 1307

Campus Universitário - Cp 566, São José

99001-970 Passo Fundo, RS

Universidade Federal de Pelotas**Escola Superior de Educação Física**Contato: floris@ufpel.tche.br

Fone/Fax (053) 222 3795 / 3411

Pça 20 de Setembro 281 CP 354, Centro
96015-360 Pelotas, RS

Instituto de Porto Alegre - Ipa

Escola de Educação Física

Contato: ipaimec@ipa-imec.com.br

Fone (051) 331 3000

Rua Coronel Joaquim Pedro Salgado 80, Rio Branco
90420-060 Porto Alegre, RS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Escola de Educação Física

Mestrado em Ciência do Movimento Humano

Contato: esefufrgs@sbu.ufrgs.anrs.br

Fone/Fax (051) 336 0332 / 0988 / 316 3557 / 3639

Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico
90690-200 Porto Alegre, RS

Universidade de Santa Cruz do Sul

Curso de Educação Física

Contato: info@unisc.br

Fone (051) 717 7300 / 7374 / 7375 Fax (051) 717 1855

Avenida Independência, 2293

96815-900 Santa Cruz do Sul, RS

Universidade Federal de Santa Maria

Centro de Educação Física e Desporto

Laboratório de Ensino e Pesquisa do Movimento Humano - LAPEM

Contato: gapscefd@super.ufsm.br

Fone: (055) 220 8246 Fax: (055) 220 8016

Av. Campus Universitário, Camobi - Km 09

97105-900 Santa Maria, RS

Faculdade Salesiana de Educação Física

Fone (055) 512 1683

Rua Santos Dumont 820 - Cp 136, Centro

98900-000 Santa Rosa, RS

Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS

Curso de Educação Física

Fone (051) 590 3333 Fax (051) 590 8122

Avenida Unisinos, 950 - Cp 275, Cristo Rei

93022-000 São Leopoldo, RS

Rondônia

Universidade Federal de Rondônia

Curso de Educação Física

Contato: unir@unir.br

Fone (069) 216 8558 Fax: (069) 216 8506 / 8538

BR 364 - km 9,5, Campus Universitário, Rural

78900-500 Porto Velho, RO

Roraima

Universidade Federal de Roraima

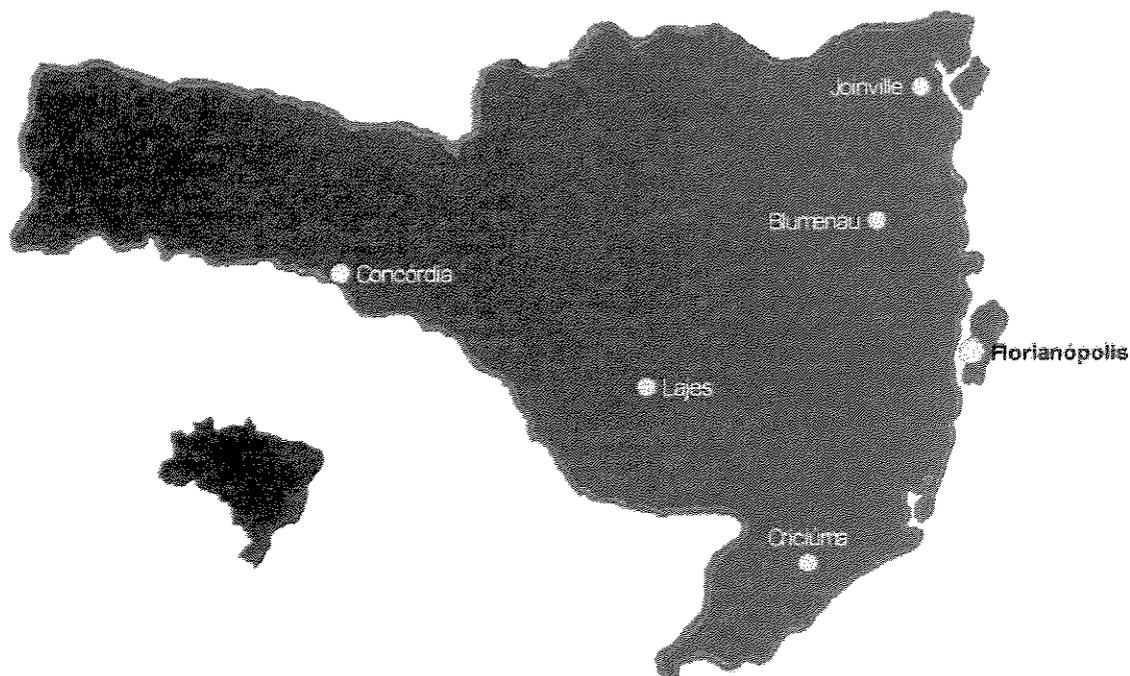
Curso de Educação Física

Contato: reitoria@tchenet.com.br

Fone (069) 221 8188

Campus Cariparana Br 174, Jardim Floresta,
69310-090 Boa Vista, RR

Santa Catarina



Blumenau, Concórdia, Criciúma, Florianópolis, Joinville, Lajes, Mafra

Fundação Universidade Regional de Blumenau

Curso de Educação Física

Contato: prizzo@furb.rct-sc.br

Fone: (047) 321 0245 Fax: (047) 322 8818

Arhur José Novaes

Coordenador do Curso de Educação Física da FURB

Rua Antônio da Veiga 140, Victor Konder

89010-000 Blumenau, SC

Universidade do Contestado - UNC

Curso de Educação Física

Contato: trevisan@unc.ccd.rct-sc.br

Fone: (049) 442 0850 Fax: (049) 442 0602

Alexandre Trevisan Schneider

Coordenador do Curso de Educação Física da UNC

Rua Linha Zanata, 323 CP 211 Bairro Salete

89700-000 - Concórdia, SC

Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina

Curso de Educação Física

Contato: jac@unesc.rct-sc.br

Fones: (048) 431 2500 / 2653 Fax: (048) 431 2750

José Antônio Carrilho

Coordenador do Curso de Educação Física da UNESC

Rua Paschoal Meller, 277 Pinheirinho

88800-000 - Criciúma, SC

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Educação Física

Contato: nelson@cds.ufsc.br

Fone (048) 331 9217 / 9695 Fax: (048) 331 9927

Nelson da Silva Aguiar

Diretor do Centro de Desportos da UFSC

Cidade Universitária

88040-900 Florianópolis, SC

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESCCentro de Educação Física e Desportos - CEFIDContato: d2mt@udesc.br

Ivair de Lucca

Diretor Geral do Centro de Educação Física e Desportos - CEFID/UDESC

Fones: (048) 244 2324 Fax: (048) 244 2178

R. Paschoal Simone, 358 CP 1228, Coqueiros

88080-350, Florianópolis, SC

Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE

Curso de Educação Física

Contato: univille@netville.com.br

Fone/Fax: (047) 461 9026

Antônio José da Rosa

Coordenador do Curso de Educação Física do UNIVILLE

Campus Universitário CP 1361, Bom Retiro

89201-972 - Joinville, SC

Universidade do Planalto Catarinense

Curso de Educação Física

Contato: oliveira@uniplac.rct-sc.br

Fone: (049) 224 1022 Fax: (049) 224 2881

Oliveira Manoel Fernandes

Coordenador do Curso de Educação Física da UNIPLAC

Av. Castelo Branco, 170, Universitário

88509-900 - Lages -SC

Universidade do Contestado - UNC

Curso de Educação Física

Contato: ademir@unc-mfa.rct-sc.br

Fone/fax: (047) 642 3059

Eduardo Nassif

Coordenador do Curso de Educação Física da UNC

Av. Presidente Nereu Ramos, 1071

Caixa Postal 111

89300-000 Mafra - SC

São Paulo



Andradina, Araçatuba, Assis, Avaré, Barra Bonita, Batatais, Bauru, Campinas, Catanduva, Cruzzeiro, Guarulhos, Itapetininga, Jaboticabal, Jundiaí, Lins, Marília, Mogi das Cruzes, Piracicaba, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Rio Claro, Santa Fé do Sul, Santo André, Santos, São Caetano do Sul, São Carlos, São José do Rio Pardo, São Paulo, Sorocaba, Taubaté, Tupã.

Andradina

Escola Superior de Educação Física e Técnicas Desportivas

Fone (018) 732 2706

Rua Amazonas 571 - Cp 477, Stella Maris

16900-000 Andradina, SP

Araçatuba

Escola Superior de Educação Física e Técnicas Desportivas

Fone (018) 623 5128

Rua Mato Grosso, 1141, Jardim Sumare

16015-140, Araçatuba, SP

Assis

Escola Superior de Educação Física de Assis

Fone(018) 322 2552

Avenida Dr Doria 204 - CP 218

19800-000 Assis, SP

Avaré**Escola Superior de Educação Física e Técnicas Desportivas**

Fone (014) 722 1133
Praça Altino Arantes 163, Centro
18705-160 Avaré, SP

Barra Bonita**Faculdade de Educação Física de Barra Bonita**

Fone(014) 641 0300
Rua João Gerin 275 - CP 45, Vila Operária
17340-000 Barra Bonita, SP

Batatais**Faculdade de Educação Física de Batatais**

Fone (016) 761 4777
R Dom Bosco 466, Castelo
4300-000 Batatais, SP

Bauru**Universidade Estadual Paulista Unesp-Bauru**

Curso de Educação Física
Fone(014) 122 3211
Avenida Eng Luís Carrijo Coube S/N, Vargem Limpa,
17033-360 Bauru, SP

Campinas**Universidade Estadual de Campinas Unicamp**

Faculdade de Educação Física,
<http://www.unicamp.br/fef/fef.html>

Diretor: Edison Duarte

Fone (019) 239 3697

Grupo Ginástico da Unicamp

Grupo de História da Educação Física Esportes e Lazer

Simpósio Esporte no Processo Civilizatório e Violência no Futebol

Caixa Postal 6134, Cidade Universitária

13081-970 Campinas, SP

Pontifícia Universidade Católica de Campinas PUCCAMP

Faculdade de Educação Física

Diretora: Mari Gândara

Fone (019) 252 8099

R Marechal Deodoro 1099, Centro

13020-204 Campinas, SP

Catanduva**Escola Superior de Educação Física de Catanduva**

Fone (017) 522 7656
Av Paulo de Faria S/N - Cp 305,
15800-000 Catanduva, SP,

Cruzeiro

Escola Superior de Educação Física e Técnicas Desportivas
Fone (054) 41 965
Rua Dr José R Alves Sobrinho 191
12700-000 Cruzeiro, SP

Guarulhos

Faculdade Integradas de Educação Física Td de Guarulhos,
Fone (011) 209 3233
Rua Dr Solon Fernandes 155, Vila Rosália
Guarulhos, SP, 07070-010

Itapetininga

Faculdades de Itapetininga
Departamento de Educação Física
Fone (015) 271 0184
Rodovia Raposo Tavares Km 162 Cp 24, Nova Itapetininga,
8200-000 Itapetininga, SP

Jaboticabal

Faculdades São Luís -
Curso de Educação Física,
Fone (016) 322 0530
Rua Floriano Peixoto 839
Educação Física Moura Lacerda, Jaboticabal MI,
Av Amador Zardin 55, Centro, 0163222882,
14870-000 Jaboticabal, SP

Jundiaí

Escola Superior de Educação Física de Jundiaí
Fone (011) 434 7955
Rua Rodrigo Soares Oliveira S/N
13208-120 Jundiaí, SP

Lins

Faculdade de Educação Física de Lins,
Fone (014) 522 1625
Rua Dom Bosco 265 - CP 130
16400-000 Lins, SP

Marília

Universidade de Marília
Curso de Educação Física
Fone (014) 433 8088
Avenida Higino Muzzy Filho, 1001
17525-902 Marília, SP

Mogi das Cruzes

Faculdade de Educação Física do Clube Náutico Mogiano
Fone (011) 469 6613

Rua Cabo Diogo Oliver 758
08701-970 Mogi Das Cruzes, SP

Universidade de Mogi Das Cruzes

Departamento de Educação Física
Fone (011) 469 5333
Avenida Candido Almeida Souza 200, Centro Cívico
08780-911 Mogi das Cruzes, SP

Piracicaba

Universidade Metodista de Piracicaba Unimep

Curso de Educação Física
Fone (019) 433 5011
Rua Rangel Pestana 762, Centro
13400-901 Piracicaba, SP

Presidente Prudente

FCT

Curso de Educação Física
Fone (019) 233 5429
Rua Roberto Simonsen 305, Campus Universitário
19060-900 Presidente Prudente, SP

Ribeirão Preto

Universidade Instituto Moura Lacerda,

Fone (016) 636 1010
Rua Padre Euclides 995, Campos Elísios
14085-420 Ribeirão Preto, SP

Universidade de Ribeirao Preto Unaerp,

Fone (016) 624 6300
Avenida Costabile Romano 2201 Cp 98
14001-970 Ribeirão Preto, SP

Rio Claro

Universidade Estadual Paulista UNESP-Rio Claro

Fone (019) 534 0244
Avenida 24a , 1515, Campus Universitario
13506-900 Rio Claro, SP

Santa Fé do Sul

Faculdade de Educação Física da Alta Araraquarense

Fone (017) 631 2921
Rua Oito 854 - Cp 185, Centro
15775-000 Santa Fé do Sul, SP,

Santo Andre

Faculdade de Educação Física de Santo André - Fefisa

Diretora Dinah Kojuk Zekcer
Fone (011) 717 0700

Travessa Cisplatina 20 Cp 584, Vila Pires
09001-970 Santo André, SP

Santos

Universidade Santa Cecília
Faculdade de Educação Física de Santos
Fone (013) 234 4925
Rua Oswaldo Cruz 179, Boqueirão
11050-071 Santos, SP

Faculdade de Educação Física do Litoral Santista
Fone (013) 2 32 7078
Avenida Rangel Pestana 99, Vila Mathias
11013-551 Santos, SP

São Bernardo do Campo

Unibam - Universidade Bandeirantes
Curso de Educação Física
Campus ABC
Fone: (011) 7664 9086
Rua Rudge Ramos, 1501
09736-310 São Bernardo do Campo SP
Contato: unibam@ns.unibam.br

São Caetano do Sul

UNIFEC
Escola Superior de Educação Física de São Caetano do Sul
Fone (011) 441 3233
Rua Amazonas 2000, Oswaldo Cruz
09540-200 São Caetano do Sul, SP

São Carlos

Universidade Federal de São Carlos
Curso de Educação Física e Motricidade Humana
Fone (016) 260 8379
Coordenador: Prof. Glauco Nunes Souto Ramos
Prédio da Babilônia I, sala 119
Campus da Universidade, área Sul
13.565-905 São Carlos, SP

São José do Rio Pardo

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras
Curso de Educação Física
Fone (019) 680 3541
Coordenadora: Leiri Valentin
Pça. Tiradentes, s/n
13720-000 São José do Rio Pardo, SP

São Paulo

Universidade de São Paulo USP
Escola de Educação Física

<http://www.usp.br/eef/eefusp.htm>

Diretor: José Geraldo Massucato

Fone (011) 813 5711

Programa de Pós Graduação

Laboratório de Biomecânica

CEPEUSP

Caixa Postal 5349, Cidade Universitária

05508-900 São Paulo, SP

Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU

Curso de Educação Física

Fones: 0800 16 3766 (011) 270 2433 Fax: (011) 279 4589

Rua Taguá, 150

01508-010 São Paulo, SP

Contato: metro@fmu.br

Escola de Educação Física da Polícia Militar de

Fone (011) 227 9825

Avenida Cruzeiro Do Sul 548, Caninde

01109-000 São Paulo, SP

OSEC

Faculdade de Educação Física

Fone(011) 520 9611

Rua Professor Enéas Siqueira Neto 340, Jardim das Imbuías

04829-300 São Paulo, SP

Fiam

Curso de Educação Física

Fone (011) 852 0344

R Iguatemi 306, Jardim Paulista

01451-010 São Paulo, SP

Unib

Curso de Educação Física

Fone (011) 533 2022

Avenida Irai 297, Moema

04082-200 São Paulo, SP

Unibam - Universidade Bandeirantes

Curso de Educação Física - Campus MC

Fone: (011) 6967 9090

Rua Maria Cândida 1813, Vila Guilherme

02071-013 São Paulo, SP

Contato: unibam@ns.unibam.br

Unicastelo

Curso de Educação Física

Fone (011) 222 5566

Rua Jaguaribe 477, Vila Buarque

01224-001 São Paulo, SP

Universidade São Judas Tadeu

Curso de Educação Física

Fone: (011) 6099 1999

Rua Taquari 546, Mooca
São Paulo, SP

Sorocaba

Faculdade de Educação Física de Sorocaba

Fone (015) 232 0684
Rua da Penha 680, Centro
18010-002 Sorocaba, SP

Taubaté

Escola Superior de Educação Física de Taubate

Fone (012) 232 7577
R 4 de Marco 432, Centro
12020-270 Taubaté, SP

Tupã

Escola Superior de Educação Física da Alta Paulista

Fone (014) 442 1218
Rua Mondaguari 274, Centro
17600-060 Tupã, SP

Sergipe

Universidade Federal de Sergipe

Curso de Educação Física

Contato: ufs@ufs.br

Fone (079) 441 2848 Fax (079) 241 3995

R. Marechal Rodom, s/n, Rosa Elze
49100-000 São Cristóvão, SE

ANEXO II

PROFESSORES QUE LECIONARAM/LECIONAM NA ESEFM

Agenor Ribeiro Netto
Natação

Alberto Carlos Pereira Filho
Biologia

Ana Maria Zerbini de Araújo
Lingua Portuguesa

Angelina Maria Cardillo
Estrutura

Angelo Battaglion Neto
Futebol

Antonio Carlos Abdalla

Antonio Carlos Ornelas

Antonio Nilo de Macedo
Anatomia

Aparecida Martins
Handebol

Autran José da Silva Júnior
Biologia e Fisiologia

Benedito Pereira
Treinamento e Nutrição

Camillo Marcio P. Coimbra
GRD

Carlos José de Pádua

Célio Sergio Cabral
Aprendizagem e Recreação

Cirlene Aparecida Vieira
Ginástica Olímpica

Daniela G. Martins Bueno
Aprendizagem Motora

Darci Costacurta
Recreação

Dimas Honório Bengton
Ginástica Olímpica

Dirce Agostinho Gaspar
Música

Douglas Roque Andrade
Biometria

Edilze Simões Mendes
GRD

Edson Dino
Atletismo

Edison de Jesus Manoel
Atletismo e Aprendizagem

Elenice Faccion
Rítmica

Elizete Aguirre Brasileiro
GRD

Expedito Alves de Souza
Natação

Feres Jamiro Abdalla
Ginástica Olímpica

Fernando José Bernadelli
Cinesiologia

Francisco Carlos Vigorito
Futebol

Hamilton Chaim
Atletismo

Helena Lúcia Elias Riboli
Estrutura e Psicologia

Humberto Fernandes Maciel
Física

Iray dos Santos
Handebol

Isaac da Silva Brandão
EPB

Ivan Antonio de Freitas
Judo e estrutura

Jorge Alberto de Oliveira
Fundamentos da Educação Física e
Introdução a Metodologia da Pesquisa

José Leonardo Sobrinho
EPB

Juraci R. de Magalhães

Kamiski Melo Clodoviskis
Natação

Karin Riedel
Ginástica Olímpica

Laércio Salomão

Lia Mara Zaghi Lemos
GRD

Lourdes Helena Borelli Zoller
Biologia

Lúcia Maria Mazzilli
Ginástica Rítmica

Luciano Ismael da Silveira
Ginástica Olímpica

Luis Fernando Duedt
Judô

Luiz Antonio Franchioli
Futebol e Voleibol

Luiz Carlos da Silva

Luiz Pedro Abichabki Neto
Basquete

Luiz Roberto dos Santos

Manoel Carlos Prosperi Leite
Futebol

Mara Janice Martiniano
Rítmica

Marcelo Castellano
Voleibol

Marcilene Pereira Bernardes
GRD

Márcio Dias de Souza
Futebol

Marco Antônio Vilas Boas
EPB

Marcos Navarro Miliozzi
Didática, Sociologia e Estágio
Supervisionado

Marcus Prates Miranda
Fisiologia

Margarida C. Resende
Higiene

Maria Antonieta Prado Coimbra
Psicologia

Maria Aparecida Lopes
Estrutura e Funcionamento do Ensino
de 1º e 2º Graus.

Maria Cecília Massa
Rítmica

Maria Helena Carli
Rítmica

Maria Helena Dipe
Estrutura e Funcionamento do Ensino
de 1º e 2º Graus.

Maria Iolanda S. Martiniano
Folclore

Maria José Granato
Rítmica e Recreação

Maria José Martins
Rítmica

Maria Estela de Resende Pereira
EPB

Maria Zulmira Alves
Recreação

Mário Martiniano Filho
Handebol

Mônica Anechini Campedelli
Psicologia

Nélio Francisco da Silva
Handebol

Nilton Chaves Fernandes
Psicologia

Olga Cerávolo Bueno de Rezende
Higiene

Osmar Aparecido Mende
Organização

Oswaldo Jacyntho da Silva
EPB e Basquete

Paulo Calafiori Resende
Fisiologia

Paulo Roberto Alvarenga
Fisiologia

Regina Márcia Benassi
Lingua Portuguesa

Roberto Bergonzoni
Judô

Rômulo Eduardo Bernandes da Silva
Judô e Ginástica Olímpica

Ronaldo Rommel Antinori
Musculação

Rubens de Almeida Lacerda
Fisiologia

Terezinha Cecílio de Jesus
Socorro

Vânia Cristina Dipe Nóbrega
Rítmica

Vera Lúcia Zaghi
Didática

Vera Lúcia de Faria
Prática de Ensino

Vicente de Paula Vilela
Socorro

Walter Cipriano Filho
Natação

Weber Araújo
Socorros e Biometria

Wilian Peres Lemos
Aprendizagem Motora,

Desenvolvimento
Motor, Vôlei, Atletismo, Prática de
Ensino, Fisiologia do Exercício,
Treinamento Esportivo, Didática da
Educação Física

Zuleika de Souza Silveira
Rítmica

ANEXO III

FORMANDOS DA ESEFM DE 1974 ATÉ 1998

FORMANDOS 1974 – JULHO

Paraninfos: Antero Veríssimo da Costa e Frei Rafael Zevenhoven

Alcione Magalhães	Irene Magalhães
Alcir Abrão	Ismael Riboli
Ana Maria Araújo Borges	Ivan Antônio de Freitas
Ana Maria de Figueiredo	Jair Teodoro dos Santos
Ana Maria Zerbini de Araújo	Jairo Rondinelli
Angêla Maria da Silveira	João Batista Romano
Carlos Alberto Vilas Boas	João Sebastião da Silva
Carlos Eduardo Guilherme da Silva	José Breno Agostini
Carlos José de Pádua	José Carlos Teodoro
Carlos Prates	José de Souza
Carlos Roberto Brasileiro	José Maria Bizzarri
Carlos Roberto Ribeiro	José Orlando de Abreu Siqueira
Cesare Bianchi Sobrinho	José Reinaldo Carneiro
Cirlene Aparecida Vieira	José Roberto Viana
Dalya Amidani Abdala	José Vanderlei Magalhães
Dercília Bueno de Melo	Laércio Salomão
Dilma Helena Lourenço Moreira	Leila Qbar
Dimas Honório Bengtson	Luis Eduardo Maran
Dirce Helena de Melo Tejada	Luisa Maria de Siqueira
Djanira Esaú Brandão	Luiz Antônio Franchiosi
Edson Dino	Luiz Gonzaga do Nascimento
Eliana Zerbini	Luiza Maria de Siqueira
Elias Dipe Neto	Luzia Pinheiro de Paula
Elizete Aguirre Brasileiro	Márcia dos Anjos Fernandes
Eunice Siqueira Viana	Márcia Helena M. Inacarato
Fernando Amore de Melo	Margarida Terra
Georgina Martins	Maria Aparecida Marques Bueno
Gracia Maria Massa	Maria Aparecida T. Oliveira
Hélcio Vieira	Maria Assima Dipe
Helena Lourdes Lourenço Chaim	Maria Auxiliadora de Ifraro
Helena Prado	Maria Cecília Massa
Heloisa Helena Dipe	Maria Conceição de Souza
Hoda Quebar	Maria Consolação da Silva
Ieda de Macedo	Maria da Penha Ruela
Ilhotícia Martins de Souza	Maria das Graças Leme Manzo
Iraní Azevedo Magalhães	Maria de Lourdes F. Carvalho
	Maria do Carmo Anunciação

Maria Eduarda de Lima e Silva	Regina Lúcia Piconêz
Maria Genoveva Lima do Nascimento	Rita Maria Semenssato Ribeiro
Maria Helena Carli	Romeu Vitor Gilli
Maria Helena dos Santos	Romualdo Dino
Maria Helena Rocha	Rui Evilásio Rodrigues
Maria Hortência Magalhães	Sandra Chame Magnoni
Maria Inês Carvalho de Souza	Seila Ap. Wychniauskas Medeiros
Maria Leonor Rondinelli Mamede	Selma Maria Felício
Maria Nilce Rondineli	Sérgio Augusto Magalhães
Maria Sabina da Costa	Suzana de Lima e Silva
Maria Terezinha Araújo	Terezinha Villas Boas Angelo
Mariângela Magnani	Ubirajara dos Reis
Marília Aparecida Garcia	Vagner Sebastião Chiamenti
Marina Conceição de Souza	Valdemar Alves Terra
Mário Martiniano Filho	Valdevino de Souza
Marisa de Almeida Bengtson	Vanilda de Jesus Silva
Marlene Marli Pinto	Vantuil de Paula
Marta Heloísa Tardeli	Velmor Baldassin
Nazaré Tereza Rodrigues	Venturosa Bueno Rossi
Osmar Aparecido Mendes	Vera Lúcia Rondinelli
Paulo Henrique Pereira	Vicente Sebastião Viola
Regina Celi da Silva	Vilma Aída Riboli
Regina Helena V. B. B. da Silva	Wagner Sebastião Chiamenti
	Wagner Vieira Gomes
	Waldisnei de Almeida Dias

FORMANDOS 1975

Paraninfo: Alberto Carlos Pereira Filho

Abigail Souza Dias	Luiz Fernando Botelho
Abrahan Lincoln Dino	Maria Abigail de Carvalho
Amador Prado Pellegrini	Maria Angélica Maia
Amir Além de Aquino	Maria das Graças Barbosa
Ana Maria de Padua Moreira	Maria das Graças P. de Figueiredo
Antonia Ap. Generoso Manucci	Maria das Graças Vilela
Antônio Limirio da Costa	Maria de Fátima Lemos
Artur Severiano Rezende	Maria Helena Dipe
Carlos Eduardo Leonhardt	Maria Madalena Ferreira Cintra
Célio Sales Sobrinho	Maria Zulmira Alves
Clarice Gumiero	Mariana Marta Vilela
Diana Pedreira de Araújo	Marieta Cerávolo Guimarães
Dolores Ribeiro Silva	Maura Aparecida Nogueira
Edna Maria Penido Souza	Mauro Antônio da Silva
Elizabete da Silva	Moacir Vieira Filho
Geraldo Augusto Alves	Neide Leonhardt
Gilda Borges Ruela	Nilza Martins Monteiro
Ilma Maria dos Santos	Paulo Tadeu Scaff
Iris Conceição Correia	Regina Célia de Melo Martins
João Leandro Franco	Regina Correia de Castro
Jorge das Graças Inês	Rosa Maria Cerávolo
José Danilo Alves Pereira	Rubens Barboza de Oliveira
José Roberto Silva	Sérgio Morel Vitorino
Lauro Antônio da Silva	Sidyneia Terezinha Dias
Leuza Elvira Tonelli	Vilson Sabino de Figueiredo
Lourenço Ribeiro Filho	Vitor Hugo Nascimento

FORMANDOS 1976

Paraninfo: Leonidas Alencar Bernardes da Silva

Alice Aparecida Corrêa	Júlio Jorge
Antônio Francisco de Oliveira Jr.	Klinger Gouveia
Antônio Silvino Tavares	Laudimiro Navarro
Aparecida Fátima de Sousa	Lourival de Oliveira Filho
Arnaldo Nogueira Garcia	Lúcia Maria Mazzilli Magalhães
Ayrton de Paula e Silva	Luciula de Paiva Santos
Benedito Cândido de F. Júnior	Luiz Antônio Gonçalves Cabrera
Cássia Mendes	Luiz Pinto da Silva
Darci Aparecida Costa	Mara Janice Martiniano
Davi Carielo	Maria da Conceição Silva
Dirce Maria Cruz	Maria da Penha Souza de Carvalho
Edilamar Neves	Maria de Fátima Garcia
Edilze da Silva Simões	Maria do Carmo C. de Resende
Edir Cerávolo	Maria Estela Romão
Enely Elizabeth Martins	Maria Helena do Lago Franco
Eunice da Silva	Maria Luiza Lemes Manzo Ielo
Fernando Antônio M. Montanari	Maria Marta Santos
Ideval Jorge	Mariana Alves Neta
Ismael Faria de Abreu	Marta Maria Silva
João Batista de Souza	Matias Moreno
João Batista do Nascimento	Mauro da Silva Luz
Filho	Milton Nogueira Filho
José Antônio Villa	Regina Magalhães
José Campanelli Júnior	Roberto Carlos Barbosa
José Cláudio Felizola dos Reis	Roosevelt dos Reis de C. Dias
José Gabriel Haddad	Sebastião Martins Sobrinho
José Oscar da Silva Dario	Silveria Maria Fernandes
José Reinaldo de Figueiredo	Tânia Mara Moterani Dias
José Zerbinatti	Vanderlei Moterani Swerts

FORMANDOS 1977
Paraninfo: Luiz Pedro Abichabki Netto

Ana Lúcia de Assis	Kali Pistelli
Antônio de Paiva Ferreira	Lúcia Maria Bezerra Coimbra
Archimedes Augusto de Aguiar Jr.	Luis Fernando Suedt
Bernardina Moraes	Marcelo Pompeo Messeder
Carlos Alberto dos Santos	Margerí Maria Oliveira Duarte
Carmem Francisca M. de Oliveira	Maria Inez de Oliveira
Carmem Teresa Gomes	Maria Rachel Vitorino
Francine Unes Carim	Maria Salete E Silva
Irzio Campioto	Neide Maria de Castro
Jorge Ernesto	Regina Célia Oleto
José Brandalizzi de Abreu	Regina Célia Vilas Boas
José Eduardo de Oliveira Costa	Regina Maria Moreira
José Leonardo Figueiredo	Rosa Maria Dias
José Walter Pereira de Almeida	Sílvia Amorim de Carvalho
Júlio Bolívar Antunes	Sueli Raimundo
Juvenil Carlos de Paiva	Suzana Maria de Souza
	Tadeu Baise
	Trajano Campos

FORMANDOS 1978
Paraninfo: Wilian Peres Lemos

Antônio Alves Oliveira
Antônio Mazili
Carmem de Brito
Edésio Wagner Aurichio
Elizete Matos Martins
Elza de Oliveira Novais
Expedito Alves de Souza
Fábio Antônio Alegro
Hedi Lamar Brichese
Irineu Siqueira Dias
Ivanildo Gimenes de Oliveira
Jorge Luiz Pranuvi Valota
José Augusto Piovesan Neto
José Bueno Neto
José Ceres Ferroni

Keila Rocha Naves
Luci de Matos Terra
Lúcia Aparecida Baptista
Márcia Helena de Melo Miranda
Marcos Ary Costa
Maria Aparecida Rodrigues
Neila Ivânia Prado
Neuza Maria Zaghi Congio
Oswaldo Jacyntho da Silva
Oswaldo Kalil dos Santos Dias
Otair Cesário da Silva
Robson Fonseca Dias
Roseane Reis
Vicente de Paula Pereira
Vicente Neto Soares

FORMANDOS 1979
Paraninfo: Agenor Ribeiro Netto

Aloísio Santini	Maria do Rosário Costa Silva
Angelina de Figueiredo Murad	Maria Lúcia de Carvalho Reis
Aquiles Augusto Carone	Maria Percília de Jesus
Carmem Lúcia de Souza	Mário Flávio Simão
Conceição Aparecida Leite	Marly Siqueira
Delma Miranda Carneiro	Marta Toti dos Santos
Delma Ribeiro Silva	nara vieira da silva
Denize Kalil dos Santos Dias	Neuza Maria Gonçalves Pereira
Dorival dos Reis	Nildemar Aguinaldo Spinelli Sargaço
Expedito Alves de Souza	Nilson Don Izetti Gonçalves
Felicidade Donizette dos Reis	Nourival Vieira Novaes
Fernando César Martins de Oliveira	Oswaldo Kalil dos Santos Dias
Jairo Jerônimo	Paulo Fernando da Rocha
João Caetano de Miranda	Paulo Rubens de Aguiar
Joaquim Alves Filho	Rita de Cassia Carvalho
Joaquim Alves Sobrinho	Salange Aparecida de Melo
José Benedito Franco de Toledo	Sebastião Hélio dos Santos
Juvenil Carlos de Paiva	Sílvia Pagin
Kajany César Moreira dos Santos	Sílvia Pajim
Luci Aparecida Dias	Stella Maris Alves Figueiredo
Luci de Matos Terra	Valdirene Maria de Paula
Lúcia Maria Cabral	Vera Lúcia de Faria
Luzia de Fátima dos Reis	Vera Lúcia Rossi
Márcia Regina Toti	Vilma Maria Assunção dos Santos
Maria Angelina Franco	Wagner Vieira da Silva
	Waldo Miranda Horta

FORMANDOS 1980
Paraninfo: Luiz Pedro Abichabki Netto

Ana Maria do Carmo Pecci	Luzia de Fatima Lima
Antônio Clemente	Magda Sebastiana Ferreira
Antônio Galvão Moreira	Marcilene dos Santos Pereira
Carlos Alberto de Melo	Márcio Luiz Garcia
Monticelli	Marco Túlio Gomes Prézia
Carmem Lúcia Bressan	Marcos Antônio Saher de Castro
Creusa dos Santos	Maria Angelina Cardoso
Dasy Lúcyde Moreira	Maria Auxiliadora Vilela
Fernando de Fátima Fonseca	Maria Das Dores Alexandre
Gaspar Gomes	Maria Das Dores Silva
Geralda Matildes de Oliveira	Maria Fernanda de Andrade Coelho
Gervásio Lopes Simões	Maria Helena de Carvalho
Guilherme Sousa Morais	Newton Aparecido do Prado
Hélio Ximenes Reis Filho	Newton Santana
Izabel Aparecida Tomaz	Olinto Batista de Rezende Júnior
Joao Benedito de Moraes	Oswaldo José Ferreira
Joel Antônio Tavares	Paulo César de Campos Sousa
José Antônio de Castro	Reinaldo Gonçalves Dos Santos
José Carlos da Ré	Rita de Fátima Barbosa
José Rogério Gabriel	Rui Ernesto
Kátia Freitas Pereira	Saulo Martins Pereira
Leonilda Estanziola	Terezinha da Fátima Neto
Luciana Cardoso	Vera Lúcia Paccini
Luiz Antônio Teixeira	Vlândia Helena de Oliveira
Luiz Carlos da Silva	Zulmira Maria Antunes Albergaria
Luiz Carlos Pessina	

FORMANDOS 1981
Paraninfo: Ivan Antônio de Freitas

Ana Maria	Magna Marisete de Sousa
Ana Maria Betsa	Mara Regina Coutinho Tavares
Ana Maria Meinberg Marinho	Marcella Regina Figueiredo
Angela D'arc Pereira	Marcelus Vinicius Soares
Antônio Oswaldo Rehder	Márcia Helena de Oliveira
Pedroza	Márcio Dias de Souza
Antônio Sena de Freitas	Marco Túlio Gomes Prézia
Aparecida de Cássia Silva	Margarete Zanetti
Carlos Roberto de Carvalho	Margareth Stano
Celso Roberto	Maria Aparecida de Oliveira
Claudete Vieira	Maria Aparecida de Rezende Reis
Danuza Juçara Loyola	Maria Beatriz Policelli
Darci Monteiro	Maria Cristina Vieira
Denize Maria Loyola	Maria Glorete de Oliveira
Elenice Fátima Anderson	Maria Helena Policelli
Edson de Barros	Maria Iliana de Freitas
Edson Santamarina	Maria José Prado
Eliana Almeida Dias	Marilda Dini
Elias José de Carvalho	Niracilza Ferreira Rocha
Elizabeth Aparecida Mustafé	Paulo Messias de Avelar
Gilberto Marques de Souza	Rita Grace Ferreira
Gláucia Regina de Oliveira	Romilda Maia de Abreu
Ivan Carlos Dutra	Romulo Eduardo B. da Silva
Ivanil Cipriano	Rosa Irani Januário
Ivone Carvalho Reis	Rosana Bueno de Paula
José Celestino Ribeiro	Sandra Borin
José Hercio de Souza	Sebastião de Souza
José Jesus Carvalho Passos	Sérgio Marcos Navarra
José Maria Dias	Sérgio Coraucci Pranchevicius
Leny Das Graças de Carvalho	Valtemir Alegro
Luci Coelho de Rezende	Vanor da Silva
Luciano de Almeida Veiga	Vera Lúcia de Lima
Luiz Carlos de Paula	Vilma Afonso Teixeira Godoy
Luiz Carlos Goulart	Vilma de Paiva Badolato
Luster Ramos	

FORMANDOS 1982
Paraninfo: Victor Keiham Rodrigues Matsudo

Álvaro de Azevedo Coutinho	Luiz Fernando Rosa
Ana Margareth de Freitas	Luiz Henrique Molina Machado
Ana Maria Andrade de Paula	Marcelo de Oliveira Batista
Ana Tereza da Silva	Marco Antônio de Melo Martins
Balbina de Fátima Bertozzi	Maria Alves Queiroz
Carlos Alberto Duso	Maria Aparecida de Melo
Carlos Alberto Nogueira Bayão	Maria Aparecida Rezende Reis
Christina Helena de V. Anfe	Maria do Rosário Sarno
Cleide Aparecida Dos Santos	Maria Tereza Calichio Ferreira
Dirlene da Cunha Santos	Marilena Bernardes Bucci
Eliana Lúcia Dipe	Marilena Ronqui Romano
Eliana Maria Zenun	Marlene Cardinal
Elimara Aparecida Gonçalves	Marta de Oliveira
Fabíola Fernandes Pimenta	Nelson Reis Faria Mancini
Geraldo Gésio Borges	Ramon Tadeu Carvalho Bucci
Gisele Cristina de Souza	Regina Helena Vieira de Moraes
Gisleida Mary Paiva	Rita Aparecida Pereira
Ida Maria Marcelino	Ronaldo Rodrigues da Silva
Ivania Peloso	Rosângela Reis
Izabel Cristina de Souza	Samuel Ribiero Júnior
Jorge Luiz Souza Nascimento	Shirley Maria Corrêa
José Felipe Alves	Sílvia Regina Belmonte
Lais Elaine Dionésio	Sônia Suely Dionésio
Lucrecia Borges do Rosário	Vanda Silva
Luis Cássio Forti	

FORMANDOS 1983
Paraninfo: Herbert de Almeida Dutra

Antônio Eustáchio Gonçalves	Marcus Raimundo Nogueira Bayão
Arnaldo Carvalho Borges	Maria Alzira Vilella
Bireno Augusto Paula de Azambuja	Maria Aparecida da Silva
Carlos Donizette Miranda	Maria de Lourdes da Silva
Carmela Maria da Silva	Maria Isabel Faria
Cássia Maria de Souza	Maria Lúcia de Oliveira Silva
Deusdedit Fontes Dos Santos	Maria Lúcia Paulo
Edson Santamarina	Mário de Cunha Bastos
Eliane Merli	Marise Barbosa
Eunice da Silva	Marles Alves Vilela
Fernando José Bernardelli	Marta Fachardo Junqueira
Flávio Cury	Mauro Borges Oliveira
Geraldo Reginaldo de Oliveira	Nelson Alfredo Costa
Gilza de Carvalho Morais	Neuza Maria Amaral
Giovana Santana Vilela	Onilda Maria Oliveira
Graciosa Aparecida Garcia	Regina Elvira Vecchi Vilela
Heleno Pereira Nunes	Rita de Cássia Ribeiro Gonçalves
Idelma Maria Santana	Ronan Figueiredo Felicore
Izabela Lima de Sousa	Rosana de Oliveira Moreira
Jerusa Krauss Reis	Sáulo Carvalho Silva
João Júlio da Silva	Sofia Pereira Fernandes
Leandro Carvalho da Silva	Sueli Das Dores Gonçalves
Lena Maria de Oliveira	Tânia de fátima Magalhães
Liege da Consolação Maia	Tereza Cristina de Pádua
Lijera Jacinta	Valéria Landi Guimarães
Luiz Cláudio de Souza Lima	Vania Cristina Dipe
Luz Marina de Oliveira Costa	Vera Lúcia Cortez
Magda Olívia de Almeida Vieira	Wagner Vinhas
Magno do Amaral Cordeiro	Walmir Vinhas
Márcio Borges de Oliveira	Wander Monterani Swerts
Marco Antônio de Paiva Aga	Zilda Maria Vasconcelos

FORMANDOS 1984
Paraninfo: Manoel José Gomes Tubino

Andréa Prado	Márcio Rosa Guerra
Antônio Carlos Mesquita	Marco Elísio Campos
Carlos Eduardo Campos	Margareth Viana Novais
Carlos Henrique Cruz	Maria Ap. Figueiredo Pereira
Carlos Roberto Basili	Maria Cristiana Martins
Carlos Silva	Maria de Fátima Cordeiro Prézia
César Rezende Paiva	Maria Helena Garcia
Consuelo Maria Heluany	Maria Ivete Panosso Abade
Denize de Souza Prado	Maria Luiza Elias Gonçalves
Denize Vilela Costa	Maria Olívia Calegari
Donizete Tavares Cruz	Maria Rosa Andrade Coelho
Edilene Cristina Dourado	Maria Rosanir da Mota Matos
Eduardo Cenci	Maria Tereza P. Campanelli
Eliane Fioravante Parreira	Marlene Fernandes Lourenço
Esmeralda Alves de Paula	Marli Das Dores Alves
Evandro Oliveira Silva	Mauro Camargo
Ewelson Cabral Vasconcelos	Nelson Reis Faria Mancini
Gaspar Gonçalves Viana	Rita de Cássia Pereira
Gil Vieira Neto	Rita de Cássia Pinto
Inara Marques	Rociery Bonaldi Sordi
Inayá Cabral de Vasconellos	Rosane Mesquita M. Branquinho
Jaime Jiménez	Rosélia de Fátima Beltrão
Jaqueline Aparecida Martins	Sandra Mara Miranda
João Bosco Lemos	Sandra Menezes Dos Passos
Joaquim Martins Coelho	Sérgio Tadeu Chimentão
José Renato Fellipini	Sílvia Cristina Bozeda
Juscelina de Oliveira	Sócrates Carvalho Reis
Kaminsky Mello Cholodovskis	Tereza Cristina de Pádua
Laura Isabel Ferreira	Valcir Carlos Baruffi
Letycia Prado	Vania Cristina Carvalho Avelar
Lúcia da Conceição Alves	Vera Lúcia Cortez
Avelar	Vera Lúcia Sasseron
Lúcia Helena de Carvalho	Vivaldo Ferreira Filho
Luciana de Oliveira Gonçalves	Wagner José Gonçalves
Luciano Emanuel Silva	Wellington Souza Ruela
Luis Carlos Gomes	Zélia Maria Freire
Márcia Ferreira dos Santos	

FORMANDOS 1985
Paraninfos: Weber Araújo e Edison Jesus Manoel

Adriana Garcia Braga	Luciene Menezes dos Passos
Aibi Jorge Torres	Luiz Carlos de Paula
Ana Paula Ramos Cruz	Luiz Francisco Ferraz Grecco
Antônio Felipe Junior	Luiz Paulo de Souza
Antônio José de Oliveira	Luiz Ramos da Cruz
Antônio Paulo Dos Santos	Luster Ramos
Benedita Faneli Diniz	Magali Teixeira Pinto
Carlos Roberto Rodrigues de Lima	Maraiza de Carvalho
Carmem Lúcia de Mello	Marcos Vin Ícius Melo Ribeiro
Clayton Barroso Duarte	Maria Aparecida Peres Silva
Cleber Antônio de Oliveira	Maria Emília Silva
Conrado Guilherme Heyden	Maria Lúcia de Oliveira E Silva
Décio Cláudio M. Fernandes	Maria Vilany Andrade
Dimas Nunes Silveira	Maristela Freitas Horta
Edileuza Cássia Pereira	Maritza Souto Cerávolo
Edson Lobo	Marlene Cardinal
Eliana Alzira Dias de Souza	Nilceia Cristina de Souza
Eliane Gisele Horta Nascimento	Onélio Brito Siqueira
Elizabeth Maria de Carvalho	Patrícia Ribeiro do Vale
Rocha Araújo	Paulo Roberto de Oliveira
Georgina Augusta de Figueiredo	Remaclo Antônio do Couto
Gilson Beraldo Baldassaris	Renata Seila Cândida
Gilvander Lopes Farias	Ricardo Alves
Homero Duarte Junior	Ricardo Maximiliano Gomes
Iray dos Santos	Rosenéia Rezende Rodrigues
Jayme Henrique Antunes	Sávio Ulhoa Moraes
João Batista Rabelo	Semaria Muniz Bernardes
João Ricardo Paoliello Prado	Sérgio Coraucci Pranchevicius
Jorge Alberto de Oliveira	Sérgio Fernando Baizi
Jorge Augusto Lemes	Soraia Saber
José Antônio de Castro Filho	Suzana Magalhães Ribeiro
José Celestino Ribeiro	Tibagi Pagé da Silveira
Juliana Ribeiro	Vera Lúcia Domiciano
Katia Helena de Assis	Vera Lúcia Gurgel
Liliane Margarida Pereira	Viviane Carioca da Silva
Luciano Pereira Assumpção	Zuleika de Souza
	Zulmira Conceição Terra

FORMANDOS 1986

Paraninfos: Wilian Peres Lemos e Mário Martiniano Filho

Adilson Alves Poscidônio	Iremeyre Rojas Vidal
Alair Marciano	João Carlos Prósperi Gabriel
Alex Silveira	Julcinéia Maria Tauil
Alexandre José Banbirra	Lígia Martins Vilhena
Anita Melo Dalcantoni	Luís Antônio Santini
Antônio E. Siqueira	Luiz Fenando de Podestá
Antônio Eduardo Siqueira	Luiz Fernando Lima
Antônio Walter	Marcelo Abichabki
Carmem Lídia Cardoso	Márcia da Fonseca Bruno
Cláudia Fressato	Marcos Martins de Oliveira
Crécio Carlos de Oliveira	Maria Ap. do Nascimento Paulino
Cristina Aparecida Apolidório	Marilisa de Sordi Vigorito
Dalva Maria Veronesi	Mônica Pônciano
Darlene Anunciação Silva	Paulo Tarso Faria
Dávila Charallo	Ricardo José Miranda
Dênis Bueno da Silva	Rita de Cassia Silva
Denise Riboli	Romário Rondineli Nóbrega
Edmar Gomes Lima	Rosa Pereira da Silva
Edméia Oliveira de Carvalho	Rosilene Bertocco
Edson Luis Tavares	Sérgio Acácio Pereira da Cunha
Eduardo Vinhas Pereira	Silvânia Maria Alves de Aguiar
Eliana Chame Martins de Oliveira	Sílvia Maria Anderson Nóbrega
Elza Claret de Faria	Sílvia Zanetti Barbosa
Evelyn Márcia Nasser Dias	Solange Aparecida da Silva
Fábio Emílio Carvalho de Moraes	Sônia Camila Pontal
Fátima Maria Bachião	Sônia Regina Batista Magnoni
Francisca Donizeti Vieira	Soraya Aparecida Dias
Haroldo Vicente Magalhães	Susana Sílvia Bueno
Helton Luíz Ferreira Braga	Vera Lúcia Leone de Souza
	Wagner Cobério Terena

FORMANDOS 1987
Paraninfo: Douglas Bueno da Silva

Aécio Hely de Oliveira	Lécio Aparecido Durante
Amaly Oliveira Silva	Lúcia Helena Musto
Ana Carmem Jorge	Luiz Carlos Caldiron
Aparecida Lúcia Neves	Marcos Antônio Gonçalves
Carlos Henrique Pontara	Marcos César Tavares Coimbra
Carmem Lúcia F. Mesquita	Marcos Edney Cardoso
Celma de Fátima Amoreli	Maria Aparecida Magri
Denise Cristina Tavares	Maria Izabel Dias Romano
Dulceny Lemos R. de Mesquita	Maria Izabel Machado
Edevaldo Igídio Silva	Maria Salete de Oliveira
Elza Helena Teixeira	Maria Sílvia Marquitti
Evaldo Carlos Maia	Marilda Aparecida Corrêa
Ewantuir Rabelo Meloto	Neylo Pereira de Carvalho
Fernando José de Souza	Nildo Roberto Alves
Flávio Domingues Alves	Rita de Cássia Melo Carvalho
Gilberto Donizete Oliveira	Ronan Donizeti de Souza
Haroldo Campos Valadares	Rose Mary Ribeiro
Hedilene Pineli	Rosemeire Dos Santos Souza
Helena Bernadete de Lima	Sandra Aparecida Marques
Dantas	Sílvia Helena Magalhães de Melo
Helvécio Cambraia do	Sílvia Maria Maimoni
Nascimento	Simone Souza Pires
Irene Trindade da Costa	Soraya Maria Tomaz
José Luiz Negrão	Valéria Ribeiro do Prado
Katia Peres Arantes	William Jorge de Souza
Keila Junqueira Mesquita	

FORMANDOS 1988
Paraninfo: Wilian Peres Lemos

Adelmo Luiz Franco de Carvalho	Liliane Peloso
Agnaldo Pedro Soares	Luiz Antônio Brancher
Alaide da Penha Martins	Luiz Francisco Rodrigues
Alexandre Peres Valverde	Marcos Navarro Miliozzi
Ana Maria de Figueiredo	Margareth Guimarães Lima
Carlos Roberto Lopes	Maria Auxiliadora Dos Santos
Carmem Lúcia Silva	Maria Francisca da Silva
Cid Ricardo Marques Ribeiro	Maria Gislaine Alves Ferreira
Claire de Oliveira Bueno	Maria Gorete Vieira
Consuelo Gonçalves	Maria Luiza da Silva
Denilson Sepini Gonçalves	Maria Márcia de Carvalho
Denise Reis Navarro	Maria Tereza Xavier Martins
Dolores Mendes Ferreira	Mário Esteves
Eliane Rigotti Cassemiro	Maristela Rocha Dos Reis
Elton Carneiro Pinto	Marlene Vilela Lemos Oliveira
Elza Maria Tejada de Podestá	Marlene Vilela Lemos Oliveira
Erivan Cariri Moura	Marta Maria de Souza
Eugênio Pacelli Dos Reis Goyatá	Neuza Maria Ranzani
Fernando Ap. O. do Nascimento	Nilza Pereira do Lago
Gustavo Antônio da Silveira	Pricila Benedita Campos
Hércules Carvalho de Lima	Renato Contin
Ivete Regina Trevisan da Silva	Rosely Cássia Martins
José Eduardo Cassaro	Rosmeide Aparecida de Alvarenga
Júlio César Sales	Valdir Gomes Ferreira
Líliam Menezes Dos Passos	Vanderley Pereira
	Zélia Cristina Batista

FORMANDOS 1989
Paraninfo: Douglas Bueno da Silva

Alexandre Flausino da Silva	João Benedito Ribeiro
Alfredo Galdino Silva	José Murilo Ribeiro
Agnaldo Grillo Paschoali	José Paulo de Aguiar
Aguiar Júnior da Silva	José Ricardo Rodrigues Lopes
Andréa Guimarães Franco	Karla Maria Valques Dos Santos
Aparecida Martins	Luiz Fernando Paolielo do Prado
Ary Gomes Filho	Lourival Rozental de Oliveira
Autran José da Silva	Márcia Regina Silva
Carla Siqueira Vilela	Maria Beatriz Fiorin Bassi
Carlos Henrique Ramos	Maria de Fátima Moreira
Célia Regina Costa Dos Anjos	Maria Emília Gomes
Cláudia Jesus da Silva	Mônica Tiezzi
Darcy Bernardes Filho	Pedro Mendes de Lima
Délcio Bueno da Silva	Perina Cleusa Loiola Franco
Denise Guedes da Silva	Rogério Luis Karpinski
Edna Mara da Silva	Ronaldo Rommel Antinori
Élida Glaucia Tardelli	Rosemeire de Lima
Elizabeth de Souza	Sandra Maria Braga
Elton Prado Leite	Sebastião José Paulino
Evaldo Hollanda de Carvalho	Sérgio Pistelli Júnior
Fernanda Aparecida Silva Jardim	Sérgio Ricardo Frizarini
Gilberto Palásio Bráz	Sueli Aparecida Anderson
Gilma de Fátima Ferreira	Sueni Porto Prado
Ione Vinhas	Tânia Cristina Poscidônio
Ivanete Aparecida Rabelo	Valquíria Coelho
Jane Renata Congio Reis	Vanessa Maria de Ávila
João Batista de Oliveira	Vera Maria da Silva

FORMANDOS 1990
Paraninfo: Luiz Pedro Abichabki Netto

Adeí Temóteo de Faria	Lucirene Aparecida Silva
Alexandre Finasi Milan	Luiz Alberto Mattoso Pinheiro
Alexandre Zanetti	Luiz Fernando Dos Santos
Aline Mendes Carvalho	Luiz Henrique de Souza
Ana Cristina Mendes de Carvalho	Mara Cristina Cruz
Aparecida de Brito Fonfim	Marcela Nogueira Chagas
Belsazar Mosti	Marcelo Barbosa
Carla de lorenzo Nardi	Márcia Valéria Jareta
Carlos César Martins	Márcio Aurélio Messias Franco
Carmem Luzia Freire	Marco Antônio Cortezi
Cynthia Gomes Fogaça	Marcos Paulo Pereira
Daniela Gomes Martins	Maria Aparecida da Silva
Danilo Bueno da Silva	Maria Aparecida Esteves
Donizeti Ap. Leite de Camargo	Maria Cristina Ribeiro Paulino
Edna Bianchini	Maria das Graças V. Pereira
Edna Guimarães E Silva	Marianice Magalhães Azeredo
Edson Azarias Dos Santos	Mary Lucy de lorenzo Nardi
Fábio José Brandi	Nilda Aparecida Terloni
Gilberto Palásio Bráz	Núbia Cardoso Evangelista
Gilmar da Silva Braga	Patrícia Brianese
Gisélia Carmo de Carvalho	Paulo Gabriel Junqueira Júnior
Haroldo Paes Gessoni	Paulo Henrique Caldiron
Helder Francis Araújo Lima	Paulo Renor Rosa Júnior
Henrique Gonçalves	Renata Casseb Orsi
Irene de Vasconcelos	Ricardo Herrera Felipe
Jane Mara Bernardes	Roberto Coelho Caiado
Janete Aparecida do Prado	Rodolfo Herrera Felipe
João Batista Borges	Ronaldo Alves de Oliveira
João Batista Souza Léo	Rosana Giseli de Gois
João Carlos Faioli da Silva	Rosemeire Aparecida Carvalho
José Carlos da Costa	Silvana Carmem de Oliveira
José Raimundo Leite	Sílvio César Dos Santos Souza
José Roberto de Jesus	Valdélia Feliz de de us
Josué Lopes	Waldeliz Neves Gonçalves
Júlio César Amoreli	Wander Luiz de Almeida
Kátia Vicente Buzogany	Wilson Roberto Rocha
Laura Sueli Rodrigues	Wislene Beatriz Valente
Lincoln Felisali	Wladimir Luz Andrade

FORMANDOS 1991
Paraninfo: Marcos Navarro Miliozzi

Airton Luiz Trevisan	Lécia Lasmar Portugal
Alba Valéria Ramos Alves	Luciana Benjamin
Aloysio Antônio Viana Lisboa	Luciana Lopes Gallego
Ana Cristina Vieira	Luis Cláudio Paolinetti Bossi
Andréa Arantes Cespedes	Luis Henrique Paína
Anita Anchcar	Marcelo Eduardo Congio
Antonia Márcia de Brito	Márcia Aparecida Vigato
Antonia Maria de Brito	Márcia Regina Lourenço
Antônio de Oliveira Silva Filho	Marcos Ferreira de Carvalho
Antônio Luiz Palma Acconcia	Maria Irene de Rezende
Antônio Mauro Gonçalves	Mariléia Gianini
Augusto Daniel Costa Neto	Mário Roque Marino Júnior
Carlos Donizete Pereira	Marli Silva
Cláudia Meirelles de Oliveira	Marta Regina Ranzani
Daniel de Jesus Werneck	Paulo Eduardo B. de Carvalho
Edson Domingos Costa	Roberto Tausanskas Bittencourt
Eloisa Maria da Silva	Romeu de Carvalho Simas Neto
Eluse Margarida do Lago	Rosa Maria da Silva
Esia Aparecida Gabriel	Rosana Ferreira Simões
Fátima Maria Tobias	Sandra Maria Nassar
Firmino José Almeida Filho	Sarah Olívia de Campos Ribeiro
Geraldo Dutra Chaves	Selma Maria Freire Cerri
Gilson Luciano de Araújo	Sérgio Donizete Marques
Heliana Faria Valério	Sergio Henrique Camacho
Hélio Fernandes Dos Reis	Sílvia Aparecida de Oliveira
Ione Maria Lelis	Sílvia Idalina Corrêa
Isabel de Fátima Ribeiro	Valdirene Aparecida Musto
Izabel Cristina Martins	Valéria Pereira Vilella
Januária Andrea de Souza	Valquíria Helena Magarotto
João Batista do Amaral	Veraldo José Varsone
João Fábio de Oliveira	Walter Antunes de Siqueira
João Fernando O. Cantarelli	Wandeir Prudenciano
Júnior	Wilson Roberto de Souza
Jose Carlos Cabral	

FORMANDOS 1992
Paraninfo: Marcos Navarro Miliozzi

Adriano Leite Ribeiro	Luiz Antônio Cantarino
Andréa Loy Fernandes	Márcio Henrique Germano
Aparecido Ferreira Cândido	Marco Vinícius Elias Izac
Carlos Augusto Martins Oliveira	Marcos Alexandre da Silva
Carlos Henrique Rodrigues	Marcos Antônio Carlin
Carlos Roberto Silvério	Mariléia Moreira
Cláudia Eliana Dobies	Marilú Silveira
Cristina Helena da Costa	Marisa Umbelina da Silva
Daniela Silveira Junqueira	Maristela Martimbianco
Danilo Rodrigues Alves Júnior	Marly de Cássia C. Acconcia
Eliana Ribeiro Nogués	Miriam Bueno Guimarães
Eliane Magnoni da Silva	Raimundo Florentino Alves
Érica Carrara Hermann	Raquel Franco
Flávio de Paula Campos	Reginaldo Biondo
Giseli Leone Barros	Renato Tadeu Trovato Ortega
Gislene Duarte Alves	Sérgio Pasqua
Iran Luis Teixeira Fernandes	Silvana Batista
João Batista de Freitas	Simone Maria Rocha Silva
Jorge Luiz Abichabki Neto	Solange Santos Moraes
José Antônio Carvalho de Souza	Tertuliano Pio Filho
Lília Jací Pasqua	
Lory Ferreira Loiola	

FORMANDOS 1993
Paraninfo: Osmar de Oliveira

Adauto Braganholi	Kleber Júnior de Campos
Adriana Mendes de Paiva	Leandro Montanha
Alexandre de Aguiar	Leonardo Buzato
Alexandre Grotto Campagnoli	Lidiana Pedrosa
Ana Cláudia Mazeo	Lidiane Pontes Pinto
Ana Paula Zamai	Luciana Estevan Pereira
Angela Aparecida Bassan	Lucília de Souza Rotha
Angela Maria Marcelino	Luiz Fernando Valdecioli
Antônio Carlos N. Ribeiro	Luiz Henrique Baroni
Benito Romano Fantoni Júnior	Márcio Aurélio de Carvalho
Carla Antinori	Márcio Fortini Toquini
Carlos Alberto Siquelli	Márcio Pioli
César Rodrigues Alonso	Marco Antônio da Costa
Claudia Aparecida Silva	Marcos Alexandre Costa Buléd
Daniela Borges Tavares	Marcos Antônio Arruda
Edivaldo da Silva Luz	Marcos Aparecido Alves
Edson Aparecido Griloni	Marcos Vinícius Q. Apolinário
Elaine Cristina da Rocha Martins	Maria Alice Lopes Cunha
Evaldo Armando Antonialli	Maria Teresa Belo Zambeli
Geralda de Fátima Machado	Maria Teresa Tauil
Helena Maria Pena	Patrícia Dos Santos Costa
Ieda Mayumi Kawashita	Paulo César Gomes
Janete Ronqui Romano	Reginaldo Ferreira
Jeferson Bossi	Rosa Maria de Carvalho
Joanira Aparecida Ferreira	Sérgio Adeniro Filipini
João Henrique de P. Consentino	Sérgio Eduardo Nassar
José Antônio Camargo Júnior	Sérgio Ricardo Zanoni Vilela
José Antônio Forlani	Sidnei Carlos de Parolis
José Luís Dos Santos	Sílvia Marina Ferreira
José Ricardo Toledo Espagolla	Sílvia Romilda do Prado
Josmar Caproni	Simão Pedro Alves Rego
Karen de Almeida Zenun	Wesley Augusto Costa
Karina Assi de Carvalho	

FORMANDOS 1994
Paraninfo: Luiz Pedro Abichabki Netto

Ademir José Batista	Kelly Cristina Bortolussi
Adilson César Machado	Lúcia Funchal de Andrade
Adriana Areias Toso	Luciana de Figueiredo
Adriana de Pauli	Luciana Ferreira Costa
Adriana Fogarin	Luciana Mansano
Agnaldo Rosa de Jesus	Lucimar Cristina da Silva
Alessandra Muniz	Luis Fernando Gimenes
Aloy Santini Ferreira	Magda Maria Campos Fernandes
Ana Paula de Souza Moreira	Marcelo Galante Lopes
Andréa de Fátima Martins	Marcos Antônio da Silveira
Andréa Gomes Avelar de Oliveira	Maria Cláudia da Silva
Andréa Mara de Lima	Maria Dos Reis Lemos
Andréa Sílvia Rodrigues	Mário Frederico da Silva
Ângela Cristina Ribeiro	Marizaura de Fátima Pinto
Aparecido Risso	Marlon Calegari da Silva
Carlos Alberto Bastos	Marluce Moura Santos
Carlos Eduardo Pieruzzi Placidi	Marlúcia Luzia Avelino
Carmem Fátima de Souza Podestá	Miriam Laraia Martines
Claudiane Maria Bilato	Nelson Osmar Gonçalves Galvão
Cleidimara Fornari	Patrícia Franco
Clóvis Eduardo Magri	Patrícia Oliveira Luciano
Denivalda Natália Dos Santos	Paulo Roberto de Melo
Edinéia Prudêncio	Paulo Sérgio Dobies
Elaine Terezinha Piva	Pedro Sérgio de Ifante
Eloy Sartini Ferreira	Renata Baungarte
Emerson Luis de Souza	Rodrigo de Oliveira
Euza Maria de Paiva	Rogério Magalhães
Fábio Luiz Roque	Roseli Domingues
Glenn David Meindl Von Berger	Rosilana Imaculada Merlin
Isabel Cristina Busso	Sandra Regina Porfírio
Janaina Fogliarini Bueno da Silva	Sérgio Adeniro Felipini
Jociangely do Carmo Barcelos	Silmara de Oliveira
Joelma Aparecida Viana	Silvana de Fátima Valin
Josane Faria Gonçalves	Soraya Maria M. Santos Moraes
José Afonso Graziani Neto	Suelene Sônia de Jesus
José Ricardo Lourenço	Vanda Aparecida Batistão
Joseany Assis Braga	Vânia de Cássia Alves
Júlio César Gomes	Wagner Sartini Ferreira
Karine Soares Almeida	
Kátia Pieruzzi Placidi	

FORMANDOS 1995
Não houve formatura (mudança curricular)

FORMANDOS 1996**Paraninfo: Oswaldo Jacyntho da Silva e Autran José da Silva Júnior**

Adaísa de Cássia Leal	Joselene Cristina Baldassim
Adriana Marta Marcelino	Júlio César de Freitas
Adrianna Baquião de Melo	Lucas Corrêa Reis
D'olivo	Luciana Veronezi Cândido
Airton Antônio Ferfaglia	Lucymara Fadini Diniz
Ana Cristina da Silva	Luís Antônio Brito Galbes
André Luís Marqui	Marcelo Travaglia
Andrea Schutte Sampaio	Marcia Maria Orfei
Antônio Marcos Oliveira	Marco Antônio de Oliveira Costa
Mendes	Marco Antônio de Oliveira Vilela
Cristiane Garcia	Marcus Roberto Brandão
Cristina Franco Martins Posso	Maria da Glória Lourenço
Daniela Bragança Ferreira	Mônica Flausino Gusman
Deliana Nélia Braghini	Nelcimar Sales de Lima
Edna Alves do Couto	Paula Gonçalves Silva
Edson Adriano da Silva	Regina Célia Duarte
Elaine Cristina Oliveira Campos	Ricardo Cantalício
Eliana Cristina Sales	Ricardo de Paula Carvalho
Elifas Sant'anna	Robério Silva de Paiva
Eloísa Pereira	Roseli Ferreira Pinto
Fábia Aparecida Ferreira	Rosilene de Oliveira
Fabiano Guedes Vieira	Sérgio Melchiori
Faustina Gaspar	Sérgio Rodrigo Forti
Fernanda Cristina Missura	Simone Porreca Macedo
Fernanda da Cássia Dias R.	Simoni Cristina Majeau Bruschi
Paulo	Solimário Lopes de Oliveira
Flávia Castilho	Vaine Cristina Conceição
Flávia Flamínio Nálío	Valdirene Prazeres de Souza
Friederich Ewald A. Pfaffenbach	Valquíria de Souza
Gideon Foresti Bottrel Júnior	Virgílio Adonai Corrêa Pereira
Irani Maria Lino	Wallace Reggio Filho
Jacqueline Marcovig Dias	Wilson José de Oliveira

FORMANDOS 1997

Paraninfo: Marcos Navarro Miliozzi e Márcio Moterani Swerts

Adnan Laurindo Gomes	Lara Santos
Adriana Ferné Germinari	Lídia Gomes
Aguinaldo Luiz da Silva	Lúcia Aragão Nunes
Alexandre Ap. P. Silva	Luciana Martins Goulart
Alexandre Luvisaro	Luís C. C.d Palhavam Júnior
Ana Claudia Resende Prini	Márcio Sandoval Buzato
Ana Lúcia Masini	Marcos Couto de Oliveira
André Luiz	Maria Angela Corsi
Andréa Buratin	Maria da Glória Lourenço
Andréia Paulista de Oliveira	Mariane Palma de Souza
Antônio Donizeti Santana	Mateus Contini Peres
Beatriz Vieira	Mauro Lúcio Guimarães
Bernadete Rabelo de Souza	Mayra de Almeida Franco
Bruno Vitti Neto	Micheli Campanhari
Carlos Alberto Saboia	Paula I. Antunes Abreu
Carlos André Casalli	Paulo Cesar Miguel Viocente
Carlos Henrique Cardoso	Paulo Cesar Moreira
Caroline Chaim	Paulo de Souza E Souza
Cláudia Regina Teixeira	Queila de Cassia Vilela
Cristiane Oliveira	Regiane da Silva
Daniel David	Regina Célia C. Pedroso
Daniela Cristina Sandi	Renata Aparecida Lemes
Daniela Lopes Guerra	Renata Augusta Cardoso
Dante Maciel Bento	Renata Helena Campos
Dayse Cristina Zangiogomi	Ricardo de Paula Luna
Denis Wilian Abdala	Rogério Brancato Tranjan
Ebson Hilário	Rosangela Pisteli Monteiro
Edson Ferreira	Rosinaldo Santos Souza
Eliane Cesário	Silvia Reanta Congio
Fabiana Freitas Cassemiro	Silvonei Braga
Giane de Moraes	Simone Cristina Trevisan
Ivanildo Geron	Tatiana Oliveira de Castro
Joaquim M. de Godoy Júnior	Viviane Silveira
Juliana Reis Azevedo	Wagner Zeferino
Júlio Cesar da Silva	Wilson da Silva

FORMANDOS 1998
Paraninfo: Fernando José Bernadelli

Adriana Aparecida de Lima	José Luiz de Azevedo Júnior
Adriano Luís Augusto	Juliana Kely da Silva
Alessandra Magalhães T. Mello	Júlio Sérgio Guilherme
Alexandre Alves David	Karina de Oliveira
Alexandre Augusto Silva Costa	Lourdes Regina de Souza Miguel
Alexandre Francisco de Oliveira	Luciana de Oliveira E Silva
André Luís Madruga	Luciani da Silva
Belchior Eugenio de Oliveira	Luciano Freitas Reis Rocha
Berenice de Fátima Nassor	Luiz Fernando da Cruz
Bertolino Antônio Dias Neto	Marcelo Cruz
Carmen Cecília Seco	Marcelo Siqueira
Celso Costa Júnior	Marcos Alves Libânio
Christiani Guimarães Pereira	Maria Tereza Rodrigues Andrade
Cristiane Maria Bilatto	Maurício Luiz Cola
Denilson Doné	Maurício Ribeiro
Derliane Aparecida Vieira	Melchior Campos Dullius
Derlinéia Aparecida Vieira	Nailene Gonçalves
Devauci de Oliveira	Neide Maria Negrão
Dione Lanes Negrão	Olímpio Roberto Vieira da Silva
Ejandoy Rodoskievick de Souza	Patrícia Saran de Camargo
Elaine Aparecida Dos Santos	Paulo César Paiva
Elaine Cristina Vieira da Silva	Paulo Ricardo Horle
Elaine Íria Costa	Rejane Cristina Koyama
Elifas Levi Santana	Ricardo Dias Ribeiro
Emerson Nelson Macena	Rodrigo Gonçalves de Oliveira
Emerson Pereira Gouveia	Rogério Alberto da Silva
Emilquer Moramay de Souza	Romevaldo Dinei Alves
Fabiana Porréca Macedo	Sandra Helena Esperança
Fábio de Souza Pires	Selma Maria de Oliveira
Fabiola Karla Siqueira Garrone	Sérgio Nascimento da Silva
Fernanda Aparecida Bernardi	Shirlei Aparecida Ferreira
Flavia Braz de Oliveira	Silvio Antônio de Souza
Francisca Merice B. de Barros	Sônia Maria Palugan Alves
Fúlvia Maria de Souza	Viviana Aparecida Teodoro
Gilberto Faloni de Oliveira	Viviane Feliciano
Hugo Miyakawa	Wagner Sidney Silva
João Henrique M. Braganholi	Walkíria Villas Boas Ramos
João Marinho Gomes	

ANEXO IV

ALUNOS DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO "LATO SENSU"

I Curso de Pós-graduação "lato sensu" - Especialização em Ciência do Movimento

Angelo Bataglioni Neto
Antonio Nilo de Macedo
Carlos José de Pádua
Célio Sergio Cabral
Cirlene Ap. Vieira Alegretti
Dirce A. Vieira Alegretti
Edilze Simões Mendes
Georgina Martins
Heloisa Helena Dipe
Heloisa Helena Romano
Ivan Antonio de Freitas
João Sebastião da Silva
Lia Mara Zaghi Lemos
Lucia Mara Mazzilli
Luciula de Paiva Santos
Luiz Francisco Franciosi
Luiz Pedro Abichabki Neto
Mara Janice M. Montanari
Marcus Prates de Miranda
Maria Helena Carli

Maria Luiza Manso Ielo
Maria Raquel Vitorino
Maria da Penha Ruela
Mario Martiniano Filho
Neuza Maria Zaghi Congio
Nilza Martins Monteiro
Osmar Aparecido Mendes
Oswaldo Jacyntho da Silva
Paulo Henrique Pereira
Rita Maria Semensato Ribeiro
Roosevelt dos Reis Carvalho Dias
Sergio Morel Vitorino
Silvia Amorim de Carvalho
Tânia Mara Montanari Dias
Valdir Balaben
Vanderlei Monterani Swertss
Vera Lúcia Melo Martins
Weber Araújo
Wilian Peres Lemos

II Curso de Pós-graduação "lato sensu" - Especialização em Ciência do Movimento

Amaury Bonzan Ribeiro	Maria C. Vieira dos Santos
Ana Maria Betsa	Maria Daomar Santos
Antonio M. Princesa Marcondes	Maria F. de Andrade Coelho
Carmem de Brito	Maria Helena Dipe
Edna Sueli Tiussu	Maria H. de Carvalho
Edson Alfredo Barbeta	Marilda Capitânio
Elisa M. Marzullo Ribeiro	Marisa Barros Dias
Enio Alves Capucho	Neli Orito de Carvalho
José Benedito F. Toledo	Otavio Mobiglia
José Rocha de Carvalho	Paulo C. de Campos Souza
Julio Jorge	Paulo V. Cunha Alexandre
Kleber Gonçalves Leão	Rômulo E. Bernardes da Silva
Leonilda Stanziolla	Rosa I. Januário
Lilian S. Bueno de Almeida	Rui M. Alves Pereira
Luci Coelho de Resende	Suzana Maria de Souza
Luiz Carlos Goulart	Tadeu Baise
Lydia R. de Carvalho Kallas	Vera Lúcia de Faria
Magna Marisete	Vera Lúcia Rossi
Marcilene dos Santos Pereira	Vladia H. de O. Sarapião
Maria A. Teixeira da Silva	Zulmira M. A. Albergaria

III Curso de Pós-graduação "lato sensu" - Especialização Atividades Motoras em Academias e Educação Física Escolar

Aldo Martinez Ladislau	Jorge Ananias Renno
Amaury Bolzan Riberio	Jorge Augusto Lemos
Ana Cecília S. B. Sperancini	Jorge Luiz de Melo
Ana H. Renno Guimarães	José Alfredo dos Santos
Ana Maria B. Costa	José Dimas M. Rezende
Ana Paula Ramos da Cruz	José Maria Dias
Ana Regina de Carvalho Castro	Juvenil Carlos de Paiva
Celina Caracho	Lauri Richineli
Claiton Nunes Tomazoli	Lena Maria de Oliveira
Conrado Guilherme Heyden	Liliane margarida Pereira
Décio C. Mendonça Fernandes	Luiz C. de Souza Lima
Décio Soares Saretti	Magda de Resende Coelho
Denise Vilela Costa	Marcelha Regina Figueiredo Matos
Djalma dos Reis Rissoli	Marcelo de Oliveira Batista
Elaine A. de Oliveira	Márcia Regina Toti Costa
Eliana Lúcia Dipe	Márcia Victor Leite Albuquerque
Emilia Maria de Rezende	Margareth Vianna Novaes
Frederico W. Kraff Filho	Maria Emilia Silva
Georgina A. de Figueiredo	Maria Rosa de Andrade Coelho
Geralda Matildes de Olivera	Maria P. Carvalho de Souza
Geraldo Augusto Alves	Maria de Olivera Santos
Giselda M. Rabelo de Carvalho	Maria de Oliveira Calegari
Hilda Rechineli	Marise Barbosa
Inara Marques	Marli das Dores Alves
Iray dos Santos	Neia de Azevedo Coelho
Ismênia Carvalho de Souza	Onélio de Brito Siqueira
Jaime M. Bertolino	Onilde de Azevedo Coelho
Jorge Alberto de Oliveira	

IV Curso de Pós-graduação "lato sensu" - Especialização em Treinamento Esportivo

Alexandre Flausino	Lourenço Ribeiro Filho
Aline Mendes Pereira	Lúcia da C. A. Avelar
Ana Cristina M. de Carvalho	Luiz Carlos Caldiron
Aparecida Martins	Luiz Fernando dos Santos
Célia M. de Souza	Luiz Henrique de Souza
Cristiano Meiga Belem	Magno do Amaral Cordeiro
Daniela Gomes Martins	Marcelo T. C. Borelli
Danilo Alves Lemos de Oliveira	Márcia de Souza Vianna
Denis Bueno da Silva	Márcio A. Messiass Frano
Edna Guimarães Silva	Márcio Dias de Souza
Eliana Lúcia Dipe	Marcos Baldi
Elton Prado Leite	Marcos Navarro Miliozzi
Evaldo Hollanda de Carvalho	Marcos Paulo Pereira
Evandro Oliveira Silva	Margareth Guimarães Lima
Fernando A. O. Nascimento	Maria Luzia da Silva
Fernando José Bernadelli	Oswaldo Jacyntho da Silva
Gergina A. Figueiredo	Paulo Henrique Azevedo
Gilma de Fátima Ferreira	Rosana Giseli de Góis
Gilmar da Silva Braga	Silvana Carmem de Oliveira
Henrique Gonçalves	Soraya A. Dias Chollodovisk
Janete Aparecida do Prado	Vera Lúcia Gurgel
José Carlos da Costa	Vera Lúcia Rossi
José Manoel Rodrigues	Wander Luiz Almeida
José Raimundo Leite	Wladimir Luiz Andrade
José Lopes	Zuleika de Souza
Kaminski M. Chollodoviski	

V Curso de Pós-graduação "lato sensu" - Especialização em Educação Motora na Escola

Alexandre José Bambirra
Alexandre Zanetti
Altamiro Donizete de Lima
Ana Claudia Porfirio Couto
Antonio Eduardo Siqueira
Antonio Felipe Júnior
Antonio Mauro Gonçalves
Antonio de Oliveira Silva Filho
Aparecida Lúcia Neves
Aparecida Martins
Arlete Maria Padilha
Daniela Silveira Junqueira
Danilo Bueno da Silva
Dedima Carvalho Pereira
Dulceny Lemos R. Mesquita
Eliana Lúcia Dipe
Gilson da Silva Gomes
Henrique Carvalhaes Teixeira
Inês Aparecida Feijó
Ione Maria Lelis
Januária Andréa de Souza
João Batista do Amaral
João Fernando O. Cantereli Jr.
Kaminsky Melo Cholodoviskis
Lairton Marques Spagna
Luciana Benjamin Miliozzi
Lucimara Pineli Boneli
Manoel José Botelho
Marilde Figueiredo Muniz
Márcia A. Barbosa
Márcia dos Anjos Fernandes Lopes
Márcio Alves de Oliveira
Marcos Navarro Miliozzi
Maria A. G. de Melo Pereira
Maria J. C. de Souza
Marisa Umbelina da Silva
Marta Maria Silva Reis
Maurício de Azevedo Couto
Maurilio Pasqua
Paula Sampaio Rodrigues
Ricardo Herrera Felipe
Ronaldo Lima da Costa
Sandra M. Gomes de Azevedo
Sandro Chame Dino
Selma M. Freire Cerri
Sônia R. Batista Magnoni
Soraya A. Dias Cholodoviskis
Valdir Balaben
Valdir Delgado Assad
Vânia Cristina Dipe
Vera Lúcia de Faria
Veraldo José Varsoni
Vitor Hugo do Nascimento
Wagner Cobério Terena
Zuleika de Souza Silveira

VI Curso de Pós-graduação "lato sensu" - Especialização em Condicionamento Físico na Academia

Adauto Braganholi
Antonia Marcia de Brito
Arthur Paiva Neto
Daniela Siqueira Junqueira
Débora Pereira da Silva
Domingos de Almeida
Edson Azarias dos Santos
Eluze Margarida do Lago
Érica Carrara Hermann
Evaldo Hollanda de Carvalho
Fernando Ap. O. Nascimento
Geraldo Augusto Alves
Guilherme Azambuja Pussieldi
Ione Maria Lelis
João benedito Ribeiro
José Abdon Braga

José Antonio de Carvalho de Souza
Leonardo Buzato
Lidiane Pontes Pinto
Lincoln Felisali
Luiz Antonio Cantarino
Luiz Claudio P. Bossi
Mara Regina Kiefer
Marcelo Nogueira Chagas
Maria A. Viana da Silva
Nilza M. do Vale Pires Martinovic
Patrícia dos Santos Costa
Paulo Sergio Bitercourt de Andrade
Reinaldo Silva Contijo
Robson Pinto Sanches
Rosana M. Alkimim Rabello
Sarah O. de C. P. Ribeiro.

VII Curso de Pós-graduação "lato sensu" - Especialização em Educação Motora na Escola

Adilson Cesar Machado
Angela Cristina Ribeiro
Alessandra A. Penoni Miliorelli
Claudiane Maria Bilatto
Clóvis Eduardo Magri
Eliana Almeida D. Poscidônio
Eliana Mara G. Ghirello
Emerson Nonato Silva
Izabel Cristina Martins

Lucimar Cristina da Silva
Marcelo Nogueira Chagas
Maria Gorete Vieira
Maria do Carmo N. Vasconcelos
Marizaura de Fátima Pinto
Paulo Henrique Sampaio
Raquel Franco
Rosa Maria da Silva
Tânia Cristina Poscidônio

VIII Curso de Pós-graduação "lato sensu" - Especialização em Especialização em Atividades Motoras em Academias

Curso de Muzambinho

Alba Valéria Ramos Alves
 Andréa Shutti Sampaio
 Ângela Maria Camaro
 Angélica de Figueiredo Resende
 Carlos Eduardo Campos
 Cláudia Aparecida Silva
 Fabiano Guedes Vieira
 Fátima Maria Tobias
 Fernanda Cristina Missura
 Fernando Ap. O. Nascimento
 Flávia Regina N. Gonçalves
 Friederichi Ewald Pfapfenback
 Irani Maria Lino
 Ivete Regina Trevisan da Silva
 Jociangely do Carmo Barcelos
 José Carlos Cabral
 Juniara Bombonati Cheli

Lúcia Funchal de Andrade
 Lúcio Ricardo Tavares Pereira
 Márcia Maria Orfei
 Marco Antônio de Oliveira Vilela
 Maria Gorete Vieira
 Mariléa Barbosa Ribeiro
 Marisa Umbelina da Silva
 Nelcimar Sales de Lima
 Neylo Pereira de Carvalho
 Patrícia de Araújo L. Fujyama
 Patrícia Franco
 Ronaldo Rommel Antinori
 Sarah Olívia de Campos
 Sérgio Antônio Hortege
 Sérgio Henrique Bráz
 Vanda Aparecida Batistão
 Edson Adriano da Silva

Curso de Juiz de Fora

Turma A

Adriana Mota Ronzani
 Andreia Marília de S. Toledo
 Ângela Maria de L. Caixeiro
 Carlos Coelho Ribeiro Filho
 Carmem Lúcia C. Mazzini
 Cláudia dos Santos Gomes
 Cristiane Marangon Manera
 Débora Nascimento Lessa
 Denise de Souza Destro
 Dimitius de Freitas Vargas
 Eduardo Bonsanto Barbosa
 Erika Silva de Almeida
 Gabriela Garcia Lopes
 Gina Souzalima R. R. Pereira

Gisele Bastos Banhato Corrêa
 Geiza Marques da Silva
 Gláucia Sartori Ayuppe
 Guilherme Frederico Ribeiro
 Hércio M. D. Botelho
 Helder Barra de Moura
 Jackson Mello Boin
 Joaquim Ramalho dos Santos
 Joelma Pereira de Souza
 Juliana Alves de Moraes
 Juraciara de Araújo Ferreira
 Karina Pereira Gomes
 Leticia Marai Ponciano Lopes
 Liliane Carapinha

Luciana de Rezende Cunha
 Luciene Cristina M. de Castro
 Márcio Luís de Lácio
 Marco Túlio Baptista
 Marcus Vinicius Simões Dias
 Maria Aparecida Santos Torrent
 Míriam de Paula
 Mirian Pinto Sellani
 Nathália Neves Cosendey
 Olívia Helena Costa da Rocha

Osni Marques Nunes
 Paulo Roberto de Almeida
 Ricardo David Ibiapina
 Rodrigo Felicioni Alves
 Rogério Cabral de Almeida
 Rogério Sampaio de Souza
 Rosângela Bonoto Teixeira
 Valéria de Oliveira Menezes
 Vivian Maria de Paula Lima

Turma B

Adriana Dias Bicalho
 Alessandra Alonso Moraes
 Ana Carla Leite
 Ribeiro Vieira
 Beatriz Soares Pinto
 Cláudia A. dos Reis Lisbôa
 Cláudia Gonçalves C. Cordeiro
 Cláudio Zuchi Ozório
 Denise Maria Gattás Hallak
 Rabelo Ricardo
 Pereira do Valle
 Femanda de Oliveira
 Flávio Garcia de Oliveira
 Gilbert Nascimento dos Santos
 Glicéria de Oliveira Miranda
 Helenice Pinheiro Guimarães
 Hemaní Martins Bueno de Paiva
 Joseane Terezinha Padoan
 Jordam de Moura Pacheco
 José Fonseca de Freitas Júnior
 José Geraldo de Freitas Cruz
 José Roberto de Sales
 Josiane Santos Brant

Juliana Machado de Oliveira
 Kátia Silene Azalim
 Lílian Caídas Parrot
 Luciana Barros Guimarães
 Luciana de Lima
 Luciano Couri
 Marcelo Ricardo
 Maria Dei Carmen T.
 Maria Inês Prata Ramos
 Marina Morisson de Moraes
 Manha Lúcia Francia
 Minam Cristina dos S. Brandão
 Mônica G. ° Valente
 Mônica Menezes Oliveira
 Mônica Netto Ramos
 Roberto Carlos Lacordia
 Saulo de e Sica
 Simone de C. Ribeiro
 Ubiratan Corrêa
 Valmíria de
 Viviane Ribeiro de
 Roberto de M. e
 Zuleica Vieira Duarte